



Universidade de Brasília

Instituto de Psicologia

Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento

Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento e Escolar

Tese de Doutorado

**TORNAR-SE SOCIOEDUCANDO – UMA QUESTÃO DE ARTE:
PROCESSOS DE IMAGINAÇÃO E CRIAÇÃO NA SOCIOEDUCAÇÃO**

Rejane Matias Gomes da Silva

Agosto, 2023



Universidade de Brasília

Instituto de Psicologia

Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento

Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento e Escolar

Tese de Doutorado

**TORNAR-SE SOCIOEDUCANDO – UMA QUESTÃO DE ARTE:
PROCESSOS DE IMAGINAÇÃO E CRIAÇÃO NA SOCIOEDUCAÇÃO**

Rejane Matias Gomes da Silva

Tese apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília como requisito parcial à obtenção do título de Doutora em Psicologia do Desenvolvimento e Escolar, área de concentração Desenvolvimento Humano e Educação, linha de pesquisa processos educativos e psicologia escolar.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Lúcia Helena Cavasin Zabotto Pulino

Agosto, 2023

Banca Examinadora da Tese de Doutorado:

Prof^a. Dr^a. Lúcia Helena Cavasin Zabotto Pulino – Presidente

Universidade de Brasília

Prof^a. Dr^a. Patrícia Lima Martins Pederiva – Membro

Universidade de Brasília

Prof^a. Dr^a. Andréa Vieira Zanella – Membro

Universidade Federal de Santa Catarina

Prof^a. Dr^a. Lígia Rocha Cavalcante Feitosa – Membro

Universidade Federal de Santa Catarina

Dr^a. Juliana Regina Avelar da Nóbrega – Suplente

Universidade de Brasília

Agosto, 2023

À minha linda e amorosa família que a cada dia me faz sentir uma pessoa especial.

À minha doce mãezinha que sempre acredita e apoia meus sonhos.

Aos meus amados filhos Rafaela e Luís Felipe, pela esperança em dias melhores,
e ao meu companheiro César Alexandre, a quem Deus me entregou para ser cuidada.

É o homem que cria, constrói o texto; e é ele que é afetado por essa criação. A reação estética condensa emoções contraditórias, que se resolvem na geração de novas emoções. Assim, a obra de arte é uma *técnica social do sentimento*. E por isso mesmo a psicologia não poderia ignorar a expressão estética. (Vigotski, 2009, p. 130)

Agradecimentos

Agradeço imensamente à vida, à fé e à minha coragem de estar em espaços de educação marcados pela solidão e pelo desconforto.

Sinto-me uma pessoa muito privilegiada porque tenho uma família que me ama e me respeita, pessoas que merecem minha eterna gratidão e meu imenso amor.

Agradeço aos meus colegas de trabalho que participaram direta e indiretamente dessa pesquisa, professores que, assim como eu, acreditam na possibilidade de uma educação impulsionada pela Ética do Cuidado e pela Educação Estética.

Agradeço a minha querida orientadora Lúcia Helena que acreditou no meu trabalho e se dispôs a caminhar comigo nessa jornada de produção de saberes e sabores. Muito agradecida, Lu!

Não posso deixar de mencionar o quanto foi desafiador e doloroso enfrentar esse processo de produção intelectual, em um momento de pandemia mundial. Todos nós fomos atropelados pela crise sanitária causada pela COVID-19, fomos obrigados a aceitar uma nova dinâmica de se perceber e de estar no mundo. Essa situação de instabilidade emocional deixou-me marcas e, em muitos momentos da pesquisa, precisei interromper minhas ações e apoiar-me em cuidados médicos.

Agradeço aos colegas de doutorado Juliana Avelar, Elen, Fabrício, Marina, pelo apoio emocional e pelos momentos de análise e discussão do referencial teórico.

Agradeço ao PGPDE pelo apoio acadêmico tão imprescindível para a elaboração dessa tese.

Agradeço à Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal por ter autorizado o afastamento remunerado para estudos por quatro anos.

Agradecimentos à Secretaria de Justiça e Cidadania do Distrito federal pela parceria na execução do projeto.

Agradecimentos especiais aos meus alunos que participaram da pesquisa e acreditaram que, por meio desse trabalho, seria possível uma outra forma de se apresentarem à sociedade.

Conteúdo

Agradecimentos	vi
Conteúdo	viii
Lista de Figuras.....	xii
Lista de Tabelas	xiii
Lista de Siglas e de Abreviações	xiv
Resumo	15
Abstract.....	17
Introdução	19
Guardados a Sete Chaves	21
Capítulo 1 – A Institucionalização da Pobreza no Brasil e Suas Consequências Sociais.....	27
Sobre as Medidas Socioeducativas	30
A Simbiótica Relação Entre Pobreza e Socioeducação	33
A Pobreza e a Desigualdade Social – Fenômenos Históricos.....	35
A Delinquência e a Criminalização da Pobreza – Algumas Análises.....	37
Perfil dos Socioeducandos do Distrito Federal	39
Dezoito razões (Pela Não Redução da Maioridade Penal).....	48
Capítulo 2 – O Processo Criador e a Teoria Histórico-Cultural de Vigotski.....	55
Processos de Criação e Imaginação	56
A Imaginação Criadora na Adolescência	59

Capítulo 3 – “No Meio do Caminho Tinha Uma Escola...” Sempre de Portas Abertas Para Quem Precisa de Uma Segunda Chance!	63
A Escola Como um Lugar de Afetos – “Lugar Antropológico”	65
A Escolarização de Adolescentes em Cumprimento de Medida de Internação no Distrito Federal.....	70
Encontro da Professora com a Socioeducação	72
Em Defesa da Ética do Cuidado.....	76
Pensar a Escolarização à Luz da Ética do Cuidado.....	79
Pensar a Educação Estética como Ética do Cuidado.....	81
Interface Entre – A Moral e a Arte	81
Interface Entre – A Percepção da Realidade e a Arte.....	82
Interface Entre – O Sentimentalismo e a Arte	83
Rap: Um Ritmo Musical de “Menor”	86
Capítulo 4 – Metodologia	89
Contextualizando Tempos e Espaços da Pesquisa	90
Organização dos Dados a Partir das Letras de Rap – Composições Autorais Para os Festivais de Música	94
Dados Construídos a Partir da Coletânea “Socializando Sonhos– Vivências em Direitos Humanos– 2019”	97
Dados construídos a partir da coletânea socializando sonhos 2ª edição– 2021.....	103
Organização dos Dados a Partir da Entrevista	107

Organização dos Dados a Partir da Aplicação do Inventário de Necessidades e Interesses ...	112
Capítulo 5 – Discussão dos Resultados	114
Confissão de Atos Ilícitos, as Escolhas Equivocadas e o Arrependimento Pelas Ações Cometidas. A Mudança de Vida Como Uma Narrativa de Fé e Agradecimento Por Mais Um Dia de Vida.....	114
Denúncias Sobre as Desigualdades Sociais: Queremos Educação e Mais Saúde, Meu Irmão e Não Passar Pelo Purgatório de Uma Unidade de Internação	116
Aspirações Pessoais.....	117
Aspirações que Envolvessem Diretamente a Família.....	117
Aspirações de Bem-Estar Social.....	117
A Figura Materna Como Esteio da Família Traz Acalento, Refúgio e Fortaleza na Situação de Desespero	118
Núcleos de Significação (A Partir da Entrevista).....	120
A Composição Entendida Como Um Processo de Humanização: Forma de Conexão com Outros Jovens, com Outras Histórias, Forma de Redenção das Ações Cometidas	120
A Composição Entendida Como Um Processo de Cura – A Catarse da Criação	122
Discussão a Partir dos Resultados do Questionário de Motivações e Interesses	124
Capítulo 6 – Persistindo na Caminhada... ..	135
Capítulo 7 – No Meio do Caminho... Tinha um Muro: Um Caso de Abelha!.....	141
Referências.....	145

Anexo A – Transcrição da Entrevista Realizada com os Adolescentes Vencedores do Festival de Música (2021).....	154
Anexo B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), Entrevista.....	161
Anexo C – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), Aplicação do Questionário Para os Adolescentes – Levantamento de Necessidades e Interesses.....	163
Anexo D - Parecer Consubstanciado do CEP	164
Anexo E --Letras das Músicas de Rap Analisadas	167

Lista de Figuras

Figura 1	66
Figura 2	73
Figura 3	76
Figura 4	90
Figura 5	97
Figura 6	103

Lista de Tabelas

Tabela 1.....	41
Tabela 2.....	42
Tabela 3.....	44
Tabela 4.....	46
Tabela 5.....	99
Tabela 6.....	104
Tabela 7.....	110
Tabela 8.....	130

Lista de Siglas e de Abreviações

CAJE	Centro de Atendimento Juvenil Especializado.
Codeplan	Companhia de Planejamento do Distrito Federal.
CPF	Cadastro de pessoa física.
CRE	Coordenação Regional de Ensino.
DF	Distrito Federal.
DIEESE	Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos.
ECA	Estatuto da Criança e do Adolescente.
EJA	Educação para Jovens e Adultos.
FEBEM-SP	Fundação Estadual do Bem-Estar do Menor.
FPE	Funções psicológicas elementares.
FPS	Funções psicológicas superiores.
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.
NS	Núcleos de significação.
NUEN	Núcleo de Ensino.
PNAS	Programa Nacional de Assistência.
RAP-DF	Projeto Ressocialização, Autonomia e Protagonismo.
RG	Registro geral.
SDH/PR	Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República.
SECriança	Secretaria de Estado da Criança do Distrito Federal.
SEEDF	Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal.
SEJUS	Secretaria de Estado de Justiça e Cidadania.
SENAC	Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial.

SGPDCA	Sistema de Garantia e Proteção dos Direitos da Criança e do Adolescente.
Sinase	Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo.
SUBSIS	Subsecretaria do Sistema Socioeducativo.
THC	Teoria Histórico-Cultural.
UAI	Unidade de Atendimento Inicial.
UIBRA	Unidade de Internação de Brazlândia.
UIFG	Unidade de Internação Feminina do Gama.
UIP	Unidade de Internação de Planaltina.
UIPSS	Unidade de Internação Provisória de São Sebastião.
UISM	Unidade de Internação de Santa Maria.
UISS	Unidade de Internação de São Sebastião.
Unicef	Fundo das Nações Unidade para a Infância.
UNIRE	Unidade de Internação do Recanto das Emas.
UNISS	Unidade de Internação de Saída Sistemática do Recanto das Emas.

Resumo

O presente trabalho está pautado nos princípios teórico-metodológicos da psicologia histórico-cultural, de modo especial nos estudos de Vygotsky sobre imaginação e atividade criadora. Essa atividade constitui o humano, perpassando por toda sua existência e promovendo o desenvolvimento dos processos psíquicos superiores. O objetivo dessa pesquisa foi compreender processos criadores que emergem na e da situação de privação de liberdade em adolescentes que cumprem medida socioeducativa de internação. Associados a esse interesse, identificou-se como o contexto de pobreza e a situação de privação de liberdade atravessam os processos de criação e como a atividade imaginária constitui-se como movimento de denúncia, resistência e de autorregulação. A escola, nesse estudo, configurou-se como um espaço privilegiado de incentivo e acolhimento dos processos criadores, apostando na educação estética como uma forma de ampliar a compreensão do sujeito sobre si e sobre o mundo. A experiência estética é uma maneira de acessar o pensamento criador e a reflexão crítica, que são habilidades essenciais para o desenvolvimento humano. Com relação aos procedimentos de construção de informações, optou-se pela análise de letras de rap de autoria dos jovens que participaram do Festival de Música que ocorreu dentro da unidade de internação, nos anos de 2018 e 2020. As composições mostraram que há um contexto social complexo que influencia suas escolhas e comportamentos, mas que eles também são capazes de reconhecer seus erros e buscar mudanças positivas em suas vidas. A metodologia e as discussões dos resultados são apresentadas à luz da Análise dos Núcleos de Significação. No geral, os pré-indicadores apresentaram que o processo de composição das letras de rap é uma forma de expressão e de conexão entre os jovens no sistema socioeducativo. Tal atividade auxilia os adolescentes a lidarem com suas emoções e a se reconectarem com a sociedade de forma positiva. No entanto, ainda há uma percepção de que a sociedade os julgou por seu

passado criminoso e não pela pessoa que são, o que indica a importância de mais investimentos em programas de ressocialização que tenham como referência as pesquisas desenvolvidas nessa área.

Palavras-chave: escolarização, atividade criadora, socioeducação

Abstract

The present work is based on the theoretical-methodological principles of cultural-historical psychology, especially on Vygotsky's studies on imagination and creative activity. This activity constitutes the human being, permeating his entire existence and promoting the development of higher psychic processes. The objective of this research was to understand creative processes that emerge in and from the situation of deprivation of liberty in adolescents who are serving a socio-educational measure of internment. Associated with this interest, it was identified how the context of poverty and the situation of deprivation of liberty cross the processes of creation and how the imaginary activity is constituted as a movement of denunciation, resistance and self-regulation. The school, in this study, was configured as a privileged space for encouraging and welcoming creative processes, betting on aesthetic education as a way to broaden the subject's understanding of himself and the world. The aesthetic experience is a way to access creative thinking and critical reflection, which are essential skills for human development. With regard to the procedures for constructing information, we opted for the analysis of rap lyrics written by young people who participated in the Music Festival that took place within the inpatient unit, in the years 2018 and 2020. The compositions showed that there is a context social complex that influences their choices and behavior, but that they are also capable of recognizing their mistakes and seeking positive changes in their lives. The methodology and discussions of the results are presented in the light of the Analysis of Meaning Nuclei. In general, the pre-indicators showed that the process of composing rap lyrics is a form of expression and connection between young people in the socio-educational system. Such activity helps teenagers to deal with their emotions and to reconnect with society in a positive way. However, there is still a perception that society has judged them for their

criminal past and not for the person they are, which indicates the importance of more investments in resocialization programs that have research developed in this area as a reference.

Keywords: schooling, creative activity, socio-education

Introdução

Não seria justo deixar de expressar como este trabalho de pesquisa compõe e é composto por sentidos, emoções, lágrimas, cheiros, sons e olhares de uma professora que por muito tempo busca caminhar por esse território inóspito da socioeducação.¹ Uma das motivações dessa pesquisa é construir estradas, passagens, rotas, que suscitem discussões sobre tornar-se socioeducando, ou melhor, como esse processo de entendimento e autocompreensão se dá no tempo/espaço de uma unidade de internação.

Ao visitar documentos de referência sobre esse assunto, como o Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990, 1990) e a Lei nº 12.594, de 18 de janeiro de 2012 (2012), que institui o Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo (Sinase²), percebe-se uma redobrada preocupação do legislador em desaprovar a conduta do jovem que praticou um dano à sociedade e/ou a terceiros, como também, expressar a necessidade de responsabilizá-lo pelas consequências lesivas de seus atos. Tais objetivos firmados pelos documentos geram uma expectativa de que esse jovem seja capaz, ao final da medida socioeducativa, de reconhecer as consequências de suas atitudes e de perceber-se como agente desse processo de mudança.

As medidas socioeducativas possuem, segundo Adimari (2010, p. 33), “uma natureza híbrida: pedagógica e sancionatória” que articula repressão quando responsabiliza e restringe legalmente o adolescente e ético-pedagógica “que implica o desenvolvimento de ações educativas que visem à formação da cidadania”. Para Costa (2006), a socioeducação possui duas grandes modalidades: uma de caráter protetivo, destinada ao atendimento de crianças e adolescentes que

¹ No contexto dessa pesquisa, o termo socioeducação será empregado para designar o programa de atendimento técnico e pedagógico oferecido ao adolescente que cometeu ato infracional. Entende-se por medidas socioeducativas as previstas no art. 112 da Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990 (1990).

² O Sinase regulamenta a execução das medidas socioeducativas destinadas a adolescentes que pratiquem ato infracional.

tiveram seus direitos violados por ação ou omissão da família, da sociedade ou do Estado; e outra modalidade, voltada ao trabalho social e educativo, tendo como público os adolescentes em conflito com a lei, com vistas a prepará-los para o convívio social.

O que se percebe, porém, é que tal ação não é simples e muito menos pode ser descolada de reflexões sobre o processo de desenvolvimento humano. A complexa tarefa de “fazer esse caminho”, como processo de reconhecimento do sujeito em sua singularidade social e histórica, reclama um exercício árduo e contínuo. A atividade criadora, no entanto, torna-se uma possibilidade de mediação entre o sujeito e o mundo capaz de despertar emoções, sentimentos e percepções que a realidade e o cotidiano teimam em ofuscar.

Diante dessas análises, não se podem perder de vista a natureza social, cultural e identitária desse adolescente que de forma cruel passa despercebida aos olhos do Estado de Direito durante muitos anos e que, só ganha visibilidade, ao adentrar no sistema socioeducativo.

Ao mesmo tempo em que se observa, que se participa da dinâmica do funcionamento de uma unidade de internação, não há como não ser atravessado por questões inerentes à relação de “ser” e de “por que ser” professor em uma unidade de internação. Esta, embora não tenha sido a questão focal da pesquisa, parece não desprender do real alvo de análise, provocando pensamentos que fazem crer na indissociabilidade desses dois processos “tornar-se socioeducando” e “tornar-se docente na/da socioeducação”.

Este estudo está pautado nos princípios teórico-metodológicos da psicologia histórico-cultural, de modo especial nos estudos de Vygotsky sobre imaginação e atividade criadora. Essa atividade constitui o humano, perpassando por toda sua existência e promovendo o desenvolvimento dos processos psíquicos superiores.

Trata-se de uma pesquisa que traz como objetivo geral: compreender processos criadores que emergem na e da situação de privação de liberdade em adolescentes que cumprem medida socioeducativa de internação.

Associados a esse objetivo geral, tem-se os seguintes desdobramentos:

- Identificar como o contexto de pobreza e a situação de privação de liberdade atravessam os processos de criação;
- Problematizar a atividade criadora/imaginária como ação de resistência e de expressão de sentimentos (individual/social);
- Reconhecer a escola na unidade de internação como espaço privilegiado de acolhimento e de incentivo aos processos de criação;
- Analisar o que os socioeducandos pensam e sentem sobre o seu processo criador.

Norteados por esses desdobramentos, este estudo procurou oportunizar momentos de interlocução entre os adolescentes e a sociedade, de forma que o seu “grito” possa ressoar em outros espaços que não seja somente no sistema carcerário.

Guardados a Sete Chaves

Lembro-me como hoje meu primeiro dia oficial como pesquisadora na unidade de internação.

Embora já trouxesse na bagagem alguns anos de experiência profissional no sistema socioeducativo, seria a primeira vez que exploraria aquele espaço sem, em princípio, estar usando minhas lentes do magistério. Como pesquisadora, meu papel social é outro. Tento me afastar da escola para realmente me aproximar dela, enxergar suas singularidades, perceber sua dinâmica e seu poder de encantamento e de desilusão.

Optei por não realizar a pesquisa em unidades nas quais já trabalhei, delas já trazia muita poeira nos sapatos! Pretendia fazer um novo percurso, com objetivos específicos e uma incansável satisfação de estar ali como uma telespectadora. Bom, assim pensei!

Após todo o protocolo de apresentação, identificação e liberação, adentrei aquele território que, apesar de toda segurança de suas grades, arames, muros e portões, estava totalmente desprotegido do meu olhar atendo e curioso. Eu, armada com um crachá (de professora), um bloco de anotações e uma caneta esferográfica, ansiosa para materializar em palavras todas as percepções que vinham ao meu encontro e que possivelmente minha memória não teria condições de cuidar.

Meu “objeto de estudo” estava guardado a sete chaves, ou melhor, a sete portões. Eram sete camadas de isolamento que me separavam do meu destino. Confesso que, nos primeiros dias de atividade na unidade, não observei esse detalhe. O nervosismo e a apreensão sempre me acompanhavam. Tais sentimentos não eram causados pelo local, e muito menos pelo contato com os adolescentes, mas, pelo fato de que, para iniciar minhas observações, eu precisaria do consentimento e da colaboração de alguns colegas professores que lecionassem na escola da unidade.

Nas visitas posteriores, já comecei a contar os obstáculos e perceber que para se chegar até a escola, seria necessário passar por sete portões todos os dias (na verdade, quatorze, sete para ir e sete para voltar). São muitos portões, uns maiores, outros maiores ainda, todos com grades e alguns com enormes trancas. Passei a aceitá-los, tendo consciência de que “abrir portões” e “destrancar cadeados” seria uma constante cada vez que adentrasse àquele território.

Bom, lembrei-me imediatamente da fala da minha querida e saudosa avó que dizia “vou guardar isso a sete chaves”, alertando desavisados de que iria guardar um objeto “muito bem guardado”, sob a máxima proteção e vigília.

Sobre essa expressão portuguesa “guardar a sete chaves” tem-se a informação de que sua origem é do século XIII, época em que se guardavam joias e documentos da corte de Portugal em baús. Cada baú tinha quatro fechaduras e era aberto por quatro chaves distintas distribuídas entre os funcionários do reino. Logo, essas riquezas estavam protegidas a quatro chaves. Segundo a história, devido ao misticismo que envolve o número sete, com o passar dos anos o número quatro deu lugar ao número sete. E, até hoje, “guardar a sete chaves” está relacionado ao ato de guardar algo de valor financeiro, documental e sentimental com segurança e sigilo.

Em uma unidade de internação, guardam-se vidas, histórias, o cotidiano de jovens que ali habitam. Para uns, trata-se de uma carga muito valiosa: o filho, o irmão e o pai de alguém, a juventude da periferia, adolescentes que necessitam de um lugar na sociedade. Para a maioria, “a carne mais barata do mercado”, a carne negra.³ Os “ninguéns” que não têm coisa nenhuma.

Esse é o meu baú, a caixa de pandora que resolvi abrir. O território com o qual me comprometi, e para o qual vou olhar “de dentro e para dentro”, sentir sua textura, ouvir seus ruídos, descrever suas cores. Tentar descobrir seu fundo falso, observar os segredos que se escondem por detrás de várias camadas de tinta que precisam ser arranhadas, alcançadas e destacadas.

Assim como Epimeteu, ignorei todas as advertências e aceitei o “presente” e vou abri-lo, talvez encontre tristezas que me afligirão por muitas noites e mazelas com as quais terei que conviver pelo resto da vida, mas trago comigo a esperança de que esse trabalho possa juntar-se a outras vozes para compor um repertório cada vez mais robusto sobre a temática socioeducação.

Voltemos ao número sete! No dicionário de símbolos, esse número representa a totalidade, a perfeição, a consciência, o sagrado e a espiritualidade. Na Bíblia, esse número passa a simbolizar a perfeição e a conclusão, referindo-se em Gênesis que “no sétimo dia, Deus já havia concluído a

³ Referência à música *A carne* do grupo Farofa Carioca, de composição de Marcelo Yuka, Seu Jorge e Ulisses Cappellette (Farofa Carioca, 1998).

obra que realizara, e nesse dia descansou” (Bíblia Nova Versão Internacional, 2012, Gênesis, 2: 2–3). Já na numerologia, o número 7 indica a busca pela aprendizagem e pela perfeição, um portal que indica o processo de passagem do conhecimento para o desconhecido. Gostei desse final!

Nesse trabalho, o *sete*, além de me lembrar da quantidade de barreiras pelas quais passo toda vez que adentro esse território, também indica o número de capítulos que compõem esse trabalho investigativo. Não posso deixar de mencionar um dos elementos mais especiais dessa jornada, a doce lembrança de ouvir minha avó dizendo que devemos guardar nossos segredos a sete chaves.

Busquei, no decorrer desse trabalho, ressaltar a leveza e a satisfação com a quais realizo essa pesquisa, sem romantizar o trabalho docente em uma unidade de internação e muito menos sem deixar de tornar pública a precarização das condições em que vivem os adolescentes que lá estão. A atividade criadora e a experiência estética de Vigotski deram o tom que tanto tentei afinar no percurso dessa escrita que, embora realizada de forma particular, constitui-se em uma totalidade de afetos e perceptos.

No primeiro capítulo da tese, apresentam-se questões relativas à institucionalização da pobreza no Brasil e suas consequências sociais, problematizando-se os discursos e as práticas que se organizam em torno do fenômeno da institucionalização de adolescentes envolvidos em atos de criminalidade.

No segundo capítulo, propõe-se a reflexão sobre o processo criador na perspectiva da psicologia histórico-cultural de Vigotski, compreendendo a imaginação como formação especificamente humana, intrinsecamente relacionada à atividade criadora do homem, defendendo que o trabalho pedagógico deve ser orientado para a experiência estética (emoção e arte).

Para Vigotski (1996, 1998), a atividade de criação na adolescência adquire formas distintas da atividade de criação de uma criança e de um adulto, visto que a imaginação depende de dois fatores para organizar seu repertório criador, destacam-se nesse processo a experiência e o interesse/motivação.

O capítulo três, intitulado “*No Meio do Caminho Tinha Uma Escola...” Sempre de Portas Abertas Para Quem Precisa de Uma Segunda Chance!*, problematiza o funcionamento da escolarização na socioeducação. Todas as dificuldades encontradas no contexto da escola regular são acentuadas pela adversidade e austeridade do local institucionalizado para o cumprimento de medida socioeducativa de internação. Tendo em vista os enfoques teóricos advindos da Psicologia do Desenvolvimento Humano (Dessen & Costa Jr., 2008), da Psicologia da Arte (Vigotski, 1999), esta pesquisa busca centrar esforços para propor atitudes que possam tornar este ambiente escolar propício para o resgate e desenvolvimento de potencialidades criadoras.

A metodologia e as discussões dos resultados são apontadas nos capítulos quatro e cinco, respectivamente. A pesquisa foi dividida em três momentos, sendo a primeira, a análise das letras de rap (composição autoral dos adolescentes), a segunda etapa foi a realização de entrevista e por último, aplicou-se um questionário de necessidades e interesses. Os dados construídos a partir dessas estratégias foram (re)visitados e analisados sob a ótica dos núcleos de significação, por tratar-se de uma proposta histórico-dialética de apreensão e reconstituição de sentidos e significados que escapam à dimensão objetiva da realidade.

Persistindo na Caminhada... foi o nome dado ao sexto capítulo que potencializa a atividade imaginária e os processos de criação como fenômenos de resistência. Ressalta-se que quando a escola se propõe a mediar esses momentos e os torna parte integrante do seu fazer pedagógico, passa a construir um ambiente atravessado pela educação estética, passa a dar visibilidade aos

sujeitos que querem contar suas histórias, que necessitam tornarem-se sujeitos por meio de sua expressão artística.

O último capítulo traz a proposta de que a escolarização na socioeducação deve ter como premissa a educação estética, promovendo atitudes criadoras e revolucionárias, embaladas pela Ética do Cuidado e constituindo-se como um espaço de descobrimentos, de reflexão, de possibilidades de tornar-se humano.

Capítulo 1 – A Institucionalização da Pobreza no Brasil e Suas Consequências Sociais

Os discursos e as práticas que se organizam em torno do fenômeno da institucionalização de adolescentes envolvidos em atos de criminalidade têm um histórico de intervenções sociais e políticas pautadas na segurança e ressocialização dos sujeitos que oferecem risco à ordem e ao progresso da sociedade.

Segundo Rizzini (2011b), o envolvimento de adolescentes com a criminalidade urbana tornou-se um problema social no Brasil a partir do século XX. Tal situação exigiu do poder público duas frentes de atuação, uma que procurasse explicar a possível origem desse envolvimento dos jovens com o crime, e a outra, centrada na exigência de que o poder público investisse em medidas para conter esse fenômeno, elaborando metodologias de “recuperação desses delinquentes sociais”.

Em decorrência do processo de industrialização, do crescimento urbano e, conseqüentemente, das mudanças engendradas pelo processo de modernização das formas de organização social, o surgimento da presença de crianças e adolescentes pobres nas ruas das cidades e seu eventual envolvimento em atos ilícitos passaram a ser vistos como um problema de ordem social, que ficaria conhecido como a “questão do menor” (Rizzini, 2011a, p. 121).

Logo, sendo a rua um local de “não-trabalho”, um espaço onde as crianças não teriam um ambiente seguro e saudável para seu crescimento moral, surgem projetos de instituições em São Paulo e Rio de Janeiro com a intenção de corrigir condutas desviantes dos adolescentes que se encontravam em situação de rua.

Desde seu projeto inicial, a institucionalização tem como premissa a desaprovação do ato ilícito e a retirada do adolescente pobre de sua comunidade de origem, prometendo a correção

moral de sua conduta em ambiente fechado, isolado de sua família, substituindo os cuidados desta, pelo serviço técnico-pedagógico- assistencialista-disciplinar do Estado.

Contrapondo-se às famílias como *locus* de educação de parte das crianças e dos adolescentes pobres, a internação nas unidades da Fundação Estadual do Bem-Estar do Menor (FEBEM-SP) propunha substituir os cuidados familiares por outros, técnico-assistenciais. Supostamente, os cuidados assistenciais teriam a habilidade de detectar as falhas no processo educativo familiar de sua clientela e de corrigi-la, viabilizando a construção de identidades relacionadas ao mundo do trabalho e da ordem (Paula, 2015).

Autores como Alvarez (1989) e Paula (2011) sinalizam que o que impulsionou a criação de um sistema de justiça específico para crianças e adolescentes e a promulgação do primeiro Código de Menores, publicado em 1927, foi justamente a transformação da infância e adolescência pobre em questão social, consolidando a chamada “questão do menor”. E, na oportunidade, ressaltam que o Código de Menores elegeu a internação como principal estratégia de recuperação das condutas juvenis indesejáveis e como ação privilegiada na prevenção da criminalidade adulta.

Percebe-se que a internação em sua gênese fora um empreendimento social, uma indústria da “correção”, cujos objetivos eram empregar uma metodologia de reforma moral ao indivíduo desviado, com o intuito de transformá-lo em um sujeito economicamente ativo, deixando de ser um problema de Estado para ser mais um colaborador da sociedade moderna.

Contudo, devido a uma série de fatores, incluindo excesso populacional, falta de funcionários, permanência de práticas de tortura, etc., esse dispositivo de poder pouco se aproximou de seus objetivos iniciais, trazendo descrédito a esse projeto. Nesse contexto de desgaste e de descrença nas instituições de internação, surgem novas práticas de tutela, uma delas ficou conhecida como liberdade assistida comunitária da Pastoral do Menor (Paula, 2015). Uma

experiência de gestão, organizada principalmente a partir das articulações entre a igreja católica e a sociedade civil, que fez emergir reflexões em direção à defesa de direitos humanos, principalmente com relação à percepção do adolescente pobre como sujeito de direitos.

Com a redemocratização do país, a garantia de direitos passou a ser um tema central no cenário político. Nesse contexto, a Constituição Federal, de 1988, e o ECA, de 1990, redefiniram juridicamente as crianças e os adolescentes pobres enquanto sujeitos de direito e não mais como objeto da tutela do estado, como ocorria nos anteriores Código de Menores de 1927 e 1979 (Paula, 2015).

Em seu primeiro artigo, o ECA já diz a que veio: “Esta Lei dispõe sobre a proteção integral à criança e ao adolescente” (Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990, 1990). No rol de todos os seus 267 artigos não há dúvidas sobre a preocupação do legislador em oferecer ao Estado, à Família e ao Poder Público ferramentas legais para a promoção de proteção integral para crianças e adolescentes. Com o estatuto, surgem dispositivos legais que zelam pela defesa e promoção dos direitos da criança e do adolescente em âmbito federal.

Para Paula (2015), o ECA marca, sobretudo, um novo deslocamento discursivo, no qual houve uma ruptura com a categoria “menor” e a perda da centralidade dos debates em torno do problema da marginalização social, para surgirem novas interpretações sobre as condutas e desvios juvenis, que apresentaram o tema da pobreza a partir da garantia ou violação de direitos.

Esse deslocamento do entendimento de que o jovem que hoje está no sistema socioeducativo também é um sujeito de direitos é muito novo, só a partir 1980 que foi possível compreender que essa parcela da população sofre com a ausência do Estado na proteção e garantia de necessidades fundamentais. Esses adolescentes são invisíveis enquanto seus direitos são

brutalmente violados, só ganham notoriedade ao praticarem uma infração, pois entram nas estatísticas.

Na maioria dos casos é somente por meio da medida socioeducativa que esses indivíduos passam a ter acesso a direitos civis como ao registro geral (RG), ao cadastro de pessoa física (CPF), ao título de eleitor e à carteira de trabalho, documentos oficiais que comprovam a existência social de qualquer sujeito de direitos. Além disso, segundo o levantamento do Conselho Nacional do Ministério Público (2012–2013), referente às inspeções anuais, realizadas por promotores da justiça à unidade de internação, os adolescentes em conflito com a lei (maioria absoluta) não têm qualquer consciência quanto ao direito de voto e muito menos quanto a atos civis que podem praticar.

A exclusão social, nesse contexto, reflete duplamente a omissão do Estado brasileiro em relação a esses sujeitos, pois, além de não ter oferecido a proteção necessária à infância e à adolescência de forma preventiva, quando na situação de internação há outros tipos de violação de direitos a que são expostos. A música nos alerta *sobre essa política de ausência* do Estado que promove o apagamento desse jovem como um cidadão de direito.

Sobre as Medidas Socioeducativas

As Medidas Socioeducativas são sanções aplicadas a adolescentes autores de atos infracionais e estão previstas no art. 112 do ECA (Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990, 1990). Apesar de configurar-se como uma resposta à prática de um delito, apresentam um caráter predominantemente educativo e não somente punitivo.

Na legislação brasileira, a medida socioeducativa é, ao mesmo tempo, sanção e oportunidade de ressocialização. São previstas seis diferentes indicações: advertência, obrigação

de reparar o dano, prestação de serviços à comunidade, liberdade assistida, semiliberdade e internação.

Para esse recorte de pesquisa, destaca-se a internação que se constitui em medida de restrição e privação da liberdade, sujeita aos princípios de brevidade, excepcionalidade e respeito à condição peculiar da pessoa em desenvolvimento (Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990, 1990).

O atendimento em regime de internação é realizado em unidades de privação de liberdade, isto é, estabelecimentos onde os adolescentes que cometem atos infracionais ficam internos em tempo integral; mesmo que realizem alguma atividade externa, não podem sair sem expressa permissão da autoridade competente (Volpi, 2001).

A internação em estabelecimento educacional é uma medida socioeducativa de privação de liberdade do/a adolescente e a semiliberdade é uma medida de restrição, e deverão ser aplicadas naqueles casos mais graves, pelo período estritamente necessário à conclusão do processo de responsabilização do adolescente, conforme avaliação da autoridade judiciária, atentando-se ao prazo máximo de 03 (três) anos ou até completar 21 (vinte) anos. (Levantamento anual Sinase, 2017, p. 26)

Tal medida socioeducativa é marcada por uma visível e palpável tensão entre a teoria que permeia os marcos legais de garantias de direitos e a sua execução. Atualmente, a realidade de padronização de ações, violência física e moral, instalações austeras com espaço físico inadequado para todas as atividades propostas, incluindo a escolarização, é uma situação recorrente na maioria dos centros socioeducativos. Percebe-se um verdadeiro descompasso entre o que está garantido

por lei (Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990, 1990; Lei nº 12.594, de janeiro de 2012⁴, 2012) e o que se apresenta para o jovem.

No Brasil, lamentavelmente, muitos centros socioeducativos possuem características similares às unidades do sistema penitenciário. Ao longo dos anos, signatariamente, as instituições de privação de liberdade para adolescentes foram aderindo às práticas carcerárias. É possível que isso tenha ocorrido quando, posteriormente à promulgação do ECA, se passou a negar o modelo existente de atendimento que estaria atrelado ao antigo Código de Menores. Quando a normativa promulgada trouxe princípios e diretrizes para fazer, mas não deu orientações sobre o como fazer, os profissionais mais experientes e os novos adaptaram outros modelos para delinear a prática. O Distrito Federal (DF) tem seis unidades de internação estrita, uma unidade de atendimento inicial e uma de internação provisória:

- Unidade de Internação do Recanto das Emas (UNIRE);
- Unidade de Internação de Saída Sistemática do Recanto das Emas (UNISS);
- Unidade de Internação de Planaltina (UIP);
- Unidade de Internação de Santa Maria (UISM);
- Unidade de Internação de São Sebastião (UISS);
- Unidade de Internação Provisória de São Sebastião (UIPSS);
- Unidade de Atendimento Inicial (UAI);
- Unidade Feminina do Gama (UIFG).

Uma das ênfases dadas em todos os documentos que norteiam o atendimento socioeducativo é de que o caráter sancionatório da medida não deve suprimir o seu caráter

⁴ O Sinase (Lei nº 12.594, de 18 de janeiro de 2012, 2012) é o conjunto ordenado de princípios, regras, critérios, de caráter jurídico, político, pedagógico, financeiro e administrativo, que envolve desde o processo de apuração de ato infracional até a execução de medida socioeducativa.

pedagógico (Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990, 1990; Lei nº 12.594, de janeiro de 2012, 2012). Trata-se hoje de um dos grandes desafios para todos os profissionais que atuam no sistema e, principalmente, para o professor que atua em escolas dentro das unidades de internação.

A Simbiótica Relação Entre Pobreza e Socioeducação

As pulgas sonham com comprar um cão, e os ninguéns com deixar a pobreza, que em algum dia mágico a sorte chova de repente, que chova a boa sorte a cântaros; mas a boa sorte não chove ontem, nem hoje, nem amanhã, nem nunca, nem uma chuvinha cai do céu da boa sorte, por mais que os ninguéns a chamem e mesmo que a mão esquerda coce, ou se levantem com o pé direito, ou comecem o ano mudando de vassoura. Os ninguéns: os filhos de ninguém, os donos de nada. Os ninguéns: os nenhuns, correndo soltos, morrendo a vida, fodidos e mal pagos:

Que não são, embora sejam.

Que não falam idiomas, falam dialetos.

Que não praticam religiões, praticam superstições.

Que não fazem arte, fazem artesanato.

Que não são seres humanos, são recursos humanos.

Que não tem cultura, têm folclore.

Que não têm cara, têm braços.

Que não têm nome, têm número.

Que não aparecem na história universal, aparecem nas páginas policiais da imprensa local.

Os ninguéns, que custam menos do que a bala que os mata. (Galeano, 2002, s/n)

Iniciaremos essa discussão convidando os sujeitos de Galeano (2002) para a roda.

Convidando “os que não são, embora sejam”, “os filhos de ninguém, os donos de nada”, “àqueles

sobre quem ninguém quer falar” e, principalmente, “com àqueles que não devemos perder tempo”, “os nenhuns”. Assim, propomos o início da apresentação dos atores dessa pesquisa, jovens e adolescentes que cumprem medida socioeducativa de internação no DF. Os ninguéns que, de tão invisíveis, não precisam de RG, nem de CPF, pois não são coisa alguma para o Estado de Direito. Uma triste constatação, os “ninguéns” da pobreza, “que não aparecem na história universal”, e que compõem o quantitativo do sistema penal brasileiro.

Ao adentrar no sistema socioeducativo, acontece um fenômeno interessante com o pronome indefinido “ninguém”, que, em princípio, tem um sentido vago, impreciso, negativo. “Ninguém” não tem rosto e nem história, o que se registra sobre ele está basicamente ligado à sua ação, ou melhor, à sua infração. Dentro do sistema, porém, passa a manifestar-se como outro pronome, adquire o status de “aquele”, pronome não menos pejorativo que o primeiro, contudo, agora um pouco mais real, específico, sobre o qual se podem fazer algumas observações e dar algumas sentenças: “àquele que abandonou à escola e fugiu de casa”, “àquele cuja mãe não tem mais domínio”, “àquele inimigo da sociedade que não têm nada a perder, por isso merece morrer”. Progredindo para o substantivo – o marginal, o delinquente, o peba, o de menor.

Como em uma sociedade capitalista as pessoas só valem o que têm, não ter nada pode significar não ser “ninguém”. Mas, de acordo com os documentos que apresentam dados socioeconômicos sobre essa população carcerária, os “ninguéns” têm idade, cor, raça e endereço e, se fossem foco de políticas públicas eficazes de inclusão social e atendimento prioritário, poderiam ter outra história de vida para contar.

Os dados, estudos e pesquisas apontam para a relação direta entre pobreza e marginalização da adolescência. Esse desenho apresenta a realidade de vulnerabilidade social em que vivem 35% dos nossos jovens.

Como proposta de análise, encontramos na definição de simbiose uma analogia possível entre o fenômeno que envolve o sistema socioeducativo e a pobreza. Segundo o Dicionário Aurélio de Língua Portuguesa (n.d.), *simbiose* significa a interação entre duas espécies de natureza distintas que convivem, podendo também ser caracterizada por uma associação íntima entre duas espécies que buscam a sobrevivência.

A propósito desse estudo, a simbiose entre o encarceramento e a pobreza se constitui pela verdadeira ditadura da punição sobre os pobres, legitimando a gestão autoritária do Estado sobre os mais fracos, sobre os desajustados socialmente, sobre os infratores e delinquentes.

Ao analisarmos alguns documentos sobre essa temática, em especial a “Pesquisa Socioeconômica em Territórios de Vulnerabilidade Social no Distrito Federal” (Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos [DIEESE], 2011) e o “Perfil e Percepção Social dos Adolescentes em Medida Socioeducativa no Distrito Federal” (Companhia de Planejamento do Distrito Federal [Codeplan], 2013), demonstraremos um possível caminho para a relação simbiótica entre a pobreza e o sistema socioeducativo, tratando os dados à luz dos teóricos Foucault e Wacquant, estudiosos que já sistematizaram várias discussões sobre essa imbricada relação de vigilância e punição implementadas pelo Estado sobre as camadas mais pobres da população.

A Pobreza e a Desigualdade Social – Fenômenos Históricos

A pobreza e a desigualdade social são fenômenos históricos (Garcia, 2018), suas concepções, causas e soluções são da ordem da diversidade e da complexidade (Garcia & Yannoulas, 2017). Na perspectiva desse trabalho, adotaremos o seguinte panorama sobre a definição de pobreza, tendo em vista que sua medição acaba deixando de fora das estatísticas um

percentual populacional que também vive em péssimas condições, mas não é considerado oficialmente pobre (Garcia, 2018, p. 124):

Pobreza é a condição de quem é pobre, ou seja, que **não tem as condições básicas para garantir a sua sobrevivência com qualidade de vida e dignidade**. A pobreza também costuma se referir à classe social e econômica das pessoas que são pobres.

A pobreza pode se caracterizar por abranger diferentes aspectos da vida dos indivíduos, como, por exemplo, a carência de bens e serviços essenciais para a vida: alimentação, vestuário, cuidados com a saúde, alojamento etc. A carência social também é uma das principais características da pobreza, ou seja, a incapacidade das pessoas que participarem de modo igualitário na sociedade. Esta situação está associada ao conceito de *exclusão social*.

Para determinar pobres e não pobres sob a ótica monetária é necessário optar por uma linha de corte. A escolha de uma linha (nacional ou diferenciando as regiões do país, quer dizer, variando segundo o nível de vida local) costuma ser influenciada por critérios científicos, administrativos, políticos, de disponibilidade de dados e mesmo por preferências dos pesquisadores (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística [IBGE], 2017). Cabe ainda destacar aqui que a pobreza tem cor, gênero e idade, intensificando a condição de penúria de determinados segmentos populacionais.

No que se refere ao termo vulnerabilidade social, adotar-se-á o conceito utilizado pelo Programa Nacional de Assistência (PNAS, 2004), em que a população vulnerável é delimitada, sempre no contexto familiar, mediante nove combinações excludentes de atributos relativos, principalmente, à renda per capita, tamanho, tipo, chefia e composição familiar (DIEESE, 2011).

A Delinquência e a Criminalização da Pobreza – Algumas Análises

Para Wacquant (2003), o Estado tem estratégias bem-organizadas para a gestão e contingência do fluxo crescente de famílias em situação de vulnerabilidade, dos “marginais de rua”, dos jovens desocupados e, especialmente, de controle da violência que se acumula nos bairros. Segundo ele, o desdobramento desta *política estatal de criminalização das consequências da miséria de Estado* opera segundo duas modalidades principais: A primeira e menos visível consiste em transformar os serviços sociais em instrumentos de vigilância e controle das novas “classes perigosas” (Wacquant, 2003, p. 28); e o segundo componente dessa política seria o “recurso maciço e sistemático ao encarceramento” (p. 28). Sobre esse último recurso de “contenção repressiva” da pobreza, o autor denuncia a gravidade dessa ação, quando apresenta com dados que o encarceramento atinge prioritariamente a população negra.

Outro ponto da denúncia do autor se volta à questão de que o encarceramento tornou-se assim uma verdadeira indústria, e uma indústria muito lucrativa, porque nos Estados Unidos, com a política “tudo penal” (entre 1984 a 1994) estimulou o crescimento exponencial do setor das prisões privadas.

Em seus estudos minuciosos sobre o sistema penal norte-americano e seus dispositivos de enquadramento penal, Wacquant (2003) acrescenta a instauração do toque de recolher que estrategicamente visa banir a presença noturna dos jovens de rua, particularmente nos guetos e arredores. Não se sabe se essa medida contribui para a diminuição dos índices de violência ou se simplesmente a desloca para outras áreas, o que o autor acredita é que tal medida seja eficaz para aumentar as chances de encarceramento dos habitantes das zonas urbanas em situação de abandono.

A nova penologia que vem se instalando não tem por objetivo “reabilitar” os criminosos, mas sim “gerenciar custos e controlar populações perigosas” e, na falta disso, estocá-los em separado para remediar a incúria dos serviços sociais que não se mostram nem desejosos nem capazes de tomá-los sob sua responsabilidade (Wacquant, 2001, p. 32).

Sendo assim, a ascensão do Estado penal americano responde assim não ao aumento da criminalidade, que permaneceu constante durante muitos anos, mas ao deslocamento social provocado pelo desengajamento do Estado com as políticas de assistência social.

Foucault (2014) acrescenta a essa gestão (pensada e organizada) da miséria outros atributos, quando afirma que a prisão é um aparelho disciplinar exaustivo e que o governo, além de dispor da liberdade do indivíduo, controla seu condicionamento físico, moral e comportamental e traz consigo o direito de punir.

Para os autores Foucault e Wacquant, a prisão não passa de um importante sistema de documentação individualizante e permanente. Tal conhecimento gera um “saber” sobre o sujeito que deve servir de sistema regulador para o exercício da prática penitenciária. O panóptico penitenciário cumpre bem o seu papel de vigiar e punir o detento.

A ineficácia das prisões para reprimir a violência, diminuir as taxas de criminalidade e, ainda, ressocializar a delinquência também é apontada pelos autores, ratificando que a missão histórica do encarceramento serve bem antes ao controle e regulação da miséria do que, propriamente, à eliminação da violência nos meios urbanos.

Foucault (2012) defende que o aspecto mais contraditório do sistema penal é a coexistência de prisões, acrescenta que sua ineficácia é historicamente comprovada com dados factuais de que a maioria das pessoas que saem da prisão recomeça fatalmente a cometer delitos. Apresenta a prisão como uma fábrica de delinquentes. A fabricação da delinquência pela prisão não é um

fracasso desta, e sim seu sucesso, uma vez que ela foi pensada, historicamente, também para esse fim.

Perfil dos Socioeducandos do Distrito Federal

Recorremos ao documento “Perfil e Percepção Social dos Adolescentes em Medida Socioeducativa no Distrito Federal” (Codeplan, 2013), publicado em parceria com a então Secretaria de Estado da Criança do Distrito Federal (SECriança),⁵ para apresentar características importantes dos jovens que pertencem ao sistema socioeducativo.

Trata-se de um relatório em que são apresentadas tabelas (número e percentual) divididas por quesitos como raça/cor, idade, local de moradia, que não trazem nenhuma interpretação, análise e/ou reflexão social, política mais abrangente dos fatos e muito menos uma contextualização histórico-cultural. Tais dados apenas funcionam como um instrumento descritivo que oferece um panorama quantitativo sobre o perfil do público que é atendido pelo sistema socioeducativo no DF. Segundo o próprio documento, este levantamento foi uma demanda da SECriança, em 2012, para obter, divulgar e trabalhar com informações de qualidade sobre a organização do sistema socioeducativo.

Foram entrevistados adolescentes em todas as unidades de cumprimento de medida socioeducativa do DF: Unidades de Atendimento em Meio Aberto, Unidades de Semiliberdade e Unidades de Internação. Foram abordadas questões sobre perfil socioeconômico, como sexo, raça/cor, idade, religião, nupcialidade, fecundidade, escolarização, renda e trabalho, sobre o ato

⁵ Atualmente, denominada por Secretaria de Estado de Políticas para Crianças, Adolescentes e Juventude, foi criada em janeiro de 2011 e ampliada em 2015 ao incorporar a Subsecretaria da Juventude à sua tutela administrativa. A nova Secretaria, segundo seu regimento interno, vai assegurar a plenitude das condições indispensáveis ao crescimento e desenvolvimento saudáveis da infância, adolescência e juventude, seguindo as normas do ECA e sempre em parceria com os demais órgãos públicos do DF. É composta por cinco subsecretarias, que são: A Subsecretaria de Políticas para Criança (Subpolíticas), a Subsecretaria de Proteção da Criança e do Adolescente (Subproteca), a Subsecretaria do Sistema Socioeducativo (Subsis), Subsecretaria de Administração Geral (Suag) e a Subsecretaria da Juventude (Subjuv; Distrito Federal, 2018).

infracional, incluindo aspectos como reincidência e quantidade de passagens pelo sistema socioeducativo, e sobre a experiência dos adolescentes na vida e no cumprimento da medida, como histórico de violência, sensação de segurança, acesso a atividades físicas, cultura e lazer, áreas de interesse para capacitação profissional e histórico sociofamiliar.

No que se refere a esse documento, enfatizaremos em nosso estudo apenas os dados referentes à internação, tendo em vista que um de nossos objetivos é conhecer o perfil do adolescente que cumpre medida socioeducativa de internação, no sentido de que conhecer é “ver”, é reconhecer suas existências enquanto sujeitos de direito.

Analisaremos também o “Levantamento Anual dos/as Adolescentes em Cumprimento de Medida Socioeducativa” (Brasil, 2012). Trata-se de um relatório elaborado pela Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República (SDH/PR), publicado em 2014, com o objetivo de compilar os dados enviados pelas unidades de internação para apresentar um panorama nacional do atendimento socioeducativo nos estados brasileiros. Cabe ressaltar que tal relatório não traz a informação cor/raça em seus dados. Por esse motivo, não houve a comparação, nesse quesito, dos dados nacionais com os resultados do DF.

Outro documento que será apresentado nesse trabalho é a “Pesquisa Socioeconômica em Territórios de Vulnerabilidade Social no Distrito Federal” (DIEESE, 2011). Teremos como referência de estudo o Produto 6, que é o “Relatório Analítico Final da Pesquisa Socioeconômica em Territórios de Vulnerabilidade Social no Distrito Federal”; tal documento apresenta os principais resultados da pesquisa que foi realizada entre os meses de agosto a dezembro de 2011, cujo objetivo era produzir um conjunto de informações para subsidiar a ação de gestores e atores sociais na formulação de análises e propostas de ação em relação às questões relativas às populações em vulnerabilidade social e ao mundo do trabalho.

Com a apresentação dos dados dos três documentos, propomos promover um comparativo para traçar um panorama de relações entre sistema socioeducativo e a pobreza, analisando como esse processo simbiótico de controle e punição é um projeto histórico de manutenção da gestão da pobreza nas sociedades em desenvolvimento.

Na Tabela 1, poderemos acompanhar informações relacionadas à idade adolescentes em medida de internação. Já na Tabela 2, tem-se a informação do percentual de raça/cor.

Tabela 1

Número e Percentual de Adolescentes em Medida de Internação por Idade e Unidade de Internação

Idade	UIPP		UNIRE		UIP		Total	
	<i>N</i>	%	<i>N</i>	%	<i>N</i>	%	<i>N</i>	%
13	0	0,0	1	0,6	0	0,0	1	0,2
14	11	3,8	3	1,8	1	1,2	15	2,8
15	20	6,9	8	4,7	7	8,6	35	6,5
16	39	13,5	19	11,2	19	23,5	77	14,3
17	102	35,4	47	27,6	19	23,5	168	31,2
18	72	25,0	52	30,6	20	24,7	144	26,7
19	33	11,5	32	18,8	9	11,1	74	13,7
20	10	3,5	8	4,7	6	7,4	24	4,5
Sem informação	1	0,3	0	0,0	0	0,0	1	0,2
Total	288	100,0	170	100,0	81	100,0	539	100,0

Nota. UIPP = Unidade de Internação Provisória de São Sebastião; UNIRE = Unidade de Internação do Recanto das Emas; UIP = Unidade de Internação de Planaltina. Adaptado de “Perfil e Percepção Social dos Adolescentes em Medida Socioeducativa no Distrito Federal”, por Companhia de Planejamento do Distrito Federal (2013), p. 29.

Tabela 2

Número e Distribuição Percentual de Adolescentes em Medida de Internação por Raça/Cor, Segundo a Unidade

Raça/cor	UIPP		UNIRE		UIP		Total	
	<i>N</i>	%	<i>N</i>	%	<i>N</i>	%	<i>N</i>	%
Negra	235	81,6	130	76,5	66	81,5	431	80,0
Não negra	43	14,9	36	21,2	12	14,8	91	16,9
Sem informação	10	3,5	4	2,4	3	3,7	17	3,2
Total	288	100,0	170	100,0	81	100,0	539	100,0

Nota. UIPP = Unidade de Internação Provisória de São Sebastião; UNIRE = Unidade de Internação do Recanto das Emas; UIP = Unidade de Internação de Planaltina. Adaptado de “Perfil e Percepção Social dos Adolescentes em Medida Socioeducativa no Distrito Federal”, por Companhia de Planejamento do Distrito Federal (2013), p. 27.

A idade mais recorrente no sistema socioeducativo, no âmbito do DF, com relação à internação, foi de 17 anos, esse número está em consonância com dados nacionais obtidos pelo “Levantamento Anual dos/as Adolescentes em Cumprimento de Medida Socioeducativa” (Brasil, 2012). Neste relatório, a faixa etária 16–17 anos representa 54% dos jovens em restrição ou privação de liberdade na esfera nacional. O sexo masculino é majoritário no sistema, correspondendo a 95% dos internos. O documento nacional traz, ainda, a informação de que o número de unidades exclusivamente femininas é de 35 no Brasil, comparado a um total de 452 unidades masculinas.

No que se refere à raça/cor, na medida de internação, a participação de negros é de 80%. Em todas as unidades de todas as medidas socioeducativas, os percentuais de negros são superiores ao da população em geral no DF, que fica em torno de 55%.

Como o documento nacional não traz essa informação, não há como realizar nenhum comparativo direto, mas, segundo estudos sobre o encarceramento juvenil e adulto no Brasil, a

incidência de homens negros no sistema penitenciário é superior à incidência de homens não-negros. Esse dado reafirma a vulnerabilidade histórica da juventude negra, discriminada e marginalizada, frequentemente associada à criminalidade. A falta de acesso da população a bens, serviços, cultura e lazer evidentemente deixa esse grupo à mercê da força de vontade individual para superar os entraves impostos pela organização social (Codeplan, 2013).

Quando olhamos para outros estudos, essa “desproporção racial” é ainda mais evidente entre os jovens que, segundo Wacquant (2001), são o primeiro alvo da política de penalização da miséria, uma vez que, a todo o momento, mais de um terço dos negros entre 18 e 29 anos é detido e colocado sob a autoridade de um juiz.

Em seus estudos sobre o fenômeno do encarceramento nos Estados Unidos, Wacquant denuncia que o aumento rápido e contínuo da distância entre brancos e negros não resulta de uma súbita divergência em sua propensão a cometer crimes e delitos, mostra acima de tudo o caráter fundamentalmente discriminatório das práticas policiais e judiciais implementadas no âmbito da política “lei e ordem” implementada pelo Estado.

O documento Vulnerabilidade da População Negra do DF ressalta que a vulnerabilidade social a qual esses jovens negros estão submetidos torna-se maior quando relacionados ao seu local de moradia, do total da população, 3,6% residem em aglomerados subnormais, onde 70,4% da população são negros. Portanto, foram verificadas as informações sobre os jovens nessas localidades. Nelas, os maiores percentuais de jovens negros estão no Condomínio Morada Nobre (85,6%), na Vila Rabelo (82,6%) e na chamada Invasão da Quadra 305 (81,3%). Em todos os aglomerados subnormais do DF, o percentual de jovens negros é superior a 60%.

Com relação ao local de moradia dos jovens que estão em restrição de liberdade, 109 entrevistados (20%) afirmaram ser a satélite de Ceilândia seu local de residência fixa. Tal informação pode ser comprovada pela Tabela 3.

Tabela 3

Número e Distribuição Percentual dos Adolescentes em Medida de Internação por Local de Residência

Local de residência	Adolescentes	
	<i>N</i>	%
Ceilândia	109	20,2
Samambaia	72	13,4
Recanto das Emas	45	8,3
Planaltina	40	7,4
Santa Maria	33	6,1
Taguatinga	27	5,0
São Sebastião	24	4,5
Gama	22	4,1
SCIA/Estrutural	21	3,9
Sobradinho	18	3,3
Itapoã	17	3,2
Outros	111	20,6
Total	539	100,0

Nota. Adaptado de “Perfil e Percepção Social dos Adolescentes em Medida Socioeducativa no Distrito Federal”, por Companhia de Planejamento do Distrito Federal (2013), p. 22.

No relatório de “Pesquisa Socioeconômica em Territórios de Vulnerabilidade Social no Distrito Federal” (DIEESE, 2011), que traz o ranqueamento dos territórios segundo seu índice de

vulnerabilidade social, Ceilândia lidera com 74,2%, ou seja, trata-se de uma região marcada pela pobreza, famílias com renda per capita inferior a um quarto do salário mínimo, a mulher é chefe da casa, na maioria dos casos, analfabeta e com filhos menores de 15 anos.⁶

A Tabela 4 apresenta o número e percentual de adolescentes em medida de internação por nível de instrução e situação escolar, apesar da grande maioria estar matriculado e frequentando a escola (dentro da unidade de internação), apresentam de três a quatro anos de distorção série/idade.

⁶ Proporção de famílias em situação de vulnerabilidade segundo conceito da PNAS 2004 e índice de vulnerabilidade social Região Administrativa – Ceilândia (DIEESE, 2011, p. 93).

Tabela 4

Número e Percentual de Adolescentes em Medida de Internação por Nível de Instrução e Situação Escolar

Nível de instrução	Situação escolar						Total	
	Não estuda		Matriculado e frequenta		Matriculado e não frequenta		N	% medida
	N	%	N	%	N	%		
Sem instrução e ensino fundamental incompleto	27	6,1	405	91,6	10	2,3	442	82,0
Ensino fundamental completo e médio incompleto	2	2,4	83	97,6	0	0,0	85	15,8
Ensino médio completo e superior incompleto	10	83,3	2	16,7	0	0,0	12	2,2
Total	39	7,2	490	90,9	10	1,9	539	100,0

Nota. Adaptado de “Perfil e Percepção Social dos Adolescentes em Medida Socioeducativa no Distrito Federal”, por Companhia de Planejamento do Distrito Federal (2013), p. 38.

Não se pode deixar de lado a importância da escolarização como espaço de compreensão de mundo e de análise da situação social. Esses dados apresentam o panorama dramático que é a privação ao direito à educação (no que se refere não somente ao seu acesso, mas, sobretudo, à permanência do jovem no contexto escola), sabe-se que a pobreza é uma das maiores violadoras de direitos e estes dados demonstram como estes jovens estão fora da escola há anos. Aproximadamente, 98% dos adolescentes que cumprem medida socioeducativa de internação têm defasagem idade/série.

O DF apresenta baixos índices de analfabetismo, mas eles são maiores na população negra. Entre os jovens de 15 a 29 anos, a taxa de analfabetismo é de 1,1% entre os negros e 0,7% entre os não negros. Da mesma forma, em todas as faixas etárias consideradas para a juventude, o percentual de negros não alfabetizados é maior. Quando analisados os números por região administrativa onde os jovens residem, poucas diferenças são verificadas, destacando-se os percentuais mais altos no SCIA/Estrutural, de 3,3% entre os jovens negros, e no SIA, de 3,4%.

A naturalização das questões sociais aliada aos processos perversos de individualização da culpa pelos resultados da penalização cotidiana dos adolescentes pobres no Brasil deve ser fonte de discussão e de denúncia. Na relação simbiótica entre pobreza e sistema socioeducativo há uma negociação de poder e controle social que leva a uma lógica de encarceramento dos indesejáveis. Tal ação, ao que parece, retroalimenta a violência e potencializa as desigualdades sociais, institucionalizando a miséria e qualificando os indivíduos a “ninguéns”.

A realidade apresentada com os dados do DF reflete o cenário nacional, tornando-se uma triste realidade que se repete pelas periferias de todo o Brasil. Muitos dados repetidamente têm apresentado essa condição da juventude pobre no Brasil, apesar das diferentes políticas públicas já existentes. Tal constatação nos faz acreditar que o projeto de gestão e punição da pobreza está

se tornando mais efetivo a cada ano. E será culturalmente mantido pelo Estado para garantir o controle dos “perigosos”.

Os adolescentes pobres do Brasil, “os ninguéns” que “sonham em deixar a pobreza” enquanto silenciados pelas autoridades penais e subtraídos pela miséria, “por mais que chamem (a sorte) e mesmo que a mão esquerda coce, ou se levantem com o pé direito” sem o enfrentamento social, político e econômico de conjunturas que asseguram a alienação e o poder de um Estado penal, a realidade brasileira se encontrará estagnada nesse circuito vicioso do controle e da punição da miséria.

Dezoito razões (Pela Não Redução da Maioridade Penal)

18 razões, pega a visão⁷

Refrão

Você não pode me ver, mas pode me escutar

Então preste atenção no que eu tenho pra falar

Diminuir a maioria não é a solução

18 razões pela não redução

Desde os 12 anos respondo pelos meus atos

Cometi um erro e fui responsabilizado

Estou cumprindo minha sentença na Unidade de Internação

Esse papo de impunidade, sei que não existe não

O ECA prevê medidas socioeducativas

⁷ Esta música compõe o curta metragem intitulado *18 razões (pela não redução da maioria penal)*. O filme foi selecionado para a Mostra Competitiva do 5º Festival de Curtas das Escolas Públicas do DF, 2019 (Distrito Federal, 2019). Trata-se de um Rap criado pelos socioeducandos da Unidade de Internação de Santa Maria, DF, que participaram do Projeto RAP (Ressocialização, Autonomia e Protagonismo).

Mas as Unidades de Internação ainda são muito punitivas

O ambiente deveria ser de reeducação

Mas a estrutura que eu vejo mais parece uma prisão

Antes de endurecer as leis vamos cumprir as que existem

Responsabilizar o Estado e a todos que se omitem

Diminuir maioria não reduz a violência

O que vai acontecer é triplicar a reincidência

O Sistema Prisional já é superlotado

Somos o 3º país com mais encarcerados

São mais de 500 mil na “Escola do Crime”

Que não recupera ninguém, só maltrata e oprime

Na Polícia e Nas Ruas, Balanço Geral

Criminalizam a juventude na maior cara de pau

Menos de 1% estão na vida bandida

Contrariando o que diz Programa Sensacionalista

Não podemos fazer a exceção virar regra

Pra dar ibope pro Datena e pro DF Alerta

Tratar o efeito e não a causa é uma contradição

Mais direitos e menos grades essa é a solução

Jovem marginalizado, não surge do acaso

Ele é fruto da ausência e da omissão do Estado

Pro Estado é mais fácil prender do que educar

Transferindo o problema ao invés de solucionar
Me olhem como parceiro e não como vilão
Pois a minha geração é o futuro da nação
Estado Penal em um país desigual
É panela de pressão que estoura no final
Somos vítimas e não atores de toda violência
E a tendência é piorar com essa política de ausência
Reduzir maioria traz insegurança e medo
Recrutando as crianças cada dia mais cedo
(Composição: Socioeducandos do Projeto RAP –
Ressocialização, Autonomia e Protagonismo).

Essa música é um hino que representa os jovens que cumprem medida socioeducativa no Brasil. É um hino de resistência que denuncia a política de ausência do Estado de Direito. É um hino de repúdio ao discurso de impunidade que fortalece a ideia de que a adolescência no Brasil não é punida pelos seus atos. É um hino que clama por atenção, “você não pode me ver, mas pode me escutar”. Os invisibilizados têm voz e querem se pronunciar.

É um hino que canta sobre os riscos de se reduzir a maioria penal e alerta sobre o fracasso de se tratar o efeito desprezando-se, sobretudo, a causa do problema. É um hino que sinaliza para uma solução: “menos grade e mais educação”.

A letra da música alerta para a seguinte questão: “antes de endurecer as leis, vamos cumprir as que já existem”. Sobre a legislação, os dispositivos legais, são amplamente divulgados, porém, não são cumpridos em sua integridade. Em consonância com tal afirmação, tem-se a Nota Técnica nº 02/2013 emitida pela Comissão Permanente da Infância e Juventude do Grupo Nacional de

Direitos Humanos do Conselho Nacional de Procuradores-Gerais da Justiça (Grupo Nacional de Direitos Humanos, 2013), que traz em suas considerações a seguinte afirmação: “Incrível como no Brasil sobra firmeza e audácia para punir, encarcerar, violar direitos duramente conquistados, mas falta energia para promover justiça quando se trata de materializar direitos fundamentais proclamados na legislação brasileira [...]” (p.12).

“Diminuir a maioria penal não reduz a violência”, diz a letra da música. Um fenômeno multifacetado como é a violência não consegue ser controlado, nem rebatido com apenas uma medida. Dessa reflexão, surge uma questão: Por que para o Estado é mais fácil prender do que educar/transferir o problema ao invés de solucionar?

A canção nos faz refletir sobre a omissão do Estado com relação às crianças e jovens pobres que se encontram em sérias e evidentes situações de violação de direitos fundamentais. Direitos esses capazes de contribuir para que as pessoas vivam com dignidade (Constituição Federal da República Federativa do Brasil de 1988, 1988, Artigo 1º) e para que crianças e adolescentes sejam protegidos integralmente (Constituição Federal da República Federativa do Brasil de 1988, 1988, Artigo 227), assegurando-lhes, por lei ou por outros meios, todas as oportunidades e facilidades, a fim de lhes facultar o desenvolvimento físico, mental, moral, espiritual e social, em condições de liberdade e de dignidade (Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990, 1990, Artigo 3º).

Antes de se discutir a redução da maioria penal, é preciso cumprir o que determina o artigo 4º do ECA (1990), o qual detalha o artigo 227 da Constituição Federal da República Federativa do Brasil de 1988 (1988), ao dispor que é dever de todos – família, sociedade e poder público – assegurar os direitos fundamentais das crianças e adolescentes, com absoluta prioridade. O parágrafo único do artigo 4º do ECA (Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990, 1990) explica em que consiste essa prioridade, entre outras: a preferência na formulação e na execução das políticas

sociais públicas e na destinação privilegiada de recursos públicos nas áreas relacionadas com a proteção à infância e juventude (Coordenação da Comissão Permanente da Infância e da Juventude – COPEIJ, 2013, p. 13).

Outro ponto abordado pela música diz respeito ao sistema carcerário no Brasil, além de não cumprir um projeto de ressocialização prometido pelo Estado aos indivíduos que lá estão, está superlotado, abarrotado de pessoas que, sem nenhuma perspectiva de vida, passam anos de suas vidas privadas de liberdade e quando retornam ao convívio social, reencontram-se com o crime, haja vista os dados amplamente divulgados pelos meios de comunicação sobre a situação tenebrosa em que se encontram presídios e a descrição das instituições de encarceramento apontadas pelo “Levantamento Nacional de Informações Penitenciárias de 2016” (Brasil, 2019) e pelo relatório sobre a “Visão do Ministério Público Sobre o Sistema Prisional Brasileiro”, divulgado em 2018.

Sobre Sistemas de Garantias de Direitos de crianças e adolescentes, propomos uma leitura desse assunto em documentos da esfera federal, estadual e/ou distrital que tratam e legitimam essa pauta como prioritária. Documentos que asseguram um atendimento de proteção integral a essa população em situação peculiar de desenvolvimento humano.

Iniciaremos essa discussão pela Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990 (1990), o ECA, uma legislação tida como precursora das normativas de direitos humanos, engajada a um cenário mundial de compromisso com a Convenção sobre os Direitos da Criança.⁸ Esse documento consagrou-se por ser uma referência na organização de dispositivos legais que têm como meta assegurar a essa parcela da população acesso prioritário a direitos fundamentais.

⁸ Convenção sobre os Direitos da Criança, decreto nº 99.710, de 21 de novembro de 1990, traz em seu preâmbulo várias medidas, principalmente, recordando que na Declaração Universal dos Direitos Humanos as Nações Unidas proclamaram que a infância tem direito a cuidados e assistência especiais.

Apesar de o ECA estabelecer uma nova concepção, organização e gestão das políticas de atenção e ter criado o Sistema de Garantia e Proteção dos Direitos da Criança e do Adolescente (SGPDCA), alguns de seus dispositivos ainda não alcançam àqueles que mais precisam da proteção do Estado por se encontrarem em situação real de risco e vulnerabilidade social.

Em 2016, a Secretaria Nacional de Promoção dos Direitos da Criança e do Adolescente e o Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente divulgaram o documento Relatório Avaliativo – ECA 25 anos. Tal documento é resultado de um esforço coletivo de 15 ministérios e cinco órgãos especializados que realizam a apresentação dos principais avanços legais, as políticas e os serviços públicos implementados a partir desse marco legal, considerando, ainda, os desafios contemporâneos acerca da política nacional dos direitos humanos de crianças e adolescentes.

O relatório recupera o caminho percorrido pelo estatuto ao longo de seus 25 anos de implementação. Traz a descrição de seus avanços e, também, ameaças de retrocesso, principalmente, no que se refere às constantes investidas contra o Sistema de Garantia de Direitos e a Redução da Maioridade Penal.⁹

A letra da música “18 razões, pega a visão” foi composta durante uma oficina de RAP que ocorreu em 2019 em uma unidade de internação. A temática do evento era a PEC 171/93, que versa sobre a redução da maioridade penal. Esse debate nunca foi esquecido desde sua proposição inicial em 1993 sendo, constantemente, retomado por políticos de extrema direita interessados em ganhar prestígio popular frente a seus eleitores.

Grandes e acaloradas discussões são travadas em torno desse assunto, embates centrados na opinião pública e não em fatos e, muito menos, em evidências apresentadas por estudiosos e

⁹ Uma Proposta de Emenda Constitucional (PEC 171/93) que reduz a imputação penal de 18 para 16 anos, tramita desde 1993. Em 31 de março de 2015, a Comissão de Constituição e Justiça da Câmara aprovou a PEC 171, criando uma comissão especial para discutir a redução da maioridade penal no país, faltando passar por mais 40 sessões do colegiado até se chegar à votação final.

pesquisadores do Direito Juvenil e do Sistema Carcerário Brasileiro. Outro ponto, e não menos importante, é a falta de registros sobre a opinião do jovem sentenciado a respeito dessa questão. Além da liberdade, outros direitos lhes são negados, inclusive o de “lugar de fala”.

“Você não pode me ver, mas pode me escutar

Então preste atenção no que eu tenho pra falar

Diminuir a maioria não é a solução

18 razões pela não redução”

A letra da música nos apresenta em seus versos argumentos muito consistentes sobre a pouca eficácia do sistema socioeducativo e do sistema carcerário no que se refere à ressocialização do interno/detento. Os argumentos estão carregados de sentimentos e de percepções de quem vivencia a rotina de uma prisão e denuncia que a “escola do crime não recupera ninguém, só maltrata e oprime”.

No contexto desse estudo, vale ressaltar a Lei nº 12.594 de 18 de janeiro de 2012 (2012) que instituiu o Sinase, regulamentando a execução das medidas socioeducativas destinadas ao adolescente que pratique ato infracional. Tal dispositivo legal foi adicionado ao ECA, estabelecendo, dentre outros direitos, que as medidas aplicadas a esses jovens devem ser individualizadas e apoiadas por uma educação de qualidade e pela capacitação profissional.

A criação do Sinase é um avanço inquestionável. No entanto, é preciso que seja dada prioridade para a integralidade de sua aplicação. Aprimorar seu alcance não é o mesmo que rebaixar a idade penal ou investir em medidas penais mais severas, mas, sobretudo, dar a devida importância para seu aperfeiçoamento e operacionalização.

Capítulo 2 – O Processo Criador e a Teoria Histórico-Cultural de Vigotski

Vigotski (1998, 1999, 2001, 2009) compreendeu a imaginação como formação especificamente humana, intrinsecamente relacionada à atividade criadora do homem, defendendo que o trabalho pedagógico devesse ser orientado para a experiência estética (emoção e arte).

Para esse autor, a imaginação é analisada como constitutiva do sistema de funções psicológicas superiores (FPS), sendo a “forma mais complexa de atividade psíquica”, por tratar-se da união de várias funções em suas relações peculiares. Para tão complexa forma de atividade, que extrapola os processos que se costuma chamar de funções, seria correto empregar a denominação de *sistema psicológico* (Vigotski, 1998).

A análise da atividade da imaginação enquanto sistema e não apenas função psicológica assegura a ela possibilidades de descrever as interrelações com outras funções superiores e os nexos que se desdobram dessa dependência. Com relação à correspondência imaginação – realidade – afetividade, o autor sugere a seguinte articulação entre esses processos: a imaginação apoia-se na experiência que, por sua vez, alimenta a imaginação por meio da emoção. A imaginação afeta e é afetada pela emoção e esse ciclo alimenta e impulsiona a “forma de pensar mais elaborada”, que seria a formulação de processos como pensar, analisar, planejar, projetar, criar, processos esses muito caros à educação formal.

Vigotski (1999) indica, assim, que a arte recolhe da vida o seu material inicial, mas produz acima desse material (recolhido) algo que ainda não está nas propriedades desse material. A arte extrai do real sua matéria-prima, entretanto, dá a ela outra dimensão, outra profundidade, outras cores e sentidos que serão elaborados em outro produto de existência social.

No campo da psicologia, Vigotski analisou a arte como uma técnica criada pelo ser humano para dar uma existência social objetiva aos sentimentos, possibilitando assim que os indivíduos se

relacionem com esses sentimentos como um objeto, como algo externo que se interioriza por meio da catarse (Duarte, 2008).

No campo da filosofia, Lukács (1970) ratifica a arte como mediação entre o indivíduo e a vida real. Assegurando que a arte reelabora os conteúdos extraídos da vida, dando-lhes uma configuração que supera o imediatismo e o pragmatismo da cotidianidade. Sobre o fenômeno da catarse, os três autores supracitados também concordam ser ela uma categoria não puramente estética, pois sua origem estaria na vida e expressão dos seres humanos.

Heller (1970) acrescenta, com seus estudos sobre o cotidiano e a história, que a arte e a ciência são as formas de elevação acima da vida cotidiana que mais produzem objetivações duradouras. Remetemo-nos nesse contexto, à profunda análise e descrição empregada por Georg Lukács no prólogo da obra “Estética” (Lukács, 1967).

Processos de Criação e Imaginação

A liberdade de não estar preso à realidade concreta, a liberdade de experimentar o novo, a liberdade de imaginar e projetar situações para além do alcance da realidade nos distingue dos outros animais.

Para Vigotski (2009), a atividade criadora pressupõe o surgimento de algo novo, que pode ser algo simples ou grandioso. Tal atividade pode ser considerada reprodutiva ou criadora de acordo com sua natureza e dimensão cultural. Para esse autor, interessa principalmente investigar a ação criadora desses dois processos sob os princípios do materialismo histórico-dialético, distanciando-se de uma perspectiva naturalista predominante na “velha psicologia”. Trata-se de acompanhar as propriedades que possibilitam ao homem imaginar, planejar e projetar suas próprias condições de existência.

No que se refere à atividade reprodutiva, a base orgânica desse processo é a memória, responsável por armazenar e conservar as informações/experiências anteriores, permitindo seu acesso sempre que necessário. Ao lado dessa atividade de caráter reconstituidor, está a de caráter criador em que se destaca a potência da imaginação como possibilidade de não somente reconstituir e redimensionar vivências, mas também como ferramenta de avançar para a novidade.

Toda atividade do homem que tem como resultado a criação de novas imagens ou ações, e não a reprodução de impressões ou ações anteriores da sua experiência, pertence a esse segundo gênero de comportamento criador ou combinatório. O cérebro não é apenas o órgão que conserva e reproduz nossa experiência anterior, mas também o que combina e reelabora, de forma criadora, elementos da experiência anterior, erigindo novas situações e novo comportamento. (Vigotski, 2009, p. 14)

Nesse trabalho, o sentido de atividade criadora constitui o humano, perpassando toda sua existência. Os processos criadores vão deixando suas marcas na periodicidade do desenvolvimento humano. Na infância, por exemplo, ressaltam-se “as brincadeiras de faz de conta”, como atividade principal de reelaboração inventiva de impressões vivenciadas. Já na adolescência, destacam-se os versos, as narrativas, formas de objetivar seu mundo interno, lembrando que a esfera de motivações e necessidades tem interferência direta no desenvolvimento das potencialidades criadoras do adolescente.

Nos estudos sobre o desenvolvimento psíquico dos processos criadores, Vigotski (2009) defende princípios que subordinam a fantasia à realidade. Um deles é o fato de que “a atividade criadora depende diretamente da riqueza e da diversidade da experiência anterior da pessoa, porque essa experiência constitui o material com que se criam as construções da fantasia” (Vigotski, 2009,

p. 22). Diante dessa perspectiva, compreende-se que, em cada período do desenvolvimento humano, a imaginação criadora vai se comportar de forma diferente e peculiar.

Sabemos que a experiência da criança é bem mais pobre do que a do adulto. Sabemos, ainda que, seus interesses são mais simples, mais elementares; finalmente, suas relações com o meio também não possuem a complexidade, a sutileza e a multiplicidade que distinguem o comportamento do homem adulto e que são fatores importantíssimos na definição da atividade de imaginação. (Vigotski, 2009, p. 44)

Não se pode deixar de dar a devida relevância ao papel das emoções em todo esse processo de criação, as emoções alimentam, dão vida às criações, tendo o aspecto emocional não menos importância do que os aspectos intelectuais relacionados à memória, à vontade e aos interesses.

Segundo Nikolai Veresov (2017, citado em Gonçalves, 2017), no legado científico deixado por Vigotski, as emoções têm um lugar muito importante em nossa mente. A educação e a psicologia tradicionais focam nos processos cognitivos e não valorizam o papel das emoções no contexto das aprendizagens e muito menos como substrato que qualifica e fortalece as atitudes estéticas.

Se a gente olha para o que a psicologia tem feito atualmente, a ciência cognitiva, eles olham para as pessoas como ‘máquinas pensantes’, foca-se nos processos cognitivos: memória, pensamento, percepção. Mas, nós somos pessoas. Nós somos emocionais. E você não pode pensar o pensamento sem a emoção. É impossível. Você não pode entender memória sem a emoção. É impossível. Porque na vida real, nossa memória é um resultado de nossas experiências emocionais [...] eu penso que a perspectiva histórico-cultural pode dar o status às emoções que elas realmente deveriam ter. (Gonçalves, 2017, p. 25)

Organizamos nossos argumentos em favor de uma educação estética que una em sua totalidade indivíduo e sociedade, afeto e intelecto, emoção e razão. Uma educação embebida em sentimentos de pertencimento de uma nova lógica de compreender os processos criadores que emergem no e do humano.

Levando em consideração os estudos de Lev Vigotski, a educação estética é compreendida como uma forma de desenvolver a sensibilidade e a capacidade criativa do indivíduo através da experiência estética. Vigotski (2001) defende que a arte não é apenas uma forma de entretenimento, mas uma forma de transformar a experiência humana, permitindo que os indivíduos possam experimentar e compreender o mundo de maneiras únicas e diferentes.

Defende-se nessa pesquisa que a educação estética perde sua essência criadora quando se encontra isolada do ato de educar, ou seja, quando se potencializa a instrução de um lado e do outro, o processo estético. Portanto, acredita-se que a chave para se compreender a educação estética de Vigotski reside em compreender a unidade existente entre a instrução e a atividade artística. Nesse sentido, essa educação não deve ser restrita ao professor do componente curricular de Arte, pois sua concepção é transversal a todas as áreas do conhecimento com igual relevância acadêmica.

A Imaginação Criadora na Adolescência

Para Vigotski (1996, 2018), a atividade de criação na adolescência adquire formas distintas da atividade de criação de uma criança e de um adulto, visto que a imaginação depende de dois fatores para organizar seu repertório criador, destacam-se nesse processo a experiência e o interesse/motivação. Embora, o senso comum defenda o fato de as crianças serem mais criativas, imaginativas do que o adulto, tal argumento não sobrevive a uma análise mais detalhada do ponto de vista científico. Não se pode negar que a fantasia na idade infantil é exercida de modo mais rico

e diversificado do que no homem adulto. No entanto, sob o ponto de vista da experiência, das relações com o meio, da complexidade de interações com a vida adulta, que são fatores essenciais na definição e ampliação da atividade de imaginação, a criança encontra-se em um período do desenvolvimento humano diferente e com outras percepções.

De acordo com essa perspectiva, pode-se afirmar que a imaginação da criança não é mais rica, e sim mais limitada em comparação com a do adulto. Do ponto de vista da qualidade e diversidade as combinações criadoras dos adultos são mais significantes do que as infantis.

Defende-se aqui que os produtos da verdadeira imaginação criadora em todas as áreas pertencem somente à fantasia amadurecida. À medida que a maturidade se aproxima, começa também a amadurecer a imaginação e, na idade de transição – dos adolescentes, coincide com a puberdade –, a potente ascensão da imaginação e os primeiros rudimentos de amadurecimento da fantasia unem-se. Além disso, os autores que escreveram sobre a imaginação indicaram a íntima relação entre o amadurecimento sexual e o desenvolvimento da imaginação. [...] nessa época, amadurecem os chamados interesses permanentes, os interesses infantis rapidamente retraem-se e, com o amadurecimento geral, a atividade de imaginação dele obtém uma forma final. (Vigotski, 2018, p. 47)

Vigotski reconstrói um estudo de desenvolvimento da imaginação criadora, com base nos estudos de Ribot (1908), a imaginação apresenta uma periodicidade que acompanha o desenvolvimento humano. Para esse autor, a imaginação passa por fases e segue se desenvolvendo no percurso da vida.

Na idade de transição caracterizada por um momento de mudanças físicas, biológicas e psicológicas não podia ser diferente, a imaginação também passa por um desequilíbrio resultado da passagem do organismo infantil para o organismo maduro. “A atividade de imaginação, na

forma em que se manifesta na infância, retrai-se na adolescência” (Vigotski, 2018, p. 50). Os interesses e motivações vão adquirindo outras nuances, outros contornos e uma nova forma de imaginação vai ocupando espaço onde antes reinava a fantasia. Vigotski defende que a atividade criadora mais popular nessa idade é a criação literária (versos, narrativas, ficção).

É importante observar que esse autor fala de dois momentos críticos que envolvem o processo de criação na adolescência. O primeiro referindo-se a uma primeira crise ao adentrar na fase de transição, sua percepção com relação aos seus desenhos infantis muda e ele não reconhece mais nessa expressão artística seus desejos, tornando-se muito crítico frente sua obra, pois já não encontra satisfação nessa atividade, deixando de lado essa etapa para aventurar-se nos caminhos da palavra. Um segundo momento de retração do interesse pela sua arte acontece quando fica insatisfeito com seus escritos e deixa de produzir criações literárias.

Existe uma opinião muito difundida de que a criação é o destino de eleitos e que apenas quem tem o dom de um talento especial irá desenvolvê-la, podendo considerar-se convocado para a criação. Esse postulado não é correto, como já tentamos explicar. Se compreendermos a criação, em seu sentido psicológico verdadeiro, como criação do novo, é fácil chegar à conclusão de que ela é o destino de todos, em maior ou menor grau; ela também é uma companheira normal e constante do desenvolvimento infantil. (Vigotski, 2018, p. 53)

Sabe-se que a adolescência é marcada por uma série de transformações de ordem biológica, social e psíquica. Para Vigotski (2018), é exatamente essa instabilidade que define a idade de transição: “trata-se da idade de transição do equilíbrio do organismo infantil e do equilíbrio ainda não encontrado no organismo maduro. Por isso, nesse período, a imaginação caracteriza-se pela ruptura, transgressão e busca de um novo equilíbrio” (p. 50).

Nessa perspectiva, a atividade de imaginação, na forma que é apresentada na infância, retrai-se na adolescência, aproximando-se dos efeitos mais castradores da razão e da realidade. Percebe-se uma mudança gradativa de interesses que se inicia pelo abandono do desenho, das brincadeiras de faz-de-conta para dar lugar a atividades que requerem uma participação social mais racional. Nesse cenário, as produções subjetivas ganham maior relevância por meio da criação de versos, rimas, letras de música, formas íntimas de demonstrar emoções e verbalizar os sentimentos.

Para Vigotski (1996, 2009, 2018), os processos imaginativos, como todo processo psíquico, passam por transformações, sendo constituídos pela transição do desenvolvimento das funções psíquicas que vão ganhando novo formato em um contínuo de modificações. Não há uma ruptura drástica, mas sim uma assimilação de processos antigos que vão se transformando em novas formações.

Com a imaginação e seus processos de criação, segundo Vigotski, não acontece diferente. Os processos característicos da infância vão se modificando e se transformando em outras possibilidades de objetivar “o fazer humano” em seu tempo histórico. A grande descoberta desse autor é afirmar que todos esses processos de transformação são impulsionados por fatores sociais e não somente biológicos. A engrenagem que articula toda essa movimentação é impulsionada por forças motrizes que chamamos de interesses e necessidades.

Capítulo 3 – “No Meio do Caminho Tinha Uma Escola...” Sempre de Portas Abertas Para Quem Precisa de Uma Segunda Chance!

No sistema educativo atual as mudanças, exigências e desafios são inúmeros. Estes fatores tendem a ficar mais complexos quando falamos de socioeducação. Todas as dificuldades encontradas no contexto da escola regular são acentuadas pela adversidade e austeridade do local institucionalizado para o cumprimento de medida socioeducativa de internação. Tendo em vista os enfoques teóricos advindos da Psicologia do Desenvolvimento Humano (Dessen & Costa Jr., 2008), da Psicologia da Arte (Vigotski, 1999), esta pesquisa busca centrar esforços para propor atitudes que possam tornar este ambiente escolar propício para o resgate e desenvolvimento de potencialidades criadoras.

O desenvolvimento humano é visto de modo global e dinâmico, com uma historicidade peculiar a cada sujeito, contexto e circunstâncias relacionais. Acredita-se que, ao se permitir momentos de reflexão, análise e reelaboração de saberes acerca das concepções de desenvolvimento e ações, poderemos inscrever, nesse caminho de divulgação científica, um potencial caminho para se confabularem novas perguntas e novos desdobramentos para se perceber e a escola no ambiente socioeducativo.

A rejeição categórica de práticas de confinamento e padronização que caracterizam as instituições totais (Goffman, 2015) é percebida em vários documentos oficiais, principalmente no que se refere aos objetivos que devem ser alcançados pelas ações socioeducativas, como a contribuição para a formação de um cidadão autônomo e solidário, capaz de relacionar-se melhor consigo mesmo, com o outro e com tudo que integra a sua circunstância sem reincidir na prática de atos infracionais (Sinase, 2012).

Tais desafios por conta das limitações presentes na cultura da internação, sem dúvida, interferem negativamente para a promoção de um ambiente criativo. Contudo, a escola pode se configurar, nesse território árido, como uma janela para outras possibilidades de participação social, potencialização de suas habilidades e expressão de sua subjetividade, mesmo porque nesse local o jovem é tratado como aluno e não como um infrator.

No contexto desse estudo, seremos convidados a explorar, reconhecer e exercitar a complexidade de se proceder a educação em e para os direitos humanos no cotidiano de uma escola rodeada por muros, arames e violência. A vontade de oportunizar ações, propostas, relações, valores, numa ética de compartilhamento baseada no cuidado mútuo, encontra muitos desafios e limitações. Portanto, o espaço escolar configura-se como o tempo/lugar de aprendizagem, de educação, num processo que envolve a socialização, a subjetivação e a humanização das pessoas (Pulino, 2016).

Nessa perspectiva, o professor é efetivamente uma peça central no processo educativo, pois é ele quem seleciona, organiza e modela os elementos que compõem esse ato. O processo de educação, portanto, é trilateralmente ativo, relacionando o aluno, o professor e o meio existente entre eles (Vigotski, 2001).

Na socioeducação esse “alcance” é maximizado por conta de diversos fatores. Dentro da Unidade de Internação, por exemplo, a escola é apontada pelo adolescente como referência de acolhimento e de socialização e o professor aparece como uma das figuras institucionais que mais influencia o processo de ressocialização.

Voltando ao perfil dos adolescentes que cumprem medida socioeducativa de internação (CODEPLAN, 2013), apresentado no Capítulo 1, dos 539 jovens que participaram do estudo, 91,6% estavam matriculados em escolas dentro da Unidade de Internação e não tinham o ensino

fundamental completo. Dentre os itens do questionário, havia a afirmativa “ir à escola pode mudar minha vida”, sendo que o adolescente poderia concordar ou discordar da assertiva, e 93,1% dos participantes concordaram com a afirmativa, demonstrando credibilidade no potencial transformador do ambiente escolar. No item “tenho bom relacionamento com os professores na escola”, 92,2% estavam de acordo com a afirmação. Tais dados corroboram a marcante influência da escola e do professor neste contexto ressocializador.

A singularidade no atendimento é um dos princípios consagrados na Convenção Internacional sobre os Direitos da Criança e do Adolescente, ratificado pelo ECA e transformado em diretrizes para o atendimento nos programas de execução de medida socioeducativa pelo Sinase. Assim, a ação socioeducativa deve respeitar as fases de desenvolvimento integral do adolescente, levando em consideração suas *potencialidades*, sua *subjetividade*, suas capacidades e suas limitações, garantindo a *particularização* no seu acompanhamento.

A Escola Como um Lugar de Afetos – “Lugar Antropológico”

Abordaremos no contexto dessa análise a designação de “não lugar” (Augé, 1994) para nos referir ao local institucional designado para resguardar o adolescente sentenciado judicialmente por ter cometido ato infracional grave e que, por esse motivo, deve permanecer privado de sua liberdade e sob a responsabilidade do Estado. Nesse sentido, a unidade de internação (Figura 1) recebe essa característica de “um não lugar”.

Figura 1

Foto Panorâmica da Unidade de Internação



Nota. Fonte: Flickr (n.d.).

A unidade de internação selecionada para realização da pesquisa (Figura 1) possui um diferencial arquitetônico e pedagógico, ainda não seria o ideal, mas sua construção já se enquadra em alguns dos referenciais descritos pelo Sinase. São 6,2 mil m² de área construída, com 10 módulos, refeitório, lavanderia, horta comunitária e o prédio da escola. Possui ginásio de esportes coberto, salas para a oferta de cursos profissionalizantes, área para atendimento médico e odontológico e espaço para atividades ecumênicas e culturais.

Ao contrário da designação de “lugar antropológico” - lugar marcado por sentimentos de pertencimento, de acolhimento, espaço de relacionamentos íntimos, duradouros, preenchidos por sentimentos de afeto e memórias coletivas. Esse “não lugar” configura-se como um espaço não identitário, em que seus usuários não criam vínculos relacionais e comunitários com seus pares. Trata-se de um local hostil, marcado permanentemente pela tensão e pela violência simbólica.

A relação com o “não lugar” também é marcada pelos contratos sociais, pelas leis, pelas condutas disciplinares impostas por cada espaço. O adolescente está ali para ser vigiado e punido

por suas ações. Não será uma estadia permanente, porém, esse “lugar de passagem” de “trânsito” é marcado por sérias determinações, movimentação e rotinas que lembram ao seu usuário, a todo o momento, o sistema que organiza e disciplina esse espaço.

Se um lugar pode se definir como identitário, relacional e histórico, um espaço que não pode se definir nem como identitário, nem como relacional, nem como histórico, definirá um não lugar. A hipótese aqui defendida é a de que a supermodernidade é produtora de não lugares, isto é, de espaços que não são antropológicos e que, contrariamente à modernidade baudelairiana, não integram os lugares antigos: estes repertoriados, classificados e promovidos a “lugares de memórias”, ocupam aí um lugar circunscrito e específico (Augé, 1994, p. 73).

É importante ressaltar o seu caráter individual predominante. Embora haja a presença física de outras pessoas, outros jovens, a tensão solitária é uma constante por não propiciar a constituição de laços sociais e afetivos que durem no tempo e no espaço.

Reservamos o termo “lugar antropológico” àquela construção concreta e simbólica do espaço que não poderia dar conta, somente por ela, das vicissitudes e contradições da vida social, mas à qual se referem todos aqueles a quem ela designa um lugar, por mais humilde e modesto que seja, o lugar antropológico é simultaneamente princípio de sentido para aqueles que o habitam e princípio de inteligibilidade para quem o observa (Augé, 1994).

Sem dúvida, o estatuto intelectual do lugar antropológico é ambíguo por natureza. Ele é apenas a ideia, parcialmente materializada, que têm aqueles que o habitam de sua relação com o território, com seus próximos e com os outros. Trata-se de um termo muito usado na antropologia pelos etnógrafos que, ao observarem uma cultura, descrevem a relação íntima do humano com seus pares e com seu espaço geográfico (itinerários, caminhos, rotas de cruzamento).

Não podemos deixar de dizer que esse território é também um lugar de resistência. Trabalhar nele requer muita força, desconfianças e, sobretudo, paciência para reagir às tensões instauradas pela conjugação da ordem e da violência. Foucault (2014) defende que toda essa situação é uma artimanha pré-determinada para que as coisas não aconteçam. O ruído na comunicação entre as secretarias, a falta de orientação quanto às atribuições de cada indivíduo que lá trabalha, a disputa de poder entre os socioeducadores¹⁰ são ingredientes para o não funcionamento da engrenagem em uma instituição total.

Outra forma de insurgência da escola em unidade de internação é que este espaço escolar tem a capacidade de suspender, por algumas horas, a situação cotidiana de prisão, a narrativa do delito, ou seja, o adolescente que está cumprindo uma medida socioeducativa, ao adentrar a escola, deixa por alguns instantes a sua situação de infrator, de detento, para tornar-se um aluno como qualquer outro. Nesse ambiente, mesmo que de forma breve, ele é chamado pelo seu nome, tem material escolar, é reconhecido pelo professor pelo seu desempenho na escola e não pelas ações que o conduziram àquele lugar. Passa a ter uma identidade, uma possibilidade de expressão, uma oportunidade de caminhar.

A escola também é um dos poucos espaços de encontros e de interação que existe em uma unidade de internação. Como a instituição é dividida em pavilhões modulares, os adolescentes são alocados em quartos dentro de cada módulo, e é nessas habitações que eles permanecem a maior parte do seu dia e da noite. Passam muitas horas ociosos, sem nenhuma atividade de lazer e cultura. Nesse cenário, surge a escola como forma de sair da cela, “respirar um pouco” e encontrar os “amigos da quebrada”, ver e ser visto.

¹⁰ No contexto dessa pesquisa, o termo *socioeducadores* refere-se a todos os servidores que trabalham na unidade de internação.

Os nossos ‘maus alunos’, aqueles programados para não se tornarem nada, nunca vêm para a escola sozinhos. O que entra na sala de aula é uma cebola: várias camadas de desgostos da escola – medo, preocupação, amargura, raiva, insatisfação, renúncia furiosa – embrulhadas em torno de um passado vergonhoso, um presente sinistro, um futuro condenado. Olha, lá vem eles, os seus corpos em processo de formação e suas famílias nas suas mochilas. A aula não pode realmente começar até que a carga tenha sido colocada no chão e a cebola descascada. É difícil de explicar, mas apenas um olhar, uma observação gentil, uma palavra clara e firme de um adulto atencioso, muitas vezes, é o suficiente para desfazer esses desgostos, clarear essas mentes e colocar essas crianças no presente do indicativo. Naturalmente, os benefícios são temporários; a cebola assentará de volta suas camadas fora da sala de aula, e nós teremos que começar tudo de novo amanhã. Mas é isso que é o ensino: começar de novo e de novo até alcançar o momento crítico em que o professor pode desaparecer. (Pennac, 2008, p. 55)

A realidade de uma escola “da rua” e uma escola “da cadeia” se aproxima em muitos pontos. Na verdade, é marcada quando esse espaço escolar passa a ser o único ponto em que seja possível se pensar a liberdade, pensar-se humano, pensar-se cidadão de direitos. Porque a escola, embora traga em sua essência toda uma história de doutrinação e perseguição aos diferentes, aos que não conseguem nela ter êxito, no contexto da internação, essa situação muda de perspectiva. Agora, essa instituição se reconhece como necessária para proteger da violência, para denúncia maus tratos, para oferecer oportunidade de humanização.

A Escolarização de Adolescentes em Cumprimento de Medida de Internação no Distrito Federal

De acordo com o documento “Diretrizes Pedagógicas – Escolarização na Socioeducação” (2014), o atendimento escolar de adolescentes autores de atos infracionais no DF iniciou-se em 1992 com o encaminhamento informal de quatro professores da extinta Fundação Educacional do Distrito federal, que atuavam no Programa “Gran Circo Lar”, para atuarem no Centro de Atendimento Juvenil Especializado, conhecido como CAJE. Nessa época, os jovens eram atendimentos na modalidade de Educação para Jovens e Adultos (EJA) e a movimentação desse estudante para a escola não era realizada de forma regular. Não havia uma obrigatoriedade de cumprimento de dias letivos e nem de carga horária de efetivo trabalho pedagógico.

Em 1999, foi firmado o Primeiro Termo de Convênio nº 37/1999 com vigência até o final de 2002, cujo objeto foi proporcionar a escolarização a adolescentes e jovens internos no CAJE. Outros termos de cooperação atualizaram o ajuste entre a SEDF e as secretarias executoras da medida de internação.

A extinta Secretaria de Estado da Criança do DF (SECriança), em 2010, passou a ser responsável pela execução das medidas socioeducativas no âmbito do DF e iniciou um processo de reorganização do sistema socioeducativo, prometendo mudanças significativas nesse atendimento.

No que se refere à gestão de políticas públicas educacionais para o contexto socioeducativo, foi criado em dezembro de 2011, o Núcleo de Educação Prisional e Medidas Socioeducativas com o objetivo de promover uma aproximação efetiva entre a Subsecretaria do Sistema Socioeducativo (vinculada à SECriança) e a Coordenação de Educação em Direitos Humanos (vinculada à SEDF). Dessa parceria nasceram grupos de trabalhos intersetoriais, que para além de identificarem os

desafios de uma ação colaborativa, levantaram propostas para o enfrentamento dos problemas na escolarização de adolescentes e jovens em situação de internação socioeducativa.

Fruto dessa parceria de trabalho, as “Diretrizes Pedagógicas para a Escolarização na Socioeducação” (2014) consistem no primeiro documento oficial que disciplina o trabalho pedagógico nas unidades socioeducativas de restrição de liberdade do DF e tem como premissa um atendimento plural, diversificado, que tenha o currículo da educação básica como eixo, mas não perca de vista a necessidade de elaboração de projetos que ampliem e fortaleçam os laços entre a educação formal e o seu público-alvo.

Com esse documento, o Distrito Federal destaca-se como pioneiro dentre as unidades da federação a apresentar propostas de mudanças das práticas escolares voltadas para um currículo menos fechado, com nova organização do tempo e do espaço escolar, adoção de conteúdos mais significativos e próximos dos alunos autores de atos infracionais, na perspectiva da educação inclusiva integral, voltada para a escolarização desses socieducandos. (Conselho de Educação do DF – parecer nº 223/2014, s/n)

Ainda nesse parecer são elucidadas as medidas socioeducativas como atos jurídicos em suas semelhanças e diferenças do Código Penal Brasileiro, destacando que “os tempos de cumprimento das medidas socioeducativas são menores que os do Código Penal”, sendo os mesmos identificados como:

[...] topológico: os adolescentes cumprem medida em estabelecimentos educativos e não no sistema prisional, em que pese a cultura prisional que costuma invadir as UIS/UIP [Unidades de Internação Socioeducativas/Unidades de Internação Prisional]; teleológico: o fim maior da medida socioeducativa é de educar para o convívio social, ajudar o adolescente a ser e a conviver de outras formas, haja vista que, como sujeitos em

desenvolvimento, demonstram com o ato infracional quadros de risco ou vulnerabilidades. (Conselho de Educação do DF – parecer nº 223/2014, s/n)

Atualmente, para a garantia de escolarização no sistema socioeducativo, tem-se a parceria entre a Secretaria de Estado de Justiça e Cidadania e a Secretaria de Estado de Educação, celebrada por meio de um Termo de Cooperação Mútua. Nesse documento ficam especificadas as atribuições de cada secretaria, objetivando o fortalecimento do sistema de garantias de direitos e a proteção integral dos socioeducandos.

A escolarização tem um papel de destaque no cumprimento da medida socioeducativa, principalmente porque se configura como um espaço privilegiado de encontros, de aprendizagens, de potência de existir. Na escola, os jovens são respeitados e tratados com humanidade, lá são estudantes e não “o adolescente em conflito com a lei”.

Encontro da Professora com a Socioeducação

Minha história na socioeducação foi marcada por circunstâncias emblemáticas para o modelo de atendimento socioeducativo que vinha sendo adotado pelo governo do DF. Chego à socioeducação no ano da demolição do CAJE.

A mídia a todo momento noticiava manchetes do tipo:

- “Com fim do Caje, DF tem novo modelo de ressocialização”;
- “Demolição do antigo CAJE põe fim à degradação do sistema socioeducativo do DF”;
- “Após 38 anos, demolição do CAJE começa nesse sábado”¹¹;
- “Desde que foi fundado, 30 adolescentes e 02 servidores morreram no local – era uma das piores unidades do Brasil, afirmou a secretária da pasta”¹².

¹¹ <https://g1.globo.com/distrito-federal/noticia/2014/03/antigo-caje-no-df-sera-desativado-e-demolido-nesta-semana.html>

¹² <https://g1.globo.com/distrito-federal/noticia/2014/03/apos-38-anos-demolicao-do-antigo-caje-no-df-comeca-neste-sabado.html>

As imagens utilizadas nas reportagens (como podemos conferir na Figura 2) também não deixavam dúvidas de que se tratava de um local que deveria ser desativado imediatamente, pois em nenhum aspecto condizia com os preceitos de garantias de direitos elencados pelo ECA (1990) e ratificados pelo SINASE (2012).

Figura 2

Adolescentes Dentro de Celas no Antigo Cajé



Para quem só conhecia a Unidade de Internação do Plano Piloto (UIPP) pelas lentes dos noticiários não há dúvidas de que “a escola do crime”, como era chamada, representava tudo de mais impróprio para ressocializar alguém e sua demolição se fazia necessária para a promoção de uma nova proposta de gestão do sistema. A sua queda simbolizou um possível recomeço, alimentando a esperança de quem estava chegando.

Havia a promessa de que o sistema socioeducativo vivenciaria um novo modelo de ressocialização em que “humanizar” seria a palavra-chave, havia a esperança de que as novas

unidades teriam educação em tempo integral, cursos profissionalizantes e atividades culturais e esportivas, ou seja, garantia de saúde e dignidade humana.

É nesse contexto que chego à socioeducação, mais precisamente à internação, especificamente à Unidade de Internação do Recanto das Emas (UNIRE), em 2014. É nesse clima de transformação, de mais possibilidades de garantias de direitos que eu, juntamente com outros colegas professores, recém aprovados em processo de aptidão para atuar nos núcleos de ensino (NUENS) das unidades de internação, desembarcamos nessa terra tão inóspita chamada socioeducação. Lembro-me muito bem do quanto estávamos ansiosos e curiosos para saber como funcionava efetivamente um ambiente escolar dentro de um “presídio”.

Algumas questões sempre povoaram e povoam meus pensamentos depois de quase 10 anos de sistema socioeducativo, sempre me pergunto como agir diante de tamanhas contradições, como ser portadora de palavras de liberdade para quem está preso à sua dura realidade? Como falar de cidadania para alguém que sequer tem um registro de identidade? Como falar de “novos horizontes” para quem está cercado por muros e grades? Como defender a cultura do letramento escrito para quem a oralidade é a identidade cultural? Como falar de liberdade de expressão em um ambiente de tanta opressão? Sim, esses são alguns dos muitos desafios com os quais os profissionais que atuam em um ambiente de restrição de liberdades deparam-se diariamente.

Tantos questionamentos me trazem à luz sobre a importância social e emocional da participação dos jovens nas atividades escolares, nas rotinas organizadas para atendê-los em suas dificuldades de aprendizagens, nas comemorações de aniversários promovidas pelos docentes, nas conversas informais com os outros alunos, na relação de confiança que se estabelece no processo de ensino e aprendizagem. Estar frequentando a escola é fazer parte da sociedade.

Animada pela promessa de que o DF vivenciaria novos tempos, acreditei que a demolição do CAJE derrubaria também a estrutura de violência e de repressão tão características do sistema socioeducativo.

A construção de outras unidades realmente resolveu um antigo e desumano problema do sistema, a superlotação. Os 893 adolescentes que estavam internos, à época, foram transferidos para outras unidades respeitando quando possível seu local de residência. Outras unidades foram inauguradas e assim pode-se inclusive proceder a uma nova forma de organização das vagas, a separação dos adolescentes menores de 18 anos dos jovens que já haviam chegado à maioridade, tal estratégia é recomendada pelo SINASE para garantir que os mais jovens não sejam influenciados e silenciados pelos mais velhos.

Acredito também que cheguei em boa hora, cheguei quando foi possível implementar uma gestão de ressocialização mais alinhada aos preceitos do Sistema de Garantias de Direitos, cheguei em uma época que foi possível sonhar com um programa socioeducativo mais comprometido com a educação do que com a punição.

Muitas ações ainda precisam ser feitas, muitas leis precisam sair do papel e ganhar espaço dentro das instituições. A gestão pedagógica no atendimento socioeducativo não deve silenciar-se frente à força soberana da gestão de segurança. Dentro das unidades, nem sempre é possível estabelecer a parceria prevista pelos documentos norteadores. A força física imposta pela violência impera sobre os outros atendimentos técnicos e os torna secundários e, às vezes, menos importantes.

Figura 3

Terreno do Antigo CAJE (Painel Superior) e Projeto do Centro de Justiça e Cidadania (Paineis Inferiores)



Na Figura 3, é possível perceber o projeto inovador que surge para substituir o velho e retrógrado sistema. Parece-me que derrubar os muros do CAJE, reduzi-lo a pó não foi tarefa difícil, com as ferramentas certas a demolição foi um sucesso. Difícil é derrubar paradigmas, transformar comportamentos e modificar atitudes que naturalizam e legitimam a violência institucional, assegurando que as culturas do medo e da punição fiquem cada vez mais protegidas.

O ambiente escolar deve contrapor-se aos espaços de opressão e humilhação, constituindo-se como lugar de Cuidado, de atenção, de “estar com o outro”.

Em Defesa da Ética do Cuidado

Partimos desse título para refletir sobre aquilo que a vida humana possui de mais fundamental: o cuidado e a compaixão. Segundo o teólogo Leonardo Boff (2014), o cuidado abrange mais que um momento de atenção, de zelo e de desvelo, representa uma atitude de

ocupação, de responsabilidade e, sobretudo, envolvimento afetivo com o outro. Partindo desse princípio, a essência humana não se encontra tanto na inteligência, na liberdade ou na criatividade, mas basicamente na ação de cuidar.

A Ética do Cuidado de Leonardo Boff (2014, 2017) é uma abordagem ética que enfatiza a importância de cuidar do outro e do meio-ambiente. Para esse teólogo, a Ética do Cuidado é baseada em três princípios fundamentais: a responsabilidade, a compaixão e a solidariedade. A responsabilidade implica em assumir a responsabilidade pelos nossos atos e pelas consequências deles. A compaixão nos leva a nos colocarmos no lugar do outro e cuidar dele como se fosse a nós mesmos. E a solidariedade é a disposição para ajudar o outro e para se unir em prol de um bem comum.

Boff acredita que a Ética do Cuidado deve ser aplicada não apenas às relações humanas, mas também às relações com o meio ambiente. Ele defende a ideia de que a “Terra é nossa casa comum e que precisamos cuidar dela para garantir a nossa sobrevivência e as gerações futuras” (Boff, 2017, p. 34).

Além disso, enfatiza-se a importância de uma Ética do Cuidado que seja inclusiva e que leve em conta as diferenças culturais e sociais, argumentando que a Ética do Cuidado deve reconhecer a diversidade e promover a igualdade de oportunidades para todos.

Quando trazemos essa forma de compreender a vida humana para a psicologia do desenvolvimento, percebemos que, em determinadas fases da vida, o cuidado se faz indispensável e torna-se garantia de continuidade da espécie.

Certo dia, ao atravessar um rio, Cuidado viu um pedaço de barro e teve uma inspiração. Pegou no barro e começou a dar-lhe forma. Enquanto contemplava sua obra, apareceu Júpiter e Cuidado pediu-lhe que soprasse espírito sobre ela. Júpiter assim o fez. Mas,

quando cuidado quis dar nome à criatura que tinha moldado, Júpiter proibiu-o e exigiu que fosse imposto o seu nome. Enquanto Júpiter e Cuidado discutiam, surgiu, de repente, a Terra. E ela também quis conferir o seu nome à criatura, pois esta foi feita de barro, material do seu corpo. Originou-se uma discussão generalizada. Finalmente, de comum acordo, pediram a Saturno que fosse o árbitro nesta questão. Saturno tomou a seguinte decisão: Tu, Júpiter, deste-lhe o espírito. Receberás, pois, o espírito de volta por ocasião da sua morte. Tu, Terra, deste-lhe o corpo. Receberás, portanto, de volta o corpo quando ela morrer. Mas, como tu, Cuidado, modelastes a criatura, ela ficará sob os teus cuidados, enquanto viver. E ela se chamará homem, isto é, feito de húmus, que significa terra fértil. (Boff, 2014, pp. 51–52)

A fábula carrega um entendimento de que somos seres de Cuidado, nascemos para cuidar e sermos cuidados. É imperativo de nossa natureza o cuidado de si, o cuidado do outro e o cuidado com mundo que nos mantem vivos. Quando não valorizamos essa nossa identidade ontológica, fracassamos conosco e com os que necessitam de nossa atenção e compromisso. O abandono e o descuido são atitudes que podem trazer graves consequências para nossa vida em sociedade.

Pulino (2017) afirma que Leonardo Boff inspirado na fábula do Cuidado e preocupado com o futuro da vida nesse planeta, propôs o resgate da ética e do sentido de responsabilidade humana. Dessa maneira, Boff (2014) reconstrói um caminho para a Ética do Cuidado apresentando algumas possibilidades de experiência do homem com o compromisso de amar e com sua razão de existir.

Quando nascemos, e durante um bom tempo de nossa adequação social, somos seres que só sobrevivemos por meio do amor organizado pelo cuidado. Essas atitudes voltadas para o acolhimento, para o toque, para o afeto e proteção vão alimentando e fazendo crescer nossa

vontade de ser humano. Quanto mais indefeso, mais qualidade e quantidade de cuidado devem ser empregadas.

A educação formal compõe o sistema de garantia de direitos, por isso organizar atividades escolares que melhorem a autoestima do estudante, que incentivem a ampliação de seu processo criador e que reconheçam seu potencial humano, faz parte de um movimento em busca de um outro fazer pedagógico.

Nessa perspectiva, torna-se possível pensar a escolarização na socioeducação à luz da Ética do Cuidado para se traçar estratégias que promovam a valorização da vida e a promoção de ações de humanização das relações sociais.

Pensar a Escolarização à Luz da Ética do Cuidado

Para Vigotski (2003), o professor nunca deve se descuidar de seu compromisso social, moral e ético. A esse profissional foi dada a função de “organizar a vida” de outras pessoas. Segundo ele, a escola deve impregnar e envolver a vida da criança com milhares de vínculos sociais que ajudem a elaborar seu caráter moral e sua atitude de ser e estar no mundo.

Não há dúvidas sobre o fato de que toda educação tem inevitavelmente um caráter social,¹³ o que enfatizaremos aqui é da ordem do desenvolvimento psicológico, principalmente relacionado ao desenvolvimento das FPS, que são funcionamentos socialmente internalizados. Diferentemente das funções psicológicas elementares (FPE), as que se constituem nas interações sociais precisam de mediação para se ampliarem e amadurecerem.

Para o critério psicológico, há que se reconhecer no processo educativo, a experiência do estudante como fator que impulsiona as aprendizagens. Segundo a teoria histórico-cultural,

¹³ *Caráter social*, nesse momento refere-se à ampliação e ao desenvolvimento das FPS. Não podemos deixar de enfatizar que o caráter social da educação também abrange as boas relações sociais entre os indivíduos, como a diminuição da violência, a produção de bens intelectuais, o crescimento econômico, etc.

o único educador capaz de formar novas reações no organismo é a própria experiência. Para o organismo, só é real o vínculo que ocorreu em sua experiência pessoal. Por isso, a experiência pessoal do educando transforma-se na principal base do trabalho pedagógico. A rigor, do ponto de vista científico, não se pode educar a outrem [diretamente]. Não é possível exercer uma influência direta e produzir mudanças em um organismo alheio, só é possível educar a si mesmo, isto é, modificar as reações inatas através da própria experiência. (Vigotski, 2006, p. 75)

O meio social escolar deve ser organizado para essa função. Deve ser pensado e preparado para oferecer experiências que culminem em aprendizagens efetivas. O professor é o cuidador desse espaço, é o responsável pela criação desse território de saberes e sabores.

Na base do processo educativo deve estar a atividade pessoal do aluno. Este deve, incentivado pelo outro, construir suas vivências e dar sentido às experiências vividas. “Do ponto de vista psicológico, o professor é o organizador do meio social educativo,¹⁴ o regulador e controlador de suas interações com o educando” (Vigotski, 2006, p. 76), lembrando que ele compõe e é composto por esse meio, em uma relação dialética de constituir e ser constituído por ele.

À luz da Ética do cuidado, propõe-se que o ato de educar supere a dicotomia professor–aluno, ampliando espaços para a formação social desse sujeito responsável pela arte de educar para os princípios da solidariedade coletiva, compreendendo que o ambiente escolar é produtor de sujeitos para o futuro.

¹⁴ Entendemos convencionalmente o meio social educativo como um ambiente físico, mas também como um conjunto de relações humanas que se afetam dialogicamente. Seus elementos não estão em um estado congelado e estático. “Seu estado é mutante, e ele muda facilmente suas formas e sua configuração” (Vigotski, 2006, p. 79).

Nesse sentido é importante assumir-se a Ética do Cuidado como proposta teórica para guiar a ação pedagógica na produção de cidadania e no alcance dos demais direitos humanos.

Pensar a Educação Estética como Ética do Cuidado

Para compor a argumentação e defesa da educação estética desenhada por L. S. Vigotski, analisaremos o capítulo “A educação estética”, parte da obra *Psicologia Pedagógica* (Vigotski, 2001), que foi escrito entre 1921 e início de 1924, segundo Blanck (2003).

Vigotski inicia sua exposição afirmando que “o problema relativo à natureza, ao significado, aos objetivos e aos métodos da educação estética ainda não foi resolvido de forma definitiva na ciência psicológica nem na pedagogia teórica” (Vigotski, 2001, p. 225) e que também não será resolvido em um capítulo e nem em poucas páginas, mas, contudo, será possível pontuar os principais erros epistemológicos que assombram a aplicação da educação estética pela pedagogia e problematizar a possibilidade de se promover uma educação permeada por vivências estéticas. Nessa perspectiva, não se trata da estética a serviço da pedagogia nem de uma pedagogia a serviço da estética. A questão é muito mais complexa e importante.

Nas palavras de Vigotski, a pedagogia tem se apropriado da estética para “fins alheios à arte” (Vigotski, 2001, p. 225). Como mediadora de processos que são independentes do “fazer estético”, como ferramenta para a moral, para o conhecimento e para o sentimento. A seguir, vamos elucidar cada um deles, demonstrando seus desdobramentos instrucionais em oposição aos estéticos.

Interface Entre – A Moral e a Arte

Com relação à moral, Vigotski rejeita a afirmação de que as vivências estéticas devem ser permeadas pela relação direta com a moralidade e que toda “obra de arte contém uma espécie de estímulo para o comportamento moral” (Vigotski, 2001, p. 226). O autor acrescenta ainda que a

própria natureza das vivências estéticas na infância não pode ser controlada de forma tão simples pelo professor, visto que pouco se leva em consideração a psique infantil e as suas leis. Assim, as crianças podem chegar a um sentimento moral oposto ao planejado e desejado pelo docente. O autor afirma que “nunca podemos ter certeza antecipadamente de qual será a influência moral de um determinado livro” (Vigotski, 2001, p. 226).

Um ponto de análise de Vigotski sobre a relação entre moral e arte é o fato do enfraquecimento e da perda da “poesia”, da arte, para as motivações especificamente morais. Tal atitude encontra-se em profunda desarmonia com a natureza da percepção e da atitude estética frente às coisas do mundo.

Interface Entre – A Percepção da Realidade e a Arte

Um outro erro psicológico na educação estética foi impor a ela tarefas de caráter social e cognoscitivo, “adotada somente como meio de ampliar o conhecimento dos alunos” (Vigotski, 2001, p. 227).

A arte nunca reflete a realidade em toda sua amplitude e em toda sua verdade; ela representa sempre um produto sumamente complexo elaborado pelos elementos da realidade, ao qual aporta um conjunto de elementos totalmente alheios. [...] O estudo da história da intelectualidade russa segundo a literatura russa é tão impossível como o estudo da geografia conforme os romances de Júlio Verne, embora ambos os temas tenham se refletido na literatura. (Vigotski, 2001, p. 228)

Assim, Vigotski defende que a arte literária não é uma cópia da realidade, uma mera descrição, nem uma fotografia, por isso não deve ser empregada com a finalidade de disciplina educativa.

Interface Entre – O Sentimentalismo e a Arte

Esse ponto é trazido pelo autor como sendo o terceiro equívoco da pedagogia tradicional com relação à arte, reduzir o significado das vivências estéticas ao sentimento imediato de gozo e de satisfação que ela desperta na criança.

Quem pensa cultivar a estética na educação como fonte de prazer sempre corre o risco de encontrar na primeira guloseima e no primeiro passeio os mais fortes concorrentes. A particularidade da idade infantil reside justamente no fato de que a força direta de uma vivência real concreta é muito mais significativa para a criança que a força de uma emoção imaginária. (Vigotski, 2001, pp. 228–229)

Em última instância, Vigotski assume que esses equívocos que permearam e permeiam a educação estética no ambiente escolar são reflexos de duas situações: o desconhecimento dos pedagogos sobre a natureza das vivências estéticas e a falta de clareza da ciência psicológica com relação à profundidade dos elementos e atividades que constituem o fenômeno estético.

Em síntese, a chave para a tarefa mais importante da educação estética “é inserir as reações estéticas na própria vida” (Vigotski, 2001, p. 239), no chão da escola, nas rotinas pedagógicas, de forma que as vivências estéticas sejam o eixo para ampliação das relações humanas.

A arte transforma a realidade não só em construção da fantasia, mas também na elaboração real das coisas, dos objetos e das situações. A moradia e a vestimenta, a conversa e a leitura, a festa escolar e o modo de caminhar: tudo isso pode servir como material sumamente promissor para a elaboração estética. (Vigotski, 2001, p. 239)

Wedekin e Zanella (2016) defendem que a educação estética de Vigotski compreende a criação artística na infância, especificamente a criação literária, musical e o desenho infantil, acrescentam que tal atividade deve ser mediada pelo educador. A riqueza desse processo de criação

não deve ser reduzida ao produto, mas, sobretudo, o valor principal deve ser o *continuum* de criação.

Defendemos uma educação estética que ressalte todas as possibilidades de criação do estudante, que valorize todo seu repertório de experiência, suas manifestações afetivas, proporcionando reflexões sobre seu “ser” no social, na cultura, no mundo.

Zanella (2007) propõe indicadores para uma educação estética necessária para a (re)invenção da vida. Segundo a autora, as reflexões sobre essa temática que têm surgido durante a implementação de cursos de extensão para professores permitem-lhe afirmar que a educação estética é o caminho para ressignificar as relações que as pessoas estabelecem com a realidade, com os outros e consigo mesmas.

Acrescenta ainda que as relações estéticas estabelecem importância na medida em que permitem ao sujeito desligar-se da realidade vivida, e, ao mesmo tempo, ser capaz de imaginar e inventar outras formas de existir e de estar no mundo.

As investigações realizadas por Zanella e por seu grupo de pesquisa permitiram organizar alguns indicadores que podem promover educação estética na prática educativa. Ela destaca: (a) a necessidade de trabalhar com os sujeitos suas trajetórias de vida; (b) problematizar formas estereotipadas, estranhar as estruturas que já estão cristalizadas em nosso cotidiano; (c) experimentar outras formas de “olhar”, de “ouvir”, de sentir e de objetivar-se de forma criadora; (d) relativizar as certezas da percepção, destituir-se de certezas e convicções e se lançar diante do novo; (e) desafio de criação de novos sentidos, não negar a polissemia da vida.

Consideramos que esses indicadores podem funcionar como um ponto de referência para se compreender a proposta de como a educação estética poderia tomar corpo na educação formal,

seria um ponto de partida para “romper com la massificación de las sensibilidades, característica de la sociedade de consumo” (Zanella, 2007, p. 491).

Nesse sentido reconhecemos o compromisso ético e estético da escolarização em promover uma educação permeada pela diversidade, pelo direito de promover o desenvolvimento de sujeitos criadores de suas próprias possibilidades de existência.

Nessa mesma perspectiva, Pederiva et al. (2022) trazem uma discussão muito cara a essa pesquisa quando retomam o papel dos signos artísticos na educação estética, pois afirmam que “a produção dos signos da arte está entrelaçada ao desenvolvimento humano na sua relação com a cultura” (p. 4).

Entendemos os seres humanos como pessoas que têm condições de se relacionar com as diversas expressões das artes e seus signos artísticos para o desenvolvimento integral. Nesse sentido, as artes abarcam a dimensão afeto-intelectiva e individuo-social, sem qualquer separação entre o campo educativo e/ou terapêutico, porque, assim organizada, ela englobará, mais amplamente, como processo educativo, os dois aspectos, atuando na qualidade de organizadora da vida e, também, como atividade humana equilibradora da dimensão afetiva. (Pederiva et al., 2022, p. 14)

Compreende-se a educação estética como um conjunto de experiências educativas intencionalmente organizadas em espaços educativos com o propósito de estimular vivências estéticas atravessadas pelas dimensões afetivas de percepção, expressão e criação artísticas.

Assim como Pederiva et al. (2022), defendemos um processo educativo pautado em uma educação estética que liberte o sujeito de suas prisões sociais, de sua falta de perspectiva, propiciando e estimulando vivências criadoras e produtoras de cultura. Desse entendimento, tornou-se possível pensar em um trabalho de análise das letras de músicas dos adolescentes em

cumprimento de medida socioeducativa. O gênero musical mais ouvido e cantado por esses jovens é o rap que, segundo depoimentos, é “a voz da periferia”. Suas letras retratam a realidade da “quebrada”,¹⁵ afirmam que no rap todos se reconhecem, por meio dele se transformam e são transformados.

Rap: Um Ritmo Musical “de Menor”

Segundo Deleuze e Guattari (1977), existe uma literatura menor. Uma literatura que se representa por um forte coeficiente de re-territorização da linguagem, ou seja, criar uma língua que dá sentido ao seu território, habitar um lugar real de linguagem, seria “escrever em sua língua”, ocupar um espaço de fala onde seus afetos possam ser ditos e representados.

Neste contexto, o rap (*rhythm and poetry*) já se estabeleceu como forma histórica de resistência cultural e como a principal expressão musical de uma grande parcela da juventude negra, pobre e periférica das grandes cidades brasileiras. Por meio do conteúdo das letras, diversos grupos de rap cantam memórias não contadas dos seus ancestrais, das ruas, do lugar onde vivem, reinventando e reconhecendo, sob uma nova óptica, a sociedade e suas contradições. (Tella, 2000).

Sendo um dos braços da cultura e do movimento hip-hop, o rap é entendido como uma manifestação de contestação, repúdio e indignação à exclusão social. Trata-se de uma resposta ao *não*.

[...] quando tudo era negado foi preciso mudar, tirar a arte das galerias e levar pras ruas, pros muros da cidade, tirar a poesia das bibliotecas e levar pros saraus, nas quebradas, tudo isso sem a força das armas, só com a força da palavra: *mudança*. (Tella, 2000, p. 52)

Uma outra característica das literaturas menores “é que tudo nelas, tudo é político” (Deleuze & Guattari, 1977, p. 26), ou seja, todas as discussões, temáticas ganham um teor coletivo,

¹⁵ O termo *quebrada* se refere ao local onde moram.

imerso em um universo social, político, econômico, em que sua história se conecta à outras histórias, tornando-se um comum de significados, compondo uma linguagem comum, que expressa uma identidade comum.

Cabe ressaltar que, nesse contexto de estudo, o adjetivo “menor” não é um termo qualificador (na interface positivo/negativo), mas potencializador de condições de existência de um processo de enfrentamento e resistência dentro das “grandes” literaturas. Uma literatura menor:

“[...] é a literatura que produz uma solidariedade ativa, e se o escritor está à margem ou afastado de sua frágil comunidade, essa situação o coloca ainda mais em condição de exprimir uma outra comunidade potencial, de forjar meios de uma outra consciência e de uma outra sensibilidade”. (Deleuze & Gattari, 1977, p. 27)

O rap estabelece essa conexão entre o individual e o social, entre percepções pessoais e uma interlocução social, clamores que, em bloco, a outras situações análogas, configuram-se em uma das mais concretas formas de resistência em comunidade.

A música, como arte, diferencia-se do som natural, caracterizando-se como um produto histórico e cultural da atividade humana, e como tal contém a intencionalidade do artista, que combina formas, organiza o som, reúne palavras, notas, ritmos, com o intuito de provocar emoções no sujeito que ouve. Respeitando o movimento dialético, a música é, a um só tempo a materialização dos sentimentos do autor, que não são apenas singulares, mas constituídos no complexo movimento social. (Dugnani *et al*, 2016, p. 68)

Cantar o rap é libertar o corpo das grades de silêncio, desprender-se da realidade cinzenta em que vivem. Em uma unidade de internação, os corpos tendem a serem silenciados, enrijecidos e torturados, mas essa realidade vai sendo adormecida à medida que a voz, o som e o ritmo vão dando forma a um tipo de clamor, a uma performance de expressão do coletivo.

No ritmo do corpo do *rapper*,¹⁶ os sentimentos ganham força, atravessam o ar e contagiam outros corpos que seguem o compasso da melodia. É na arte que o corpo se liberta, na expressão de suas angústias, ele se materializa e, na conexão com o outro, se transforma.

Retomando as palavras de Vigotski (2001) a música promove a elaboração de sentimentos que antes estavam adormecidos e que vão ganhando intensidade e potência à medida que encontram ressonância em outras vozes que também aguardam sedentas por atenção e reconhecimento.

Como destacam Pederiva & Tunes (2013), esse processo não se dá por via direta e imediata, os sentimentos são trazidos à consciência pela mediação da arte, na proporção em que as emoções vão se afastando cada vez mais das reações de base biológica e adquirindo contornos atravessados pela cultura.

¹⁶ Atribuição a quem canta o rap.

Capítulo 4 – Metodologia

A metodologia de pesquisa defendida por Vigotski é a dialética materialista. Ele acreditava que a análise de um fenômeno deveria ir além da sua aparência superficial, buscando compreender as contradições e possivelmente entre diferentes aspectos envolvidos. Para Vigotski (2021), a dialética materialista é uma abordagem que leva em conta os aspectos históricos, sociais, culturais e psicológicos de um fenômeno e busca compreender como eles se relacionam e se influenciam mutuamente. Além disso, também valorizava a pesquisa empírica, que buscava coletar dados concretos e observáveis para embasar suas teorias. Ele defende a união da teoria e da prática, de forma a garantir a aplicabilidade e o culto dos estudos na vida cotidiana.

Nessa perspectiva, o homem não é um objeto, nem algo sem voz: é outro sujeito, outro eu que interage dialogicamente com seus interlocutores. Dessa maneira, pesquisador e pesquisado se constituem como dois sujeitos em interação que participam ativamente do acontecimento da pesquisa.

Para Martins (2015), a epistemologia materialista histórico-dialética dispensa a adoção das abordagens qualitativas na legitimação da cientificidade de seus métodos de investigação. Para tal defesa, a autora traz dois argumentos. O primeiro é apresentar indícios de que a pesquisa qualitativa, em sua gênese estrutural, se opõe a uma visão dialética dos fenômenos investigados e, de certa forma, continua reproduzindo as dicotomias Objetivo × Subjetivo; Qualitativo × Quantitativo; Indução × Dedução, presente no método quantitativo. Para a autora, as metodologias qualitativas revelam uma superação aparente da lógica positivista e, embora consideremos sua tentativa de superação, continua mantendo em seus princípios investigativos a lógica da exclusão.

Na lógica dialética, há conformidade na unidade indissolúvel dos opostos, “o que determina saber o objetivo com o subjetivo, externo com interno, individual com social, o qualitativo com o quantitativo” (Martins, 2015, p. 9).

O outro argumento trata da relevância dessa abordagem ao caráter empírico dos fenômenos, pois os percursos qualitativos aprisionam-se ao mundo empírico, ao imediato, furtando-se ao entendimento essencial dos fundamentos da realidade humana.

Para o materialismo histórico-dialético, o mundo empírico representa apenas a manifestação fenomênica da realidade em suas definibilidades exteriores. Os fenômenos imediatamente perceptíveis, ou seja, as representações primárias decorrentes de suas projeções na consciência dos homens, desenvolvem-se a superfície da essência do próprio fenômeno. (Martins, 2015, p.10)

Fundamentado nesse princípio, Kosik (1976) afirma que a essência do fenômeno não está posta explicitamente em sua pseudoconcreticidade (concreticidade aparente), não se revelando de modo imediato, mas sim, pelo desvelamento de suas mediações e de suas contradições internas fundamentais.

Contextualizando Tempos e Espaços da Pesquisa

Esta pesquisa ocorreu em um núcleo de ensino (Figura 4) localizado dentro de uma unidade de internação de uma região administrativa de Brasília, DF. O contato com a escola iniciou-se em 2019, mas, em função da crise sanitária provocada pela pandemia da COVID-19, as tratativas foram suspensas. Somente em 2022 foi possível dar andamento às outras etapas previstas no projeto. Nesse período, recomeço também minhas atividades docentes na SEEDF, retornando de um afastamento remunerado para estudos com duração de quatro anos.

Figura 4

Fachada e Entrada do Núcleo de Ensino (Escola) da Unidade de Internação (Maio de 2019)



Não poderia deixar de registrar os horrores que vivenciamos com o advento da pandemia, acompanhávamos diariamente pelos meios de comunicação, a vitória da morte sobre a vida, a vitória de um vírus sobre a humanidade. A calamidade espalhando-se pelo mundo e a desesperança tomando conta de nossos corações.

Com os jovens que cumprem medida de restrição de liberdade, a situação foi muito mais delicada, pois passaram meses sem poder receber visitas dos familiares. No período de março a maio de 2021, a entrada e a saída da unidade de internação limitaram-se aos funcionários da SEJUS e aos coordenadores da escola (NUEN), somente. Tal medida tornou-se necessária para evitar o aumento do número de contágios nas unidades de internação. Em consequência desse decreto, as visitas dos familiares foram suspensas por tempo indeterminado e esse contato era promovido semanalmente através de videochamadas.

Esses jovens ficaram sem o convívio físico de seus familiares, as atividades rotineiras ficaram mais restritas e o tempo de permanência trancados em suas celas se ampliou. Sabe-se que para a manutenção da saúde mental desse adolescente ficar muitas horas/dias em isolamento, sem

informações da família, sem o contato com os outros colegas pode desencadear uma série de comportamentos de autoagressão e de tentativas de autoextermínio.

Com a chegada da vacina, aos poucos, tivemos a chance de retomar nossas atividades sociais e o regresso à unidade de internação foi possível. Nesse momento, houve a decisão de realizar as etapas presencialmente, pois o desejo de estar lado a lado com os jovens e poder ouvi-los sobre suas experiências não nos deixou desistir de investir na realização das oficinas e das demais etapas de realização da pesquisa.

Antes de descrever as etapas desse estudo, gostaria de contextualizar a escolha por essa unidade de internação e por essa escola em particular. Trata-se de uma unidade relativamente nova, inaugurada em 2014, que recebe adolescentes entre 13 e 17 anos, caracteriza-se por ter atendimento misto, porque recebe adolescentes do sexo feminino e masculino. É conhecida por ter uma grande movimentação artística. A grande maioria das atividades artísticas são planejadas e coordenadas pelos professores do NUEN. Dentre as atividades, destacam-se os Festivais de Música – Projeto R.A.P, Saraus Literários e o Cine Debate – RacioCine.¹⁷

Este NUEN, em 2018, venceu em primeiro lugar o prêmio do Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef), com o projeto “Ondas pela Paz”. Neste, cerca de 150 jovens participam de atividades criadoras, tais como composição de música, criação de desenho e atividades dirigidas de leitura. Um trabalho que, segundo os coordenadores, é usado como instrumento para a reinserção social. No início de 2019, participaram pela primeira vez, do Concurso de Curta Metragem das Escolas Públicas do DF.

Trata-se de uma instituição que acredita na importância da arte e, por isso, investe tempo, recursos financeiros e esforços humanos para propiciar momentos e espaços de interações

¹⁷ Tais atividades artísticas ocorrem durante todo o ano letivo e estão contempladas no Plano Político Pedagógico da Escola.

artísticas para seus alunos. Todos os servidores da escola, de alguma forma, contribuem com os projetos, porém, dois professores em especial destacam-se nesse processo, elevando o nível de motivação e envolvimento dos discentes nas atividades culturais que ocorrem dentro e fora do ambiente escolar.

Com relação aos procedimentos de construção de informações, foram selecionados três momentos:

- Compilação, seleção e análise de 46 letras de rap que foram apresentadas nos festivais de música dos anos de 2019 e 2021.
- Realização de entrevista semiestruturada sobre o processo de composição com os 03 vencedores do festival (2021).
- Elaboração e aplicação de questionário de necessidade e de interesses à 22 estudantes.

Todas as informações construídas a partir das estratégias citadas acima, foram analisadas sob a ótica dos núcleos de significação (NS). Trata-se de uma proposta histórico-dialética de apreensão e reconstituição de sentidos. Configura-se como um movimento de análise e interpretação dos sentidos e significados que escapam à dimensão objetiva. Destacaremos os três procedimentos que não são estagnados, mas seu ordenamento conduz o pesquisador a possibilidades múltiplas de reestruturação dos dados e para reorganização de novos sentidos: levantamento de pré-indicadores, sistematização de indicadores e interpretação dos núcleos de significação.

Compreendendo que a palavra pode adquirir vários significados, seguiremos com Aguiar e Ozella (2006), quando afirmam que somente “por meio de um trabalho de análise e interpretação pode-se caminhar para as zonas mais instáveis, fluidas e profundas, ou seja, para as zonas de sentido” (p. 304).

Na primeira etapa de análise dos núcleos de significação (NS) buscou-se identificar palavras e frases que, de acordo com sua repetição, reiteravam ideias, sentimentos e significados. São palavras articuladas que compunham um significado particular ao sujeito que a utilizava. “Vale realçar, contudo, que sendo o ponto de partida do pesquisador, os pré-indicadores revelam não o sujeito concreto (histórico) mas, apenas o sujeito empírico”. (Aguiar et al., 2015, p. 62). “[...] é um momento da pesquisa que visa a apreender não simplesmente as afirmações verbais do sujeito, mas também as significações da realidade que se revelam por meio de expressões verbais, que sempre são carregadas de afeto” (Aguiar et al., 2015, p. 64).

Concluída essa fase, seguiu-se o processo de organização/articulação dos pré-indicadores, utilizando-se como critério de agrupamento quesitos de “similaridade”, “complementaridade” e/ou de “contradição”. Esta fase caracterizou-se como a sistematização dos indicadores.

Na última etapa de análise das informações, pode-se contar com a elaboração, articulação e a revelação de resultados mais densos e mais profundos, pois nessa fase, a pesquisadora já teve a oportunidade de separar e de agregar possíveis conteúdos resultantes do processo de análise desde o levantamento dos pré-indicadores até alcançar os possíveis núcleos de significação.

Organização das Informações a Partir das Letras de Rap – Composições Autorais Para os Festivais de Música

Os Festivais de Música desta unidade são eventos que têm acontecido desde 2016. Uma realização do Projeto RAP-DF (Ressocialização, Autonomia e Protagonismo) e parceiros. O professor de história, Francisco Celso, sempre está à frente dos trabalhos, cuidando pessoalmente das temáticas e dos ensaios dos adolescentes que aproveitam esse momento para apresentar ao público suas composições e suas performances no palco.

É notório como os jovens querem participar, querem mostrar suas letras de música, querem o microfone para contar suas histórias e confraternizar com os outros rappers que lá se apresentam. Isso mesmo, o festival também é um ato de confraternização, de união, de multiplicação de vozes em torno de temáticas que perpassam a vida da maioria dos jovens que vivem em uma unidade de internação cumprindo medida socioeducativa de restrição de liberdade.

E é nesse aspecto que exaltamos a promoção de tempos, espaços e ações que privilegiem a elaboração e expressão de sentimentos e a construção de relações de parcerias entre os diversos profissionais. De acordo com nossas análises, a música tem se configurado como uma das materialidades mediadoras que podem promover transformações no ambiente escolar, na medida em que permite ao jovem nomear, reconfigurar e expressar sentimentos que constituem a base de seus modos de pensar, sentir e agir no mundo.

Não se pode deixar de registrar que esse espaço de convivência estabelecido no dia do Festival é único, pois se configura como uma trégua entre as várias instâncias de poder e de repressão que compõem o serviço socioeducativo, de uma forma geral, em suas rotinas diárias.

Professores, equipe técnica (composta por assistentes sociais, psicólogos e pedagogos) e equipe de segurança se reúnem para assistir e prestigiar o evento. Muitos desses profissionais não conhecem o adolescente fora do seu contexto de atendimento e, muitas vezes, demonstram surpresa com as habilidades que eles apresentam no palco.

Como todo festival, para além da liberdade de poder cantar suas canções, trata-se de um evento cultural, festivo e de celebração da arte. Os candidatos inscritos competem em alguns quesitos como: melhor composição e melhor performance. Também fazem parte dos objetivos do Festival a valorização da cultura hip hop e a revelação de novos rappers para o cenário cultural das periferias de Brasília.

As 46 letras escolhidas para análise foram retiradas do acervo impresso composto pelas letras de músicas que concorreram nos Festivais 2018 e 2020. Os adolescentes se inscrevem para participar do evento com composições inéditas. No dia do Festival, são chamados jurados externos para avaliarem a qualidade das músicas sob alguns quesitos: letra, melodia e performance artística. O vencedor recebe uma premiação e ainda tem a oportunidade de gravar sua música em estúdios parceiros do projeto RAP.

A opção por analisar o discurso escrito surge como recurso para acompanhar o processo de criação através de um *continuum* de escrita monitorada, monológica, em que o autor leu e releu seu produto de criação, empreendendo esforços para que suas ideias e emoções possam ser compreendidas pelo outro. Vigotski (2009) defende que como o discurso escrito é feito na ausência do interlocutor, é necessário empregar bem mais palavras e com significados bem mais específicos. Acrescenta que por isso:

É um discurso desenvolvido ao máximo, nele a decomposição sintática atinge o apogeu. Ali, graças à divisão dos interlocutores, raramente são possíveis a compreensão de meias palavras. Na linguagem escrita, os interlocutores estão em diferentes situações, o que exclui a possibilidade de existência de um sujeito comum em seus pensamentos. Por isso, comparado ao discurso falado, o escrito é, neste sentido, maximamente desenvolvido e uma forma de discurso sintaticamente complexa na qual, para enunciar cada pensamento isolado, precisamos empregar muito mais palavras do que se faz com a linguagem falada. (Vigotski, 2009, p. 452)

Vigotski (2009) propõe uma distinção, afirmando que, neste contexto, a linguagem escrita é diametralmente oposta à falada, caracterizando o diálogo (fala) como uma composição menos complexa comparado ao monólogo (escrita) que, devido sua natureza composicional, exige um

feixe maior de elementos para sua combinação. Tal expressão interior (rascunho mental/ linguagem interior) passa por processos de elaboração, idas e vindas para se materializar no papel.

Vale ressaltar que o trabalho com textos escritos na perspectiva da análise de núcleos de significação tem poucas referências, o que torna a proposta desse estudo uma indicação para o desenvolvimento e aprimoramento desse instrumento em outras situações de pesquisa semelhantes a essa, ou seja, com objetivo de interpretar também dados produzidos em situação de discurso escrito (monológico).

Dados Construídos a Partir da Coletânea “Para Além das Algemas: Se a História é Nossa, Deixa que Nós Escreve – 2019”

Na Figura 5, tem-se a capa da coletânea da qual foram retiradas 23 letras de músicas para compor o acervo de estudo. As músicas que fazem parte desse livro foram apresentadas no Festival de Música realizado em 2018. A organização e publicação das coletâneas acontecem sempre no ano posterior aos festivais.

Figura 5

Capa da Coletânea “Para Além das Algemas: Se a História é Nossa, Deixa que Nós Escreve – 2019”

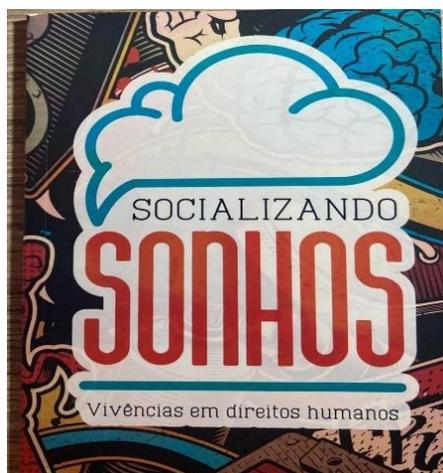


Tabela 5

Indicadores e Pré-Indicadores Levantados Para Chegar aos Núcleos de Significação a Partir da Coletânea “Para Além das Algemas: Se a História é Nossa, Deixa que Nós Escreve”

Indicadores	Pré-indicadores
Reflexão sobre a vida no crime, sobre suas escolhas: arrependimento, desilusão, aceitação da sentença	<ul style="list-style-type: none"> • <i>Me envolvi sabendo o preço a pagar/A vida é sofrida e um novo caminho vou trilhar. M-25</i> • <i>A vida do crime eu não quero mais/ Não quero e nem penso em voltar atrás. M-23</i> • <i>Viajando no meu quarto eu fico pensando/ Pra onde essa vida está me levando. M- 04</i> • <i>Andar na linha certa e esperar meu julgamento. M- 07</i> • <i>O Deus olha pra mim que estou aqui dentro/ muita saudade e arrependimento. M-10</i> • <i>Você faz suas escolhas, suas escolhas fazem você. M-14</i> • <i>Se arrependa enquanto há tempo, saia dessa vida/ Porque a morte ela vem e não te avisa. M-14</i> • <i>Existem dois caminhos você pode escolher/ Jesus e o Diabo, decide quem vai ser. M-16</i> • <i>Tudo isso que vivemos é pura ilusão/ Acorde pra vida antes que acabe num caixão.</i>
Mudança de atitude como uma escolha individual – mudança de vida	<ul style="list-style-type: none"> • <i>Hoje, longe do sistema, irmão, tenho meu trabalho, minha família...</i> • <i>Um dia eu vou sair, vou me regenerar/ Construir minha história e conseguir me libertar.</i>

-
- Contrações do mundo do crime: vida de ilusão, ainda dá tempo de mudar e seguir outra opção.
- *O crime não é o creme, pare e pense, irmão/ Ele só traz dinheiro e financia o caixão. M-01*
 - *A escola que eles estudam não garante certificado/ Só resulta em funeral e corpo cheio de buraco. M-06*
 - *Estirado no chão, deitado no caixão/ Este é o triste fim do crime, ladrão. M-14*
 - *Viu a diferença do crime para a salvação?/ O diabo te dá tudo, mas quem te enterra no chão? M-16*
 - *O crime é cabuloso é difícil de sair/ Tem a fase boa, mas vem o triste fim. M-22*
 - *A vida do crime é sem futuro. M-23*
 - *Não é um conto de fadas é um filme de terror. M-26*
- Demonstração de fé, esperança, fortaleza.
- Agradecimento.
- Apresentação da batalha entre o Bem × Mal, entre o Diabo × Deus; Amor × Odio
- *Mas com Deus do meu lado vou prosseguindo com o Salmo 121 eu vou seguindo. M-01*
 - *O senho vai me fortalecer.*
 - *O senhor é do meu lado, tudo vai se resolver.*
 - *Deus guie a minha mente e conforte meu coração. M-12*
 - *Internado no sistema há quase um ano/ Eu venho pedindo pra Deus estar me guiando. M-29*
 - *Mas tenho fé em Deus e cabeça erguida. M-29*

-
- Traição no mundo do crime/
guerra (brigas) nas quebradas
(nas regiões onde moram)
- *Mente atribulada de tanta traiçagem. [...] irmão matando irmão... M-25*
 - *Trairagem e pilantragem estou sentindo na minha pele. M-01*
 - *Vou ficar ligeiro nesse mar de piranhagem pra não ser mais um morto no CAJE. M-15*
 - *Trombou com os inimigos, meu parceiro eu tenho é dó. M-19*
- Denúncia sobre as
desigualdades sociais:
Culpa dos políticos
- *Seu filho sem escola e o culpado é o governo/ Prometeu várias mudanças no dia da eleição. M-02*
 - *Foda é saber que é o fim da humanidade/ Enquanto os políticos engravatados cobiça o dinheiro da sociedade.*
 - *O presidente do senado em uma cela ele não cai/ Tem estudo, tem família, tem uma boa condição/ Diferente do neguinho que é chamado de ladrão. M-13*
 - *Queremos educação/ E mais saúde meu irmão/ O Brasil está afundando com tanta corrupção... M-24*
 - *Isso é culpa do governo que não pensa na favela/Não tem água, nem esgoto e nem comida na panela/ Só investem nos presídios pra prender mais vagabundo/ Se investisse nas escolas, isso mudaria o mundo [...] M-37*

-
- | | |
|---|--|
| <p>A figura materna como esteio da família, traz acalento e refúgio na situação de desespero</p> | <ul style="list-style-type: none"> • <i>Minha mãe está lá fora entristecida/ Pedindo pra Deus pra me tirar dessa vida. M-14</i> • <i>Um pai alcóolatra, dois irmãos e minha mãe/ Maria José mulher guerreira/ E as coisas lá em casa num era brincadeira. M-21</i> • <i>Um pai violento muito ausente em casa/ Chegava descontrolado e nos filhos dava porrada. M-21</i> • <i>A rainha vai embora (após a visita) e o ódio sempre volta. M-08</i> • <i>Só restou minha rainha que sempre está do meu lado. M-35</i> |
| <p>Mensagem de ódio, crítica a ação da polícia, crítica à violência tão comum ao sistema socioeducativo</p> | <ul style="list-style-type: none"> • <i>Não vem com esse papo de amor/ Esse sentimento meu coração não alcançou/ Só o ódio. M-05</i> • <i>Verdadeiros bandidos os porcos do choque. M-06</i> • <i>No dia a dia minha vida era só o sangue derramado. M-22</i> • <i>O sistema prega ressocialização/ Mas são os primeiros a revoltar o ladrão. M-22</i> |
| <p>Como a sociedade enxerga o jovem que comete um ato infracional</p> | <ul style="list-style-type: none"> • <i>O corpo desfigurado da cabeça aos pés/ Pro polícia menor infrator/ Pra sociedade mais um bobo opressor. M-05</i> • <i>Sinto tanto ódio dentro do coração/ Aqui dentro dessa cela, igual abominação/ Será que eles sentem ódio de mim mesmo/ Ou só me odeiam por eu ter nascido preto. M-32</i> • <i>Muitos nos julgam pelo que somos, mas não sabem a realidade em que vivemos. M-35</i> |

Dados construídos a partir da coletânea socializando sonhos 2ª edição– 2021

Na Figura 6, tem-se a capa da coletânea da qual foram retiradas 23 letras de músicas para compor o acervo de estudo. As músicas que fazem parte desse livro foram apresentadas no Festival de Música realizado no final de 2020.

Figura 6

Capa da Coletânea “Socializando Sonhos – 2ª Edição”



Tabela 6

Indicadores e Pré-Indicadores Levantados Para Chegar aos Núcleos de Significação a Partir da Coletânea “Socializando Sonhos – 2ª Edição”

Indicadores	Pré-indicadores
Confissão de atos ilícitos e a jornada no mundo do crime	<ul style="list-style-type: none"> • <i>Como decorrer do tempo já matei e trafiquei.</i> • <i>Comecei fumar, depois assaltar.</i> • <i>Eu entrei pro tráfico era muito novo</i>
Admissão e arrependimento pelos atos cometidos	<ul style="list-style-type: none"> • <i>Uns se arrependem outros tentam ser feliz.</i> • <i>O crime não compensa.</i> • <i>Penso muito no que eu fiz de errado que me levou para o fim do túnel.</i> • <i>Eu me arrependo do que eu fiz.</i> • <i>Peço perdão pelos meus pecados.</i> • <i>Eu sou falho e admito isso.</i> • <i>Mano to cansado dessa vida bandida.</i> • <i>Mas tô de boa não quero mais a vida errada.</i> • <i>Quebrando barreira pra ser mais um homem honrado.</i>

-
- Mudança de vida
- *Saia da vida do crime!*
 - *Mudei de vida e Deus me abençoou.*
 - *A partir de agora só orgulho pra família.*
 - *Depois de algum tempo do crime me aposentei.*
 - *Aqui é um processo para eu mudar de vida.*
- Fé/agradecimento
- *Por isso eu agradeço e quero sair dessa vida.*
 - *Agradeço por estar preso, assim eu vejo minha guerreira.*
 - *Quero ir pra igreja e ler a minha sagrada.*
 - *O Diabo joga sujo mão tem lei.*
 - *Deus ilumina meu caminho.*
 - *Obrigada meu Deus, por mim não esquecer e por guardar minha família, eu só tenho a agradecer.*
 - *Obrigada meu Deus por mais um dia de vida.*
 - *Só o senhor pode te fortalecer.*
 - *Com o Salmo 121 eu vou seguindo.*

Purgatório	•	<i>Saudade</i>
	•	<i>Dor</i>
	•	<i>Sufrimento</i>
	•	<i>Desilusão</i>
	•	<i>Abandono</i>
	•	<i>Traição</i>
	•	<i>Nem tudo que penso aqui posso dizer, aqui qualquer coisinha é motivo pra morrer.</i>
	•	<i>Cicatriz</i>
	•	<i>Tatuagem</i>
Composição da família	•	<i>Mãe trabalhadora X pai ausente.</i>
	•	<i>Mão guerreira me perdoe.</i>
Declarações	•	O crime é roda gigante tentando te iludir te joga pro alto pra depois você cair (M8)

Nota. M = música.

Organização das informações a Partir da Entrevista

A entrevista aconteceu no dia 07/12/2022, uma semana após ocorrido o Festival de Música. Os três jovens que tiveram suas composições premiadas foram convidados a falar sobre seu processo de criação. Todos aceitaram o convite e participaram desse momento de fala. Essa conversa durou aproximadamente 60 min e cada jovem pôde contar como organiza suas ideias, como materializa em palavras suas angústias, experiências, desejos e as transforma em uma canção.

Ressalta-se não se tratar de momento de muito conforto para esses jovens, não ficam à vontade frente a um gravador de voz, acreditam que tudo que será registrado poderá ser usado contra eles durante a audiência com a juíza. Não estão acostumados com situações de acolhimento e de escuta por parte dos servidores. Os momentos iniciais foram de esclarecimento sobre a proposta da entrevista e da pesquisa, os cuidados éticos, como o anonimato, juntamente com os agradecimentos pela participação voluntária de cada um. Após alguns minutos de conversas informais, sobre as rotinas da unidade, passou-se a registrar as declarações. Muitas vezes o silêncio tomava conta do ambiente, por isso a pesquisadora teve de interferir com perguntas a todo o momento.

As questões trazidas por mim como pesquisadora giraram em torno da temática “o que pensam e sentem sobre seu processo de criação”, “quais estratégias foram utilizadas para compor as letras das músicas”. Também foi perguntado qual a importância e o significado de um Festival de Música dentro de uma unidade de internação.

As declarações foram unânimes em afirmar que a música (rap) é um canal por onde se acessam várias histórias de vida, um instrumento de reflexão sobre a “vida do/no crime”. Para eles,

uma oportunidade de materializar sentimentos, angústias, frustrações em palavras que ganham no papel uma projeção coletiva.

A entrevista, diferentemente da análise das letras de música, partiu de uma intencionalidade específica que era conhecer um pouco mais os processos de criação acionados pelos jovens durante o processo de composição de suas letras. Quando perguntei sobre a temática das letras, todos foram assertivos em afirmar que escreveram sobre sua vida, retrataram sua realidade e expressaram suas experiências. Consta-se que as letras se ancoram no envolvimento, na vivência, na progressão desses jovens no mundo do crime. As composições não falam da infância, ou das experiências amorosas, ou dos passeios realizados com os amigos, temáticas que envolvem a vida de adolescentes no auge de seus 17 anos. O registro das memórias está arraigado a sentimentos de dor, sofrimento, desalento, à falta de perspectiva de poder desfrutar de outras realidades, o que transforma esses jovens em apenas mais um instrumento do tráfico.

Durante a entrevista, percebeu-se uma preocupação com a opinião pública e a tentativa de justificar os atos cometidos: “meninos bons que tão no caminho errado”. Há uma necessidade de “transmitir um pouco da nossa história”, de mostrar sob outra perspectiva a realidade vivida. Mostram que compor é uma das únicas oportunidades que eles têm de revelar o lado “B” dessa história, de desvelar o que acontece no mundo do crime. Embora sempre mencionem “escolhas”, “opção” enfatizando que entrar para “essa vida” foi uma opção consciente, apresentam declarações contrárias quando expressam não haver outra realidade, outra opção, quando aceitam esse destino que, partilhado por membros da mesma família, é uma espécie de condenação social. A aceitação dessa sentença de vida vai além da sentença do juiz, quando determina a internação como medida socioeducativa pelo ato infracional cometido, é a aceitação de um destino.

Retratam também a importância da conexão produzida pela música, as histórias vão se encaixando umas nas outras, ocasionando momentos de união, paz e empatia entre adolescentes que nem se conhecem, mas têm muito em comum, suas vidas atravessadas pela pobreza, pelo desalento e pela dor.

Nas interpretações de Vigotski (2009, 2010), há um traço no comportamento do adolescente que salta aos olhos, trata-se do que ele chamou de emotividade aguçada, a excitabilidade elevada do sentimento. Para esse autor, a idade de transição é marcada pelo desenvolvimento da criação literária e pelo amadurecimento sexual, o estável equilíbrio anterior, alcançado no início da idade escolar, rompe-se e a busca de um novo equilíbrio compõe a base da crise vivenciada nessa idade.

Observa-se que nessa fase há a troca do desenho pela criação escrita. “Com muito mais facilidade do que o desenho, a palavra permite transmitir relações complexas, principalmente as de caráter interno” (Vigotski, 2010, p. 76).

As análises aqui propostas é um esforço de compreensão da complexidade que envolve os processos criação dos adolescentes. Por meio das letras das músicas e da entrevista realizadas com os adolescentes foi possível conhecer um pouco do universo desses jovens e perceber que o momento de criação é pautado pela revelação de seus sentimentos, pela apresentação de um “eu” que ninguém está habituado a ver nas páginas policiais. A construção de um sujeito que almeja ser compreendido em sua situação de vulnerabilidade humana.

Tabela 7

Indicadores e Pré-Indicadores Levantados Para Chegar aos Núcleos de Significação a Partir das Transcrições da Entrevista com os Premiados no Festival de Música

Indicadores	Pré-indicadores
Escrever sobre a “nossa realidade”	<ul style="list-style-type: none"> • <i>[...] escrever um pouco da minha vida [...] no destino que eu escolhi entrar.</i> • <i>Através da música nós conseguimos interpretar, né, um pouco da nossa vida, da nossa realidade.</i> • <i>[...] se for analisar cada letra, percebe que tá falando sobre a nossa vida... da realidade do crime, do que ele traz, do que ele não traz.</i> • <i>Transmite um pouco a história de cada um no papel.</i> • <i>[...] e nisso aí vou fazendo várias reflexões na minha música e também contando um pouco de mim, da minha história.</i>
Arrependimento	<ul style="list-style-type: none"> • <i>O crime não compensa, então para e pensa que vai te levar para cova ou para a algema.</i>
A composição como processo de cura	<ul style="list-style-type: none"> • <i>[...] aí o projeto traz a oportunidade da gente (se) expressar, né, através da música, né.</i> • <i>Fica tudo preso na gente, mas a partir do momento quando a gente escreve chega a dar aquele alívio.</i>

Composição como forma de
conexão com outros jovens,
com outras histórias

- *É interessante a gente cantar, ter mais que os demais adolescentes, sentir a opinião do próximo e você vê que a letra vai se encaixando em outras histórias.*
- *Meninos bons que estão no caminho errado.*

Compor e cantar – expressão
de um dom

- *[...] eu nem sabia que tinha esse dom de cantar, não.*

- O fazer musical
humaniza

- *Também através da música a gente transmite um certo sentimento e eu acredito que a sociedade*

- O julgamento da
sociedade

- *[...] julga ele (adolescente) pelo ato infracionário dele momentâneo e não julga ele pela pessoa em si que ele é.*

- *Mas a gente nem pode falar nada, muita coisa, não, que tudo que o que a gente fala, tipo ... acha que só porque nóistá preso, que nós é errado.*
-

Organização das Informações a Partir da Aplicação do Inventário de Necessidades e Interesses

Sobre a aplicação do Inventário de Interesses, é importante ressaltar que não fazia parte das estratégias iniciais da pesquisa, mas essa possibilidade foi ganhando relevância à medida que se iam ampliando os estudos relacionados aos processos de criação dos adolescentes. Segundo Vigotski (1996), “[el] problema de los intereses em la edad de transición es la clave para entender todo el desarrollo psicológico del adolescente” (p. 11), tendo em vista que a fantasia do adolescente está estritamente vinculada às novas necessidade que surgem na idade de transição.

Participaram dessa etapa de estudo 22 jovens de 18 a 20 anos de idade que cumprem medida socioeducativa de privação de liberdade em uma unidade de internação do DF. Sobre o tempo de internação, todos os colaboradores, até o dia da pesquisa, tinham mais de um ano de internação estrita e 74% deles já haviam passado mais de uma vez pelo sistema socioeducativo. Com relação à escolarização, todos estavam matriculados no ensino médio e realizando um curso profissionalizante de auxiliar administrativo do Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (SENAC). O questionário foi aplicado, de forma presencial, no mês de setembro de 2022.

Bozhovich (1972) definem *necessidade* como uma força que o indivíduo precisa para dar vazão às funções vitais de seu organismo ou para sua própria personalidade. Afirma ainda que a necessidade estimula o indivíduo à busca do objeto de sua satisfação. Já as motivações também podem estimular o homem, porém, de forma indireta, mediante um objeto ou uma determinação adotada conscientemente. O conjunto de necessidades e motivos próprios de um indivíduo constitui sua esfera de motivações.

As perguntas que compõem esse questionário foram inspiradas na pesquisa realizada por Bochkarieva em Udmurtia, na Rússia. A autora realizou um estudo prolongado com 140 jovens

infratores e com 70 escolares de uma escola de Educação Básica de Moscou, com idades entre 13 e 17 anos. Seu trabalho foi dividido em duas etapas, a primeira aconteceu em 1963–1964 e a segunda em 1964–1968.

Bochkarieva, em seu artigo “*Retrato Psicológico de la Esfera de Motivaciones de los Jovens Delinquentes*” (Bochkarieva, 1972), defende que o sistema educativo soviético (à época) que se baseava no princípio humanista de não somente castigar, mas sobretudo educar, necessitava realizar uma análise psicológica da personalidade do delinquente, de saber quais as motivações que o levaram à violação das leis para organizar estratégias de (re)educação mais eficazes. Acrescenta ainda que a análise das causas e condições em que se forma a personalidade do jovem infrator é importante para a estruturação de teorias criminológicas e o desenvolvimento da psicologia criminal. Para a autora, suas análises se constituem também como uma forma de contrapor a ideia vigente entre os criminalistas de que a personalidade delinquente se deve a propriedades biológicas inatas do indivíduo.

O nosso instrumento foi composto por 11 questões abertas, sendo que duas questões (4 e 11) referem-se a situações-problemas cuja intenção era conduzir os jovens a pensar sobre seus interesses, desejos e motivações para realizar as atividades do seu cotidiano. Também foram abordadas questões relacionadas ao arrependimento, sentimento importante para se refletir sobre a eficácia dos propósitos da internação.

Este pequeno levantamento sobre as motivações e interesses desses jovens não tem pretensão de trazer grandes generalizações a esse respeito, porém, acredita-se que esses resultados possam auxiliar a escola no momento de construção do seu projeto político-pedagógico, levando em consideração a esfera motivacional e o processo criador de seus estudantes.

Capítulo 5 – Discussão dos Resultados

Na articulação entre pré-indicadores e indicadores apresentados nas tabelas 05 e 06, as quais se referem às análises das letras de rap, elegemos como proposta de aproximação à apreensão dos significados produzidos pelos adolescentes, quatro NS. Cada um deles é apresentado nas subseções a seguir.

Confissão de Atos Ilícitos, as Escolhas Equivocadas e o Arrependimento Pelas Ações Cometidas. A Mudança de Vida Como Uma Narrativa de Fé e Agradecimento Por Mais Um Dia de Vida

“A mudança de vida”, “a escolha pelo caminho certo” é sempre mencionada nas letras como uma ação individual, autodeterminada, descolada das múltiplas determinações sociais, movidos por uma força interior, associada à fé. Essa concepção oculta justamente o fato de que o indivíduo não se reduz a uma singularidade abstrata à medida que é um ser singular-particular-universal (Pasqualini & Martins, 2015).

Por tratar-se de uma temática frequente nas letras das músicas, poderíamos imaginar que o sistema socioeducativo conseguiu alcançar um dos seus objetivos, que é a responsabilização do jovem pelos seus atos a fim de que ele reflita sobre suas ações e busque outras formas de constituir-se como ser social. Tragicamente, os dados oferecidos pela pesquisa “Perfil e Percepção Social dos Adolescentes em Medida Socioeducativa no Distrito Federal” (Codeplan, 2013), demonstram o contrário. O número de reincidência na socioeducação é muito alto e expõe, de certa forma, falhas no sistema de garantias de direitos. O estudo em questão trouxe como resultado sobre o quesito *número e percentual de adolescentes reincidentes e não reincidentes em medida de internação, por unidade*, o percentual de 84,2% de casos de reincidência.

Neste estudo, além da reincidência, foi verificada a quantidade de passagens dos adolescentes pelo sistema socioeducativo. Trata-se de indicador importante para observar se as medidas estão atingindo seus objetivos, dos quais se destaca impedir que o adolescente volte a cometer atos infracionais. Na internação, 48,6% dos socioeducandos têm de duas a cinco passagens pelo sistema socioeducativo. Dentre os internos, também é grande o percentual de reincidentes com ainda mais passagens: 23,6% com seis a 10 e 11,3% com 11 ou mais passagens (Codeplan, 2013, p. 40).

Embora o estudo tenha sido realizado em 2012 e publicado em 2013, sua atualidade pode ser comprovada empiricamente pelos profissionais que trabalham no sistema socioeducativo, levantando a discussão sobre “quais as condições, ou situações que impedem o jovem de sair dessa situação de infração? Onde estão as falhas no sistema de garantias de direitos?”

As discussões propostas aqui seguem uma linha de reflexão para além da culpabilização individual do adolescente, pois se entende tratar-se de questões mais complexas da ordem da totalidade social, na qual situamos o jovem, preto e morador da periferia na totalidade de uma sociedade capitalista e por isso inserido em um sistema econômico desigual e injusto.

- Um dia eu vou sair, vou me regenerar/ Construir minha história e conseguir me libertar.
- A vida do crime eu não quero mais/ Não quero e nem penso em voltar atrás.

Percebe-se o desejo, a pretensão de “sair do mundo do crime”, no entanto, quando liberados, não encontram condições materiais que fortaleçam esse propósito.

Outro ponto muito revisitado nas letras de músicas refere-se à luta maniqueísta do Bem × Mal, Deus × Diabo, questões de cunho espiritual e religioso têm uma relevância no repertório linguístico dos jovens, como também a ênfase em situações que “podem de carregar para a morte”, “para o inferno”. O medo da morte, pois manter-se vivo já é uma dádiva divina. Esse medo é

justificado pelo contexto de violência em que esses jovens vivem, brigas entre gangues disputando territórios de vendas de drogas.

- Existem dois caminhos você pode escolher/ Jesus e o Diabo, decide quem vai ser.
- Se arrependa enquanto há tempo, saia dessa vida/ Porque a morte ela vem e não te avisa.
- Tudo isso que vivemos é pura ilusão/ Acorde pra vida antes que acabe num caixão.

No estudo citado anteriormente (Codeplan, 2013) há um dado interessante no que se refere à religião. Segundo a pesquisa, destaca-se o protestantismo como a religião mais seguida em todas as medidas socioeducativas, ficando o catolicismo em segundo lugar.

Denúncias Sobre as Desigualdades Sociais: Queremos Educação e Mais Saúde, Meu Irmão e Não Passar Pelo Purgatório de Uma Unidade de Internação

A desigualdade social se caracteriza por ameaça permanente à existência, ao cidadão de direito. Segundo Sawaia (2009), ela cerceia a experiência, a mobilidade, a vontade e impõe diferentes formas de humilhação, produzindo o que a autora caracteriza como sofrimento ético-político.

Tal sofrimento se intensifica pela injustiça social vivenciada por esses jovens que cantam seus clamores e denunciam a violência a que são submetidos. Carregam uma culpa e uma esperança em um possível milagre: “Um dia vou sair, vou me regenerar, construir minha história e conseguir me libertar”.

É o sofrimento, por exemplo, do homem em situação de pobreza que, amedrontado, fraco e muitas vezes deslumbrado com a vida de luxo, vive a ilusão de liberdade e espera recompensas, ou mesmo remete à possibilidade de felicidade e liberdade sempre ao futuro (paradigma da redenção). (Sawaia, 2009, p. 367)

Na aplicação do inventário de necessidades de interesses, foi perguntado aos jovens: *Se você tivesse o poder de realizar três desejos, quais seriam eles?* Organizamos as respostas em três dimensões, que são apresentadas nas subseções a seguir.

Aspirações Pessoais

- “Ter muita saúde, crescer financeiramente e viajar para outros países”.
- “Ser MC, ser empresário e ter uma boa condição financeira”.
- “Uma casa, um carro e uma chácara”.
- “Ser rico, ter muitas mulheres e dar muito orgulho para a coroa (mãe)”.
- “Ser muito rico, ter saúde e felicidade para minha família”.
- “Ser liberado, ter um bom emprego e dar uma vida melhor para minha família”.
- “Ser liberado”.
- “Comprar minha moto, minha casa, formar uma família”.
- “Ficar rico, morar na Espanha e ser cantor de rap”.
- “Ser conhecido mundialmente como cantor, ter uma boa família”.

Aspirações que Envolvessem Diretamente a Família

- “Uma casa para mim, uma casa para minha mãe e uma casa para minha irmã”.
- “Dar uma viagem para minha mãe, comprar uma casa e ser feliz”.
- “Ter uma vida melhor, voltar no tempo e dar uma vida melhor para meus irmãos”.
- “Sair desse lugar e mudar de vida com a minha mulher”.
- “Ser liberado, comprar uma casa para a minha avó, fazer uma faculdade”.

Aspirações de Bem-Estar Social

- “Liberdade, paz e harmonia”.
- “Paz, riquezas a todos e sabedoria”.

- “Acabar com a guerra no mundo”.

Crescer financeiramente e ser rico; e adquirir uma casa e um carro foram as opções mais relevantes (74,2%). Ajudar a família e terminar os estudos aparece com alguma frequência. Dois jovens citaram como desejos: liberdade, paz e harmonia na sociedade. Apenas três jovens sinalizaram como seu primeiro desejo “ser liberado”. Nós acreditávamos que esse seria o desejo mais evocado pelos jovens, porém, ficar rico, adquirir bens de consumo, no momento, passou a ser o interesse mais importante. Durante a entrevista, percebe-se a tendência em mencionar que gostariam de trabalhar pouco e ganhar muito, porque só conhecem quem trabalha muito e ganha muito pouco.

Sobre esse assunto, recorrem ao exemplo da mãe que sai cedo e volta à noite, trabalha de segunda a sábado como doméstica e, apesar de tanto esforço, nunca tem dinheiro para nada que não sejam as necessidades básicas.

A Figura Materna Como Esteio da Família Traz Acalento, Refúgio e Fortaleza na Situação de Desespero

Quando solicitado ao jovem que escrevesse o nome de quatro pessoas importantes na sua vida e, depois, descrevesse as qualidades delas, citar os membros da família como exemplos positivos para sua vida foi praticamente unânime. Mencionam tios, primos, irmãs, mas as figuras maternas mãe e avó aparecem sempre em primeiro lugar. As qualidades mais destacadas para elas foram, em ordem crescente: amorosa, compreensiva e cuidadosa; guerreira, esforçada e batalhadora.

“Admiro muito meus pais, pelo fato de estarem passando por dificuldade e não desistirem da luta”. O reconhecimento da importância da família e a percepção de que ela oferece bons exemplos parece não ser suficiente para que o jovem não se filie ao mundo do crime. O

envolvimento com o “mundão” vai fragilizando os vínculos familiares e a família vai paulatinamente perdendo a esperança de reconquistar o filho perdido.

Quando o jovem chega à internação, é acolhido por uma equipe técnica formada por psicólogo, pedagogo e assistente social, um dos objetivos desses profissionais é promover estratégias de reestabelecimento dos laços entre os jovens e seu núcleo familiar. Semanalmente, os jovens são autorizados a fazer ligações para seus parentes e, aos finais de semana, estes são incentivados a visitarem seus filhos na unidade de internação.

Os responsáveis, quando são chamados pela orientadora educacional do núcleo de ensino, relatam que a convivência familiar sempre foi difícil e tensa, marcada por constantes brigas entre membros da família (pai/filho; filhos/filhos; tios e sobrinhos). As mães relatam a agressividade deles com os irmãos mais novos e afirmam se sentirem aliviadas em saber que eles estão na internação, porque de certa forma estão “guardados”, “protegidos” dos perigos oferecidos pela rua.

Quando os participantes são convidados a refletirem sobre qualidades que admiram em membros de sua família, sempre associam a figura materna a adjetivos com amorosa, compreensiva, leal e cuidadosa. Mas não deixam de admirar o quanto são batalhadoras, guerreiras e corajosas.

Admiração pelas mães está marcada pela grande maioria dos jovens em seus corpos por meio de tatuagens que trazem o nome delas. Parece ser uma forma de remissão encontrada para aliviar o peso da culpa de trazer tanto sofrimento para a pessoa que, segundo eles, é a mais importante de suas vidas.

Embora os jovens da nossa pesquisa não tenham sinalizado, ao responder o questionário, preferências por ocupações socialmente nocivas em seu tempo livre, é notório que estes quando estão em seu momento de distração na unidade de internação, frequentemente, jogam cartas,

dominó e assistem a clipes de músicas cujas letras e imagens normalmente fazem apologia ao mundo do crime e à erotização da figura feminina. Gostam de contar sobre suas participações em festas que duram dias para terminar e fazem questão de exaltar o uso abusivo de bebidas alcoólicas e drogas durante esses momentos de diversão.

Há um comportamento muito comum descrito pelos jovens quando estão envolvidos no tráfico de entorpecentes, afirmam que passam muito tempo na rua e só voltam para casa para se alimentar e para dormir. Geralmente, chegam em casa na madrugada, quando os pais e os familiares já estão dormindo. Afirmam que o vínculo com a rua e os transtornos adquiridos pelo uso e dependência de substâncias químicas lícitas/ilícitas são as principais causas do cometimento de pequenos roubos, furtos e do envolvimento em brigas entre gangues rivais.

Diante desse cenário, percebe-se que os participantes da pesquisa quando optam por descrever ações como “ficar com minha família”, “ficar com minha mulher e meus filhos”, “jogar bola com meu irmão mais novo” tentam criar uma atmosfera familiar que gostariam de experimentar e/ou que agora passou a ter um significado importante.

Núcleos de Significação (A Partir da Entrevista)

Na articulação entre pré-indicadores e indicadores apresentados na tabela 07, ao analisarmos a transcrição da entrevista, elegemos como proposta de aproximação à apreensão dos significados produzidos pelos adolescentes, dois NS, que são apresentados nas subseções a seguir.

A Composição Entendida Como Um Processo de Humanização: Forma de Conexão com Outros Jovens, com Outras Histórias, Forma de Redenção das Ações Cometidas

Também através da música a gente transmite um certo sentimento e eu acredito que a pessoa escutando sente também um pouco da... Da nossa realidade até mesmo acredito que a sociedade enxergue nós como um monstro também, né, e não tem uma certa visão,

não conhece a gente, e a gente através da música conta um pouquinho sobre nós, né, até mesmo na música eu também falo que são/ é/ “meninos bons que tão no caminho errado” às vezes muitos julga, mata, mas não sabe porque que o menino tá ali também, não sabe da/ da realidade, do passado do me/ do adolescente também, né, pensa que/ julga ele pelo ato infracionário dele momentâneo e não julga ele pela pessoa em si que ele é. (adolescente 2)

Entende-se que a opinião pública constrói uma imagem desumanizada, desprovida de sentimentos para o sujeito que comete um ato infracional, sua particularidade vai ficando tão específica: adolescente, negro, pobre, periférico que determina a existência de um abismo entre a vida individual e a vida genérica. As possibilidades de se desenvolver como ser social não são dadas a todos os indivíduos. Ao contrário, na sociedade capitalista, a possibilidade de apropriação das objeções do gênero só existe dentro de limites miseráveis para a imensa maioria da população (Oliveira, 2005).

Esse processo é muito eficiente e faz com o que o jovem acredite que ele é um “ninguém” na sociedade e por isso não tem nada a perder. É muito comum entre os jovens que estão na internação se autoflagelarem e tentarem autoextermínio.

Há uma tentativa de superação das aparências fenomenológicas, de ir além da superfície e conseguir identificar as múltiplas determinações responsáveis pela constituição do ser social e histórico. Desnaturalizar conceitos tão enraizados em padrões de comportamento de uma determinada classe social, que se configuram como hegemônicos e indestrutíveis.

Por meio da expressão artística, o outro se apresenta, se mostra, confia sua fragilidade e seu desejo de ser visto e aceito como “alguém”. Através da música, esses jovens, buscam a

compreensão e remissão de suas faltas, clamando por uma nova possibilidade de julgamento perante a opinião pública.

A Composição Entendida Como Um Processo de Cura – A Catarse da Criação

“[...] aí o projeto traz a oportunidade da gente (se) expressar, né, através da música, né”.

“Fica tudo preso na gente, mas a partir do momento quando a gente escreve chega a dar aquele alívio”.

Compreendemos a reação estética como Vigotski (2001) a compreende, uma possibilidade de descarga de emoções conflitantes. Como um processo que pode ser considerado de “cura”, “alívio”, “purificação” e “tranquilização dos sentimentos”. O próprio autor assume a incompletude de definições para se conceituar a catarse, mas garante que descrevê-la como “uma complexa transformação de sentimentos” (Vigotski, 2001, p. 270), ajuda a compreender a dimensão contraditória desse fenômeno tão humano e tão necessário ao equilíbrio das emoções.

Durante a entrevista, ao mencionar esse processo criador, o adolescente tenta explicar a “autocombustão” de sentimentos pela qual passa, gesticula, muda o tom de voz e, finalmente, consegue expressar sua sensação de alívio quando consegue transpor para o papel suas angústias e vitórias.

Esse estudo pretende enfatizar a importância da música e da composição como formas de expressão e conexão para os jovens no sistema socioeducativo. Através de suas canções, eles podem transmitir sua realidade, histórias pessoais e pensamentos, além de encontrar alívio e cura emocional.

A partir da fala dos jovens sobre seus processos de criação, foi possível elencar sentidos mais específicos com relação ao ato de compor as músicas, tais sentidos serão apresentados abaixo:

1. Expressão e conexão: A música e a composição são vistas como formas de se expressar e se conectar com outros jovens, compartilhando histórias e sentimentos. Através da música, eles encontram um espaço para se expressar livremente, e também se conectam com outros jovens que passam por situações semelhantes.
2. Curando as emoções: A composição também é vista como um processo de cura emocional. Escrever sobre suas próprias experiências pode trazer alívio e ajuda os jovens a lidar com suas emoções e traumas.
3. Julgamento da sociedade: Os jovens no sistema socioeducativo muitas vezes se sentiram julgados pela sociedade pelo ato infracional que cometeram, e não pela pessoa que são. A música pode ser uma forma de tentar mudar essa percepção, transmitindo um sentimento e mostrando que eles são mais do que o crime que cometeram.
4. Descoberta de talentos: A composição também pode ser uma forma de descobrir talentos e habilidades que os jovens não sabiam que tinham. Ao experimentar a música e a composição, eles podem descobrir novas paixões e talentos que podem ajudá-los a se reintegrar na sociedade.

No geral, os pré-indicadores indicaram que a música e a composição são formas importantes de expressão e conexão para os jovens no sistema socioeducativo. Elas podem ajudar os jovens a lidar com suas emoções e se reconectar com a sociedade de forma positiva. No entanto, ainda há uma percepção de que a sociedade os julgou por seu passado criminoso e não pela pessoa que são, o que indica a importância de mais investimentos em programas de ressocialização e reintegração social.

Discussão a Partir dos Resultados do Questionário de Motivações e Interesses

Sobre o quesito “o que você mais gosta de fazer em seu tempo livre quando está em casa”, as respostas dos adolescentes foram organizadas em três NS: ocupações de caráter recreativo, ocupações que tenham a participação da família e ocupação de caráter intelectual.

As ocupações de caráter recreativo incluíram as seguintes respostas:

- “Ficar de boa”.
- “Comer”.
- “Ficar na rua”.
- “Jogar bola”.
- “Assistir televisão”.
- “Assistir séries ou filmes”.
- “Ouvir músicas” (RAP e Sertanejo).
- “Jogar no celular”.
- “Mexer no Facebook”.

As ocupações que tenham o envolvimento da família incluíram as seguintes respostas:

- “Jogar bola com o irmão mais novo”.
- “Cozinhar”.
- “Ficar com minha família”.
- “ficar com a minha mulher e meus filhos”.
- “Ajudar minha mãe a arrumar a casa”.

As ocupações de caráter intelectual tiveram apenas a resposta “ler livros”.

As ocupações de caráter recreativo destacam-se das demais. Dos 22 participantes, 18 (81,8%) indicaram que em seu tempo livre, dedicam-se a atividades de lazer e distração. Em

segundo plano (59,0%), descreveram algum tipo de atividade com a família e, por último, dois jovens responderam que gostam de ler em seu tempo livre.

As características das necessidades observadas nesse estudo se aproximam muito dos resultados obtidos por Bochkarieva (1972). No grupo investigado pela autora, 68% dos adolescentes dedicavam seu tempo livre a ocupações como “andar com os amigos”, “ficar na rua”, “ficar sentado no portão”, ou seja, atividades de caráter recreativo. Com relação à leitura, quando perguntamos quais gêneros literários preferiam, responderam histórias em quadrinhos e livros de receitas.

Na pergunta sobre “o que você compraria se tivesse muito dinheiro?”, buscamos também compreender um pouco mais sobre as necessidades materiais desses adolescentes. A resposta de 17 participantes (77,2%) foi a aquisição de uma casa própria. Desse grupo, 10 sinalizaram que a casa seria para a mãe. Esse foi o desejo prioritário, depois afirmaram que comprariam um carro. Foram registradas respostas como, compraria um barco e uma moto. Dois jovens disseram que abririam uma empresa e ajudariam instituições de caridade.

A necessidade de ter uma casa própria e de proporcionar melhores condições financeiras para a família aparece com muita frequência no relato dos jovens, porém, não se percebe a correlação dessa aspiração a projetos de concluir os estudos, trabalhar formalmente para alcançar esse propósito. Durante as entrevistas, percebe-se uma falta de credibilidade na possibilidade de alcance de situações formais de trabalho, associado a essa descrença está a falta de confiança no Estado com relação a políticas de diminuição da desigualdade social.

Para Barbosa (2002) e Estevéz (2003) é tarefa da educação estética estimular o desenvolvimento de necessidades e interesses que promovam a busca do valor estético, a formação do sentimento, do ideal e do correspondente gosto estético. Na perspectiva defendida por esses

autores, a escola, por meio da educação estética, seria a instituição social que organizaria e sedimentaria a relação entre arte, cultura e ciência, acolhendo dialeticamente suas interfaces em prol do desenvolvimento social.

As necessidades não só constituem um reflexo das características do meio social, mas são também uma medida da atividade transformadora da personalidade sobre este. Ademais, as necessidades espirituais, ao objetivar-se na atividade, estimulam o desenvolvimento das capacidades criativas. Em uma palavra, as necessidades atuam como motores da atividade social do homem e representam o conjunto relativamente estável de suas características sociais e pessoais. Nas necessidades espirituais, reflete-se o processo de formação da personalidade, suas relações com o meio e os motivos de sua atividade e conduta” (Estévez, 2003, p 97).

O trabalho, o esforço, a rotina laboral não são mencionados como projeções possíveis para se alcançar os objetivos e as realizações pessoais. A obtenção de recompensa financeira rápida e de certa forma “muito rentável” torna-se um atrativo para que esses jovens cometam atos infracionais e permaneçam no mundo do crime.

Não houve nenhum registro de aquisição de objetos para satisfazer necessidades socialmente negativas como bebidas, drogas, cigarros. Acreditamos que a falta desses dados não indica que essas substâncias não pertençam ao repertório de interesses dos colaboradores, visto que durante as entrevistas, eles afirmaram que gastam muito dinheiro com bebidas alcólicas (whisky e cerveja), com cigarros e com roupas “de marca”. Três dos entrevistados, inclusive, afirmaram que estavam no tráfico de drogas para financiar seu vício em drogas lícitas e ilícitas.

Perguntou-se “qual o acontecimento especial da sua vida você guarda com carinho?” Dezoito jovens (81,1%) relataram fatos relacionados à sua vida familiar envolvendo membros da

família (filhos, mãe e avó), figuras importantes que constituem seu apoio emocional. A esperança trazida pelo nascimento de uma criança foi enfatizada pelos entrevistados. Diante de tantas adversidades vividas pelas famílias, o nascimento de mais um membro tem um sentido da possibilidade do novo/diferente chegando.

- “O dia do nascimento do(s) meu(s) filho(s)”.
- “A vinda da minha filha”.
- “Nascimento da sobrinha”.
- “Nascimento do meu irmão”.
- “Um Natal com a família toda reunida”.
- “Confraternização em família”.
- “A educação dos meus pais”.
- “Minha avó quando fui preso foi a única que veio me visitar”.
- “Quando eu sair com minha mãe daqui”.
- “Quando minha mãe falou que estava com orgulho de mim”.

A fase da infância foi lembrada por dois jovens como sendo um acontecimento especial, pois segundo relatos era uma época em que eles não tinham tantos problemas para resolver e, por isso, eram felizes.

Um dos jovens fez o seguinte relato: “quando fui baleado na perna e uma mulher me acolheu na sua casa e disse para o traficante que eu não estava lá”, demonstrando muita gratidão pelo que uma estranha fez por ele. O emprego do verbo “acolher” traz um significado especial para esse ato que ele enfatiza como sendo algo especial que faz parte de suas boas memórias (alguém cuidou dele!).

Um participante não quis responder e essa pergunta, disse que não tinha o que lembrar.

Nessa questão, em especial, há a seguinte situação: “João tem um amigo que se chama Carlos. Carlos está doente e acamado, sem poder sair de casa. João recebeu R\$ 150,00 para comprar um presente e levar para seu amigo doente. Porém, ele não sabia o que Carlos gostava e decidiu comprar algo de seu gosto. O que será que João comprou? Se você estivesse no lugar de Carlos, o que você compraria?”

As respostas foram surpreendentes, imaginávamos que os participantes teriam um repertório bem diversificado de objetos que poderiam presentear o amigo, mas ficou evidente com as respostas que a *situação de enfermidade do colega* chamou muito a atenção. A metade respondeu que compraria remédios e/ou daria o dinheiro para família comprar o que estivesse faltando em casa.

- “Compraria o que ele estivesse precisando no momento”.
- “Remédios ou algo ele estivesse necessitando”.
- “Compraria medicação para ele melhorar”.
- “Remédios e algo que o alegrasse”.
- “Já que ele está doente, eu compraria um remédio para ele melhorar”.
- “Remédios e algo do gosto dele”.
- “Algo que ele pudesse usar enquanto estivesse acamado”.
- “Ajudava na compra de remédios”.
- “Eu compraria alguns remédios para ajudar o meu amigo”.
- “Medicação e uma carta de consolo”.
- “Compraria remédios e roupas”.
- “Compraria roupas, uma bíblia e medicação”.
- “Daria o dinheiro para os familiares do meu amigo”.

Essa atitude demonstra uma ação de muita empatia com o colega doente. Pareceu-nos tratar-se de uma situação corriqueira pela qual eles passam com muita frequência.

Durante o momento em que estavam respondendo o questionário, alguns jovens deram exemplos dessa situação na sua vida cotidiana, citando nomes de companheiros que precisaram de alguma ajuda financeira enquanto estavam doentes.

Durante as atividades escolares, quando algum jovem reclama que não está passando bem, logo os outros companheiros da classe passam a exigir do professor e do agente de segurança que acompanha as atividades na escola alguma atitude que possa resolver ou aliviar o sofrimento do colega.

As respostas às questões “Com relação ao que você mais gosta em você? E o que você menos gosta?” são apresentadas na Tabela 8.

Há uma fala muito comum de orgulho entre os jovens “eu assumo meus erros”, “eu falo o que penso”, “eu sou eu mesmo” compreendendo essas atitudes como extrema honestidade e sinceridade. Essa atitude se confirma com a pergunta de número 11 que trata sobre o seguinte relato: “Pedro quebrou um copo de vidro na sala de aula. Ninguém viu. A professora que suspeitava de Pedro lhe perguntou: ‘Será que não foi você que quebrou o copo?’ O que Pedro respondeu? O que você teria respondido no lugar de Pedro? Por quê?”

Dos 22 participantes, 15 (68,1%) responderam que assumiriam a responsabilidade pelo incidente e até pediriam desculpas pelo ocorrido. Dois afirmaram que não falariam a verdade e os outros não responderam.

- “Pedro responderia que não. Se eu tivesse no lugar dele, teria assumido, pois minha honestidade vem em primeiro lugar”.

- “Eu diria que foi eu que quebrei, mas não foi na intenção de quebrar e limparia os cacos”.
- “Respondia que sim e me desculparia educadamente”.
- “Eu falaria que sim, porque não tinha motivos para mentir”.
- “Eu diria ‘eu quebrei’, porque é o certo a se fazer”.
- “Assumiria que fui eu para não prejudicar os outros”.

Diante dessas respostas, houve a necessidade de compreender o que os jovens entendiam por “honestidade”. Tornou-se notório que, para eles, o significado de honestidade tem uma referência direta com ações de natureza individual, ou seja, de “assumir os erros”, de dizer o que pensa “na cara da outra pessoa”, de “não mentir quando não tem motivo”, de “não agir com falsidade”, de “ser transparente”.

Tabela 8

Características que os Respondentes Mais Gostavam ou Menos Gostavam em Relação a Eles

Próprios

Mais gostavam	Menos gostavam
Honestidade/sinceridade/ ser eu mesmo ****	Impaciência **
Dedicação	Rispidez
Atitude	Muito bravo de vez em quando
Ser cabeça, maduro	Ignorância
Empatia **	Tímido
Resiliência	Menos gosto em mim é nada
Humildade/respeitoso	Perfeccionista **
Minha transparência	Criterioso

Atencioso	A malícia de ver as coisas
Habilidades	Da minha bondade
Da minha maldade e malícia	Não gosto de ser chamado a atenção.
Criatividade	Ser chato
Ético	
Minha capacidade de fazer com que as pessoas gostem de mim	
Ser uma pessoa boa	
Ser inteligente e saber lidar com as pessoas	
Ser amigo de todo mundo	

Nota. Asteriscos indicam características que foram repetidas mais de uma vez. Respostas foram usadas para se chegar aos núcleos de significação a partir dos dados obtidos pela análise do questionário.

Acepções dessa palavra relacionadas ao fazer coletivo, como seguir normas éticas e morais socialmente aceitas, demonstrar dignidade e honradez com o outro não são mencionadas pelos jovens como pertencentes ao substantivo *honestidade*.

Optamos por analisar a recorrência desse fato tendo como princípio a importância da escolarização para a ampliação de conceitos abstratos e a imersão em situações sociais que favoreçam essas vivências. Vigotski (2003) defende que o desenvolvimento moral e a instrução geral devem caminhar juntos, acrescentando que a moral tem de se constituir parte inseparável de toda a educação global. Em contrapartida, esse posicionamento não quer dizer que deva existir “o ensino da moral”, mas que todos os preceitos da educação sejam perpassados por ações que valorizem a prática social de superação, cooperação e emancipação humana.

O ensino da moral nos parece estéril e nocivo, e qualquer forma de educação moral nos parece um testemunho de certa anormalidade nesse terreno. A educação moral deve se diluir despercebidamente nos modos gerais do comportamento que são estabelecidos e

regulados pelo ambiente social. Nem o professor nem o aluno devem notar que se trata de um ensino especial da moral. A concepção do comportamento moral se amplia de forma extraordinária porque estamos adquirindo o direito de falar, não só do comportamento moral no sentido estrito da palavra, mas da atitude moral com relação às coisas, a si mesmo, ao próprio corpo, etc. (Vigotski, 2003, p. 214)

É importante ressaltar que essa ética de compreender a moralidade é avessa à existência de reações inatas que regem o comportamento moral ou imoral, enfatizando que a inadequação moral sempre se origina na experiência e nunca denota deficiência das reações inatas e dos instintos. Por esse motivo, defende-se a educação formal pautada em princípios da atenção social e da Ética do Cuidado.

A falta de vínculos com a escola e o abandono social resultado da falta de políticas públicas podem levar a um ato moral imperfeito que é acima de tudo um ato antissocial e, nesse caso, segundo Vigotski, há pouca preocupação com a personalidade do delinquente e tudo se resume a neutralizá-lo e colocar o ambiente fora de perigo de sua influência.

Acreditamos que a falta de adequação aos “padrões morais” não indique que esses jovens sejam incapazes desenvolver hábitos sociais aceitáveis para uma convivência social regulada, mesmo porque delinquência em geral não significa de forma alguma um baixo nível de desenvolvimento do ser humano. Pelo contrário, o delito denota com frequência uma certa força, uma capacidade de protesto e uma “fidelidade a certa moral peculiar”, resultado de suas experiências e entendimentos sobre o bem e o mal, sobre o certo e o errado.

Observa-se que, em situações extremas, quando objetos desaparecem da sala de aula, geralmente, o autor não se pronuncia e os colegas de classe também não revelam quem foi que

praticou o ato. Existe um código de silêncio, inclusive diante de ameaças de punição e castigos.¹⁸ Essa conduta prevalece mesmo quando a punição é para a turma toda em decorrência de uma ação praticada por apenas um jovem.

Ainda sobre a última questão, é interessante perceber que as características tidas como positivas estavam em maior quantidade e até mesmo as que foram apontadas como “as que eles não gostavam”, não estavam carregadas de aspectos socialmente negativos. Segundo Vigotski (2003), ao analisar o comportamento moral do delinquente, enfatiza que a delinquência em geral não significa um baixo nível de desenvolvimento geral do ser humano. Pelo contrário, o delito denota com frequência certa força interior para agir contra injustiças sociais e uma alta capacidade de protesto. Sobre o fato de obediência às regras, apresentam uma grande fidelidade a seus princípios e as condutas ditadas pela sua comunidade.

Considerando a complexidade e o caráter contraditório das motivações, seria uma simplificação mencionar apenas aspectos negativos dessa população, os dados têm demonstrado que suas tendências morais em realizar atos infracionais são conflitantes com seus ideais positivos de se preocuparem com o bem-estar da família e de admirarem pessoas que estão fora do mundo do crime. Observa-se um desejo da maioria dos entrevistados em sair “dessa vida”, sonham em estudar, trabalhar e oferecer uma vida melhor para sua família.

Muitos não se mostraram satisfeitos com sua condição e querem ser respeitados pelos familiares e dar orgulho para suas matriarcas.

Ao reclamarem da forma como são tratados pelos agentes de segurança, afirmam que não são “lixo” e que “gostariam de ser tratados com mais respeito”, pois o delito que cometeram não mostra quem realmente são.

¹⁸ Os responsáveis por gerir e aplicar sanções disciplinares são os agentes de segurança, via gerência de segurança.

Os adolescentes se sentem culpados e arrependidos de seus atos frente suas mães/avós, lamentam causarem tanta dor a essas mulheres que os amam incondicionalmente e nunca os abandonam por pior que eles tenham se comportado. Os jovens também demonstram compaixão pelos colegas que não têm família presente. São os casos de internos que não recebem visitas, porque moram em abrigos e/ou casos em que a família, por diversos fatores, não o reconhece como membro da família.

Retomo aqui uma história narrada por um professor do núcleo de ensino que disse ter presenciado a seguinte situação: Um jovem ao ser liberado para a família saiu com os pés no chão (descalços) porque deixou sua sandália para um colega de quarto que estava sem o calçado. Quando questionado sobre tal ação, ele afirmou que a sua família poderia comprar-lhe outro “pisante”, enquanto o seu colega além de não ter chinelos, não tinha ninguém por ele.

Capítulo 6 – Persistindo na Caminhada...

Duzão é piloto, o que dá fuga a essa malandragem. Na madrugada, a bordo de um Mercedes, dirige certo por vias tortas.

Aninha já passou o ferro em várias madames, dizem por aí que pra mais de vinte.

Cabeção tem olhar de rapina e um iceberg no coração, quando entra no banco já vai direto ao caixa.

Colorau não age na quebrada, gosta de fazer mansão.

Lu ganha a vida distribuindo suas ideias através de um pó branco comprimido, a molecada fica alucinada. Nada contra quem mexe, mas ele nunca meteu a mão no pó dos outros.

Vavá não pode ver o carro parado que leva, se não der na chave, leva nas costas.

Lourival mete o cano desde criança, o pai se virava no alicate, e nunca teve medo de cerca elétrica.

Como teve problemas de berço, Mariana pega o filho dos outros e devolve por uma quantia mínima.

Julião põe medo em muita gente, também pudera, já enterrou vários com uma pá na mão.

Salete limpou a casa de Sonia, quem deu a fita foi a Rose, que, se bobear, limpa até a casa dos parentes.

Marcio resgatou Sales da cadeia e saiu do presídio pela porta da frente, ninguém fez nada.

Elizabeth quase não ri, é uma espécie de gerente da boca, na rua dizem que ela é a patroa.

Nego Jan vende tudo que pega: relógio, TV, DVD, eletrodomésticos em geral, carro, moto, corrente de ouro, roupa de marca e demais mercadorias. Sua lábia é mais afiada que a lâmina de gigolô.

Zoio tem problemas com a injustiça e está no semiaberto, passa o dia na oficina e à noite dorme no terceiro andar. Quando podem, Guida e Preto Will, parceiros de caminhada, o visitam no domingo.

Luciana não tem medo de sangue, já ajudou a cortar vários desconhecidos, muitos cagam de medo de morrer na mão dela.

Wilsinho não tem medo de nada, já passou o revólver até no carro da polícia.

As pessoas acima são suspeitas de ter a coragem de trabalhar e enfrentar o dia a dia com a dignidade que só o sofrimento ensina, e, por mais simples que sejam, nunca se evadiram da responsabilidade de lutar.

A malandragem fica por conta de quem lê. (Vaz, 2011, p. 20–21, “A Fina Flor da Malandragem”)

Como já nos alerta o autor, Sérgio Vaz, “minha poesia é bipolar: ora com um sorriso no rosto, ora com uma pedra na mão” (Vaz, 2011, p. 7). Esse aviso é muito honesto e verdadeiro. E em relação ao texto acima, usou a pedra para alcançar nossa maneira hegemônica de julgar o outro, principalmente quando este é pobre e não pertence ao nosso ciclo de relações sociais.

Vivemos em um país marcado pelas mazelas da desigualdade social, pela intolerância religiosa, pela falta de respeito às opiniões que não nos representam. É urgente descobrir novas possibilidades de compreender o outro, de se permitir aceitar o diferente, de não concordar com julgamentos preconceituosos que naturalizam a violência e que legitimam uma sociedade desigual.

Em uma das entrevistas com os jovens, eles relataram como acontece o processo de criação das letras das músicas, um deles fez questão de enfatizar:

Também através da música a gente um certo sentimento e eu acredito que a pessoa escutando sente um pouco da nossa realidade até mesmo acredito que a sociedade enxergue nois como um monstro também, né, e não tem uma certa visão, não conhece a gente, e a gente através da música conta um pouquinho sobre nois, até mesmo na minha música eu falo que são “meninos bons que tã no caminho errado” às vezes muitos julga, mata, mas não sabe porque que o menino está ali também, não sabe da realidade, do passado do adolescente também, né, pensa que julga ele pelo ato infracionário dele momentâneo e não julga ele pela pessoa em si que ele é. (transcrição da fala do adolescente 2)

Na socioeducação, em se tratando de contexto de restrição de liberdade, o rap tem uma dupla função social, a primeira é tirar do silêncio os sons do gueto, do subúrbio, da quebrada, dando a elas status de arte e ainda promovendo a comunhão entre os adolescentes que se identificam nas letras das músicas.

Aqui está a chave para a tarefa mais importante da educação estética: inserir as reações estéticas na própria vida. A arte transforma a realidade não só em construções da fantasia, mas também na elaboração real das coisas, dos objetos e das instituições. A moradia e a vestimenta, a festa escolar e o modo de caminhar – tudo isso pode servir como material sumamente promissor para a elaboração estética. (Vigotski, 2001, p. 239)

O rap é o hino que relaciona de forma dialética o social no particular, o subjetivo no objetivo, a imaginação na realidade, um coletivo responsável por embalar várias vozes em um mesmo ritmo. As letras das músicas retomam as histórias do cotidiano, envolvem as aventuras e

as desventuras desses jovens, nos permitindo conhecer um pouco mais sobre suas motivações e percepções de mundo.

Compreende-se a educação estética como um conjunto de experiências educativas intencionalmente organizadas em espaços educativos com o propósito de estimular vivências estéticas atravessadas pelas dimensões afetivas de percepção, expressão e criação artísticas.

Quando a escola se propõe mediar esses momentos e os torna parte integrante do seu fazer pedagógico, passa a construir um ambiente atravessado pela educação estética, passa a dar visibilidade aos sujeitos que querem contar suas histórias, que necessitam tornarem-se sujeitos por meio de sua expressão artística.

Problematizar a raiz e as motivações desse sofrimento nos abre a oportunidade para uma análise de que, por meio do movimento artístico, os adolescentes encontram uma forma de se reconhecerem como agentes sociais de um processo de transformação. Eles atravessam os muros e grades de suas prisões físicas e psicológicas para encontrar um lugar comum de sobrevivência.

E, atravessados por essa potência de existir, por esse devir humano, é que esses jovens vão conectando suas vozes umas às outras, projetando suas narrativas em outros espaços, amplificando seus sons para outros territórios e, na tentativa de interlocução com outros corpos, vão constituindo a rede de enfrentamento e resistência à dialética exclusão/inclusão dentro da unidade de internação.

Nesta perspectiva, o rap passa a configurar-se como o elo entre o sentir e o expressar-se como potência de ação. Por meio das letras das canções mais do que denúncias, há um clamor por justiça, melhores condições de vida, visibilidade social. Trata-se de uma estratégia para manter-se vivo, uma ação que revigora a potência de existir e alimenta a esperança de suportar suas condições de existência.

A arte, para Vigotski (2001), possui um significado específico no comportamento humano. Ela é uma técnica social dos sentimentos, uma ferramenta das emoções, uma espécie de sentimento social prolongado. Uma outra forma de (re)visitar a realidade e de (com)conviver com ela.

Por meio das músicas, os adolescentes se apresentam, pedem perdão pelos seus atos, buscam refúgio no amor incondicional de suas mães. Também riem e choram como qualquer jovem de sua idade, sofrem com a perda dos amigos, mas têm esperança de que essa dor um dia passe.

Nessa pesquisa buscou-se compreender os processos criadores que emergem na e da situação de privação de liberdade em adolescentes do sistema socioeducativo de internação, as estratégias desenhadas para se alcançar esse objetivo foram bem-sucedidas, embora tratar-se de um estudo preliminar sobre o assunto e de alcance limitado, acredita-se na possibilidade de que a partir dele, novos empreendimentos científicos possam ser organizados.

O sistema socioeducativo e a composição musical dos jovens mostraram que há um contexto social complexo que influencia suas escolhas e comportamentos, mas que eles também são capazes de reconhecer seus erros e buscar mudanças positivas em suas vidas.

Problematizou-se os processos de criação como ação de resistência e de expressão de sentimentos, percebendo assim que dois sentidos perpassaram por todos os instrumentos de análise:

- a) Os socioeducandos se sentem julgados pela sociedade somente pelo ato infracional que cometeram, e não pela pessoa que são.
- b) Os socioeducandos se sentem culpados e arrependidos de seus atos frente suas mães/avós, lamentam causarem tanta dor a essas mulheres que os amam incondicionalmente e nunca os abandonam por pior que eles tenham se comportado.

A escola, nesse estudo, configurou-se como um espaço privilegiado de incentivo e acolhimento dos processos criadores, apostando na educação estética como uma forma de ampliar a compreensão do sujeito sobre si mesmo e sobre o mundo, permitindo que ela explore suas emoções e sentimentos, e ao mesmo tempo, adquira novas perspectivas. A experiência estética é uma maneira de acessar o pensamento criador e a reflexão crítica, que são habilidades essenciais para o desenvolvimento humano.

A partir dessa defesa, fundamentou-se o acolhimento das expressões musicais e das expectativas dos socioeducandos frente ao seu processo criador, entendendo a arte como parte integrante da vida humana e da cultura, sendo influenciada por fatores sociais, históricos e culturais, e influenciando esses mesmos fatores dialeticamente.

O papel essencial da educação estética no processo educativo fundamenta-se no fato de ela operar como um metafator da educação, ou, dito de outra forma, pelo caráter universal de sua ação. Isto é, no fato de que o valor estético e, portanto, a possibilidade de orientação estética, está presente em toda inter-relação homem-homem, homem-natureza e homem-sociedade” (Estévez, 2003, p.72)

Assim como defendido por Estévez (2003), concordamos que, devido a envergadura e alcance desta função universal da educação estética, não se estruturou ainda uma definição científica da finalidade e as tarefas específicas dessa modalidade de educação. Diante desse contexto, “cabe à práxis” – única referência de aproximação à verdade – a última palavra” (p. 61), mas é tarefa da educação estética estimular o desenvolvimento de necessidades e interesses que promovam a busca do valor estético, a formação do sentimento, do ideal e do correspondente gosto estético.

Capítulo 7 – No Meio do Caminho... Tinha um Muro: Um Caso de Abelha!

Assim como no início desse trabalho, onde iniciei narrando minha primeira visita à unidade de internação como pesquisadora (Guardados a sete chaves!), agora encerro minhas reflexões contando mais uma aventura. Esse episódio marcou meus últimos dias de trabalho como professora/pesquisadora na unidade de internação (dezembro de 2022).

Em uma de suas muitas visitas à unidade de internação no ano letivo de 2022, o coordenador da regional perguntou-me sobre a possibilidade de se iniciar na escola um projeto de apicultura. Sendo ele um admirador e conhecedor dessa arte, vislumbrou nessa possibilidade um elevado potencial pedagógico e uma oportunidade de profissionalização para os jovens que ali cumprem medida socioeducativa de privação de liberdade. A proposta era incentivar o povoamento de colmeias com abelhas jataí. Esta espécie conhecida também por abelha-mosquito não tem ferrão e tem como característica a boa adaptação em lugares urbanos.

Feitas todas as tratativas entre o núcleo de ensino, a Coordenação Regional de Ensino (CRE) e a direção da unidade, ficou acordado que todas as partes acolheriam o projeto e que cada segmento ficaria responsável por uma ação. À coordenação de ensino recaiu a tarefa de providenciar a formação inicial dos servidores da SEJUS, aos professores e aos estudantes. Então, um produtor de mel da comunidade local foi convidado a dar o curso inicial sobre o manejo de enxames. Esse voluntário também doou duas caixas com iscas para se dar início ao apiário.

Ao núcleo de ensino coube a responsabilidade de formalizar o projeto e promover o engajamento de alunos e professores na dinâmica desse evento. A SEJUS se prontificou em indicar dois servidores para acompanhar as ações, auxiliar a escola na manutenção das colmeias e, principalmente, incentivar a participação dos jovens na manutenção e no cuidado das caixas nos finais de semana e no período de férias escolares.

Estava tudo muito bem-organizado e as perspectivas para o sucesso do projeto eram ótimas, mas, no entanto, no meio do caminho tinha um muro! Um obstáculo de concreto com quilômetros e quilômetros de arame farpado!

As iscas foram colocadas conforme o combinado, o seu Geraldo chegou a repetir por duas vezes o mesmo procedimento, mas a colônia não ia para frente, não prosperava. Ele fez algumas visitas ao local e começou a observar em volta e constatou que dentro da unidade de internação havia poucas flores e que esse quantitativo não estava favorecendo o aumento do enxame. Em consequência dessa situação, as abelhas não conseguiam alimentar a isca e esta, morria.

Seu Geraldo também fez a seguinte observação, como ao redor das caixas e em suas proximidades o alimento está escasso, as abelhas saíam para além dos muros para buscar o pólen, porém, como os muros são muito altos, elas não conseguiam retornar à caixa, pois perdiam suas forças ao realizar o trajeto de volta.

Como esses muros cinzas são exterminadores de sonhos, de desejos e de vidas. Bloqueiam as possibilidades de esperança, de criação e de novidade. Por muitas vezes, esses mesmos muros foram fortes obstáculos para o desenvolvimento de ações pedagógicas e sociais que tinham como premissa basilar o investimento em potencialidades criadoras.

Por muitas vezes, fui buscar fora da unidade de internação coragem e motivação para alimentar o clubinho de leitura.¹⁹

Por muitas vezes esses muros deixaram pequeninos meus sonhos de construir, junto com meus estudantes, atalhos para driblar a tristeza e a opressão.

Por muitas vezes quis jogar pedras nessa construção, quis perfurar o cimento rígido e imutável com instrumentos forjados pela criação humana.

¹⁹ Trata-se de um projeto criado pela autora com o objetivo de fomentar a leitura nos módulos (celas onde os jovens ficam confinados) na época da pandemia. O projeto existe até hoje, porém, com outro formato.

Agora, voltemos à história de nossas abelhinhas que, de tão pequenas e indefesas, no momento, perderam a batalha contra o grande monstro de 15 m de altura. Em nome delas, e como demonstração de resistência, nós, seres dotados de capacidade para transformar a natureza por meio do nosso trabalho, temos o compromisso de romper com a lógica vigente e planejar formas outras para que essa colmeia seja povoada pela vida, pela esperança e pela produção do mais doce mel. Embalados pela esperança de que ela possa se multiplicar, confiamos em seu refinado alimento como potência de inúmeras possibilidades de existir!

Diante desse desafio, buscamos junto com o querido apicultor uma solução para esse amargo impasse, e ele foi categórico: “Vamos encher esse terreno de flores! Dessa forma, elas não precisarão mais se deslocar para tão longe em busca do alimento, terão a oportunidade de se saciarem aqui dentre mesmo! Não irão morrer de nanismo como as outras!! As flores vão trazer a solução!”

Florir aquele espaço é urgente, ele precisa de vida, de cor, de profissionais que se ocupem em tornar a unidade de internação menos cinza, menos fria, mais humana.

Como o seu Geraldo, que diante da impossibilidade propôs uma alternativa, nós também, após todo esse percurso de pesquisa, sentimos a necessidade de organizar outras formas de “produzir alimento” dentro de uma unidade de internação. É nesse aspecto que pensamos no investimento de espaços de criação que privilegiem, ao mesmo tempo, a expressão e elaboração de sentimento, na construção de relações pautadas nas parcerias entre diversos serviços oferecidos dentro de uma unidade de internação. E ao que nos foi apresentado, a música (o rap) se mostrou como uma materialidade mediadora que promoveu a transformação no cotidiano escolar, na medida em que permitiu ao sujeito nomear, reconfigurar e expressar emoções que constituem a base de seus modos de pensar, sentir e agir na escola dentro de uma unidade de internação.

Pensamos que para o crescimento e multiplicação do nosso jardim, ele deverá ser constituído pela Ética do Cuidado, adubado por vivências estéticas que se traduzam em práticas sociais, que espalhem uma educação justa e libertadora a que todos nós temos direito.

A educação estética deve agir no sentido de elevação dessas necessidades espirituais, trazendo a possibilidade do estudante de circular por territórios proibidos para ele devido a sua condição social, cultural. Acrescenta-se ainda que as relações estéticas estabelecem importância na medida em que permitem ao sujeito desligar-se da realidade vivida, e, ao mesmo tempo, ser capaz de imaginar e inventar outras formas de existir e de estar no mundo.

A educação estética, portanto, envolve a exposição de diferentes formas de arte, como música, literatura, teatro e pintura, para desenvolver a imaginação, os processos criadores e o senso crítico dos indivíduos. Em resumo, a educação estética, nesse trabalho, se configura possibilidade essencial para uma formação integral do ser humano e a escolarização na socioeducação baseada na educação estética, em atitudes criadoras e revolucionárias, embaladas pela Ética do Cuidado se constituirá como um espaço de descobrimentos, de reflexão, de possibilidades de torna-se humano.

Referências

- Adimari, M. F. (2010). Socioeducação: Do sancionatório ao pedagógico. In P. Paes, C. Duarte, S. M. F. Amori, & D. R. S. Pedrossina (Orgs.). *Formação continuada de socioeducadores* (pp. 31–89). Programa Escola de Conselhos.
- Aguiar, W. M. J., & Ozella, S. (2006). Núcleos de significação como instrumento para a apreensão da constituição dos sentidos. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 26(2), 222–245. <https://doi.org/10.1590/S1414-98932006000200006>
- Aguiar, W. M. J., Soares, J. R., & Machado, V. C. (2015). Núcleos de significação: Uma proposta histórico-dialética de apreensão das significações. *Cadernos de Pesquisa*, 45(155), 56–75, <https://doi.org/10.1590/198053142818>
- Alvarez, M. C. (1989). *A emergência do Código de Menores de 1927* [Dissertação mestrado não publicada]. Universidade de São Paulo.
- Augé, M. (1994). *Não lugares – introdução a uma antropologia da supermodernidade*. Papirus.
- Barbosa, A. M. (2002). *A imagem no ensino da arte*. Perspectiva.
- Bíblia Nova Versão Internacional. (2012). *Bíblia NVI: Nova versão internacional – Português*. <https://www.bible.com/pt/bible/>
- Blanck, G. (2003). Para ler a psicologia pedagógica de Vigotski [Prefácio]. In L. S. Vigostki, *Psicologia pedagógica (edição comentada)* (pp. 15–32). Artmed.
- Bochkarieva, G. G. (1972). Retrato psicológico de la esfera de motivaciones de los jóvenes delincuentes. In L. I. Bozhovich & L. V. Blagonadiezina (Eds.), *Estudio de las motivaciones de los niños y los adolescentes* (pp. 322–434). Editorial Pueblo Y Educación.
- Boff, L. (2014). *Saber cuidar: Ética do humano – Compaixão pela terra*. Vozes.
- Boff, L. (2017). *Ética da vida*. Vozes.

- Bozhovich, L. I. (1972). El problema del desarrollo de la esfera motivacional del niño. In L. I. Bozhovich & L. V. Blagonadiezina (Eds.), *Estudio de las motivaciones de los niños y los adolescentes* (pp. 12–55). Editorial Pueblo Y Educación.
- Brasil. (2012). *Levantamento anual dos/as adolescentes em conflito com a lei – 2012*. Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República.
- Brasil. (2015). *Mapa do encarceramento: Os jovens do Brasil*. Secretaria-Geral da Presidência da República e Secretaria Nacional de Juventude.
- Brasil. (2019). *Levantamento anual SINASE 2017*. Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos.
- Companhia de Planejamento do Distrito Federal. (2013). *Perfil e percepção social dos adolescentes em medida socioeducativa no Distrito Federal* [Relatório técnico]. <https://www.ipe.df.gov.br/>
- Costa, A. C. G. (2006). Natureza e essência da ação socioeducativa. In Instituto Latino Americano das Nações Unidas para Prevenção do Delito e Tratamento do Delincente, Secretaria Especial de Direitos Humanos da Presidência da República, & Associação Brasileira de Magistrados e Promotores da Infância e da Juventude (Orgs.), *Justiça adolescente e ato infracional: Socioeducação e responsabilização* (pp. 449–467). ILANUD.
- Deleuze, G., & Guattari, F. (1977). *Kafka – Por uma literatura menor*. Imago Editora.
- Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos. (2011). *Pesquisa socioeconômica em territórios de vulnerabilidade social no Distrito Federal* [Relatório técnico]. <https://www.dieese.org.br/relatoriotecnico/2010/produto6.pdf>
- Dessen, M. A., & Costa Jr., A. L. (Orgs.). (2008). *A ciência do desenvolvimento humano: Tendências atuais e perspectivas futuras*. Artmed.

- Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa. (n.d.). Simbiose. In <https://www.dicio.com.br>. Recuperado em 23 de março de 2023, de <https://www.dicio.com.br/simbiose/>
- Distrito Federal. (2018). *Subsecretaria de Políticas para Crianças e Adolescentes (SUBPCA)* [website]. <http://www.crianca.df.gov.br/secretaria-de-politicas-para-criancas-adolescentes-e-juventude/>
- Distrito Federal. (2019). Relação dos filmes selecionados no 5º Festival de Curtas das Escolas Públicas do Distrito Federal. <https://www.educacao.df.gov.br/wp-content/uploads/2018/05/festcurtas-2019-relacao-de-filmes-selecionados.pdf>
- Duarte, N. (Ed.). (2004). *Crítica ao fetichismo da individualidade*. Autores Associados.
- Dugnani, L. A. C. et al.(2016). *O uso da música em contextos educativos: investimento na dimensão humana*. In. V. L. T. de Souza; A. P. Petroni; P. C. de Andrade (orgs). *A psicologia da arte e a promoção do desenvolvimento e da aprendizagem – Intervenções em contextos educativos diversos*. Loyola.
- Estévez, P. R. (2003). *A educação estética – experiências da escola cubana*. Nova Harmonia.
- Farofa Carioca. (1998). A carne [Canção]. *Moro no Brasil*. Rio de Janeiro.
- Flickr. (n.d.). *Unidade de Internação de Santa Maria-DF* [website]. https://www.flickr.com/photos/cnj_oficial/28351516247
- Foucault, M. (2012). *Segurança, penalidade e prisão*. Forense Universitária.
- Foucault, M. (2014). *Vigiar e punir* (42ª ed.). Vozes.
- Galeano, E. (2002). *O livro dos abraços* (9ª ed.). L&PM.
- Garcia, A. V., & Yannoulas, S. C. (2017). Educação, pobreza e desigualdade social. *Em Aberto*, 30(99), 21–41. <https://doi.org/10.24109/2176-6673.emaberto.30i99.3262>
- Goffman, E. (2015). *Manicômios, prisões e conventos*. Perspectiva.

Grupo Nacional de Direitos Humanos. (2013). *Nota técnica nº 02/2013 da Comissão Permanente da Infância e Juventude do Grupo Nacional de Direitos Humanos do Conselho Nacional de Procuradores-Gerais de Justiça* [Relatório técnico]. https://crianca.mppr.mp.br/arquivos/File/legis/notas/nota_tecnica_copeij_n02_2013_idade_penal.pdf

Heller, A. (1970). *O cotidiano e a história*. Paz e Terra.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2017). *Síntese de indicadores sociais: Uma análise das condições de vida da população brasileira* [Relatório técnico]. IBGE. <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101459.pdf>

Kosik, K. (1976). *Dialética do concreto*. Paz e Terra.

Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. (1990). Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/18069.htm

Lei nº 12.594, de 18 de janeiro de 2012. (2012). Institui o Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo (Sinase), regulamenta a execução das medidas socioeducativas destinadas a adolescente que pratique ato infracional; e altera legislações anteriores. https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2012/Lei/L12594.htm

Lukács, G. (1967). *Estética I – La peculiaridade de lo estético: Categorías psicológicas y filosóficas básicas de lo estético*. Ediciones Grijalbo S. A.

Lukács, G. (1970). *Introdução a uma estética marxista*. Civilização Brasileira.

Martins, L. M. (2015). As aparências enganam: Divergências entre o materialismo histórico-dialético e as abordagens qualitativas de pesquisa. In S. C. Tuleski, M. C., & H. A. Leite (Orgs.), *Materialismo histórico-dialético como fundamento da psicologia histórico-cultural* (pp. 29–42) Editora da Universidade Estadual de Maringá.

- Martins, L. M. (2006). As aparências enganam: Divergências entre o materialismo histórico dialético e as abordagens qualitativas em pesquisa. In *29ª Reunião Anual da ANPED – Educação, Cultura e Conhecimento: Desafios e Compromissos*.
- Masschelein, J., & Simons, M. (2018). *Em defesa da escola: Uma questão pública*. Autêntica.
- Oliveira, B. (2005). A dialética do singular-particular-universal. In A. A. Abrantes, N. R. Silva, & S. T. F. Martins (Orgs.), *Método histórico-social na psicologia* (pp. 25–51). Vozes.
- Pasqualini, J. C., & Martins, L. M. (2015). Dialética singular-particular-universal: Implicações do método materialista dialético para a psicologia. *Psicologia & Sociedade*, 27(2), 362–371. <https://doi.org/10.1590/1807-03102015v27n2p362>
- Paula, L. (2011). *Liberdade assistida: Punição e cidadania na cidade de São Paulo* [Tese de doutorado, Universidade de São Paulo]. Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da USP. <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8132/tde-07102011-145637/pt-br.php>
- Paula, L. (2015). Da “questão do menor” à garantia de direitos: Discursos e práticas sobre o envolvimento de adolescentes com a criminalidade urbana. *Civitas – Revista de Ciências Sociais*, 15(1), 27–43. <https://doi.org/10.15448/1984-7289.2015.1.16937>
- Pederiva, P., Oliveira, D., Miranda, J. V., & Pederiva, M. (2022). Os signos artísticos e a educação estética em Vigotski. *Educação & Realidade*, 47, eArticle e116929. <https://doi.org/10.1590/2175-6236116929vs01>
- Pederiva, P.L.M & Tunes, E. (2013). *Da atividade musical e suas expressões psicológicas*. Appris.
- Pennac, D. (2008). *Diário de escola*. Rocco.
- Projeto de Lei nº 246/2019. (2019). Institui o “Programa Escola sem Partido”. <https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=2190752>

- Projeto de Lei do Senado nº 490, de 2017. (2017). Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, e a Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990, que dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente, para prever a modalidade da educação domiciliar no âmbito da educação básica. <https://www25.senado.leg.br/web/atividade/materias/-/materia/131857>
- Pulino, L. H. C. Z. (2016). Prefácio. In L. H. C. Z. Pulino, S. L. Soares, C. B. Costa, C. A. Longo, & F. L. Sousa (Orgs.), *Educação, direitos humanos e organização do trabalho pedagógico* (pp. 19–30). Paralelo 15.
- Pulino, L. H. C. Z. (2017). Narrativas, infância e educação: Reflexões e perspectivas. *Linhas Críticas*, 23(51), 412–427. <https://doi.org/10.26512/lc.v23i51.8240>
- Ribot, T. A. (1908). *Essay sur l'imagination créatrice*. F. Alcan.
- Rizzini, I. (2011a). Crianças e menores – do pátrio poder ao pátrio dever: Um histórico da legislação para a infância no Brasil. In I. Rizzini & F. Pilotti (Orgs.), *A arte de governar crianças: A história das políticas sociais da legislação e da assistência à infância no Brasil* (pp. 97–149). Cortez Editora.
- Rizzini, I. (2011b). *O século perdido: Raízes históricas das políticas públicas para a infância no Brasil*. Cortez.
- Sawaia, B. B. (2009). Psicologia e desigualdade social: Uma reflexão sobre liberdade e transformação social. *Psicologia & Sociedade*, 21(3), 364–372. <https://doi.org/10.1590/S0102-71822009000300010>
- Tella, M. A. P. (2000). *Atitude, arte, cultura e auto-conhecimento: O rap como a voz da periferia* [Dissertação de mestrado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo]. Repositório PUCSP. <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/18440>

- Vaz, S. (2011). *Literatura, pão e poesia: histórias de um povo lindo e inteligente*. Global.
- Vigotski, L. S. (1996). *Obras Escogidas – IV: Paidología del adolescente problemas de lapsicología infantil*. Machado Nuevo Aprendizaje.
- Vigotski, L. S. (1998). *O desenvolvimento psicológico na infância*. Martins Fontes.
- Vigotski, L. S. (1999). *Psicologia da arte*. Martins Fontes.
- Vigotski, L. S. (2001). *Psicologia pedagógica*. Martins Fontes.
- Vigotski, L. S. (2003). *Psicologia pedagógica (edição comentada)*. Artmed.
- Vigotski, L. S. (2009). *Imaginação e criação na infância – ensaio psicológico: Livro para professores*. São Paulo: Ática.
- Vigotski, L. S. (2010). *A construção do pensamento e da linguagem*. Martins Fontes.
- Vigotski, L. S. (2021). *História do desenvolvimento das funções mentais superiores*. Martins Fontes.
- Volpi, M. (2001). *Sem liberdade, sem direitos: A privação de liberdade na perspectiva do adolescente*. Cortez.
- Wacquant, L. (2001). *As prisões da miséria*. Jorge Zahar.
- Wacquant, L. (2003). *Punir os pobres – A nova gestão da miséria nos Estados Unidos (2ª ed.)*. Ravan.
- Wedekin, L. M., & Zanella, A. V. (2016). L. S. Vigotski e o ensino de arte: “A educação estética” (1926) e as escolas de arte na Rússia 1917–1930. *Pro-Posições*, 27(2), 155–176. <https://doi.org/10.1590/1980-6248-2014-0124>
- Zanella, A. V. (2007). Educación estética y actividad creativa: Herramientas para el desarrollo humano. *Universitas Psychologica*, 6(3), 483–492. <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/up/v6n3/v6n3a02.pdf>

Anexos

**Anexo A – Transcrição da Entrevista Realizada com os Adolescentes Vencedores do
Festival de Música (2021)**

Legenda

(inaudível) - inaudível

/ - truncamentos

[- fala sobreposta ou interrupção

(...) - suposição do que foi dito

... - pausa breve na fala

00:04 Entrevistadora: Então pode começar, (Elis).

00:06 Adolescente 1: A importância da/ (do) que o projeto faz pra nós?

00:10 Entrevistadora: Isso.

00:12 Adolescente 1: Que praticamente nossa/ nossa vida, a gente escreve que (nem) decompndo a letra da música, né.

00:22 Entrevistadora: Uhum... E qual foi a temática da sua música, da sua letra?

00:25 Adolescente 1: A temática foi escrever um pouco da minha vida, o que acontece geralmente na/ no destino que eu escolhi entrar, né.

00:38 Adolescente 1: Que tem uma palavra que fala (que) tipo: "Andando sempre pelo certo pra não eliminado", né, que/ na vida do tráfico, né, a vida não é só o tráfico, né, não é roubar, né, não é querer só entrar, né, porque também quando vai preso também, o crime não é só na rua não, lá fora, mas muitas pessoas também não entende, né. Aí através da/ da música nós conseguimos interpretar, né, um pouco da nossa/ da nossa vida, da nossa realidade.

01:07 Entrevistadora: Uhum... E aí o festival, né, fazer o festival aqui na escola, você acha importante continuar?

01:13 Adolescente 1: Sim, dá uma/ é uma oportunidade pra/ porque muitas pessoa não/ não fala, não chega a falar pessoalmente pra/ pra alguém da unidade - os professores -, mas através da/ da música, se for analisar cada letra, percebe que tá decompondo a música falando da/ sobre nossa vida; do que a vida do crime... é a/ a realidade do crime, do que ele traz, o que ele não traz.

01:39 Entrevistadora: Na rua, quando você tá na rua, você participa de algum grupo, de algum local, ou só em festa mesmo que você gosta de cantar, dançar?

01:46 Adolescente 1: Não, só em... Uma boa festa assim de familiar que é/ aí faz tipo um/ um resenha assim, (casa aí mais). Ter seus oportunidades aqui né.

01:59 Entrevistadora: Uhum... Mas e quando é/ como é que você fez a música, assim cê pensou "ai vou escrever sobre isso"? Como foi assim seu processo de criação da música? Como é que foi?

02:06 Adolescente 1: Foi de[

02:08 Entrevistadora: [Demorou muito tempo? Foi rápido?

02:10 Adolescente 1: Demorou, demorou alguns dias. Tipo, a/ escrever através do papel um/ um pouco da/ da minha vida, o que já aconteceu, o que o crime traz na vida de quem/ de quem entrou, né, porque, tipo, tem uma letra, uma parte também que tá escrito que, é: "Uma hora tá em cima, mas uma hora tá embaixo", que é o que mais acontece no crime, né, que uma hora nós tá bem, mas outra hora o jogo vira. Uma hora nós tá precisando de a/ daquilo, de outra coisa. Nem sempre nós tá no/ no alto, né. Uma hora nós cai. Uma hora nós vamo preso...

02:46 Entrevistadora: Beleza. E você, o que você fala do festival pra mim?

02:49 Adolescente 2: Bom, eu a/ tipo/ que nem o/ o outro menino aí falou também, né, eu acredito que de certa forma a gente transmite um pouco da história de cada um no papel.

02:59 Adolescente 2: até mesmo/ um pouco da nossa convivência e na/ na/ na nossa realidade também, porque na minha música eu também teve uma hora que eu falei é/ "O crime é um rosa, esconde seus espinhos", né, porque ele é uma rosa, cê só vê a parte bonita, mas também tem a parte que... sofrimento também. Tem muita coisa/ ao/ em torno disso, não é só aquilo... que a gente tá pensando também, diversas coisas... "Na vida o que se planta também é o que cê colhe, não plantei coisas boas, só colhi fruto do corre. Hoje estou trancado dentro da sentença, porque plantei dinheiro; colhi algemas". E nisso aí vou fazendo várias reflexões também na minha música, e também contando um pouco de mim, da minha história.

03:35 Adolescente 2: De certa forma, materializando, né, escrevendo. E eu acredito que o projeto é muito importante também, porque muita gente às vezes tem o dom e não/ e vai despertar aqui dentro, às vezes, até mesmo tem a oportunidade de tá/ igual teve um DJ que veio acompanhar, né, não teve essa certa oportunidade no mundão, nem sabia que tinha mesmo esse dom também.

03:54 Adolescente 2: E eu acredito que é bastante importante, até mesmo tem gente que gosta de/ do/ do funk consciente, né, que tá estourado entre os jovens, os adolescentes aí, e que[

04:02 Entrevistadora: [Qual o nome?

04:03 Adolescente 2: Funk consciente.

04:04 Entrevistadora: Funk consciente?

04:05 Adolescente 2: Funk consciente. Que a/ os adolescente tá gostando também e que... Tipo... Eu sei lá, tipo até nas músicas mesmo eles fala que é inspiração prasmulecadinha da favela que se espelha também nesse/ nesses MC também e que dá um bagulho que dá muito dinheiro também e é... Pra quem tem um dom também né e é/ às vezes desperta esse dom aqui dentro, não tem oportunidade na rua e... descobre aqui dentro.

04:29 Entrevistadora: E/ E quando você vai compor, assim, quando cê para/ compor te faz bem? Você se sente bem quando cê escreve?

04:36 Adolescente 1: Faz, porque a gente tá tirando de dentro, né, da nossa mente, (mas) através do papel, pra quem escutar e quem ler também, pra ver que/ o que nós/ o que acontece no nosso dia a dia na vida do crime, é o que a gente tá escrevendo que "o crime não compensa, então para e pensa que vai te levar para a cova ou para algemas", é uma realidade, né.

04:59 Adolescente 2: Também através da música a gente transmite um certo sentimento e eu acredito que a pessoa escutando sente também um pouco da... Da nossa realidade até mesmo acredito que a sociedade enxergue nós como um monstro também, né, e não tem uma certa visão, não conhece a gente, e a gente através da música conta um pouquinho sobre nós, né, até mesmo na música eu também falo que são/ é/ "meninos bons que tão no caminho errado" às vezes muitos julga, mata, mas não sabe porque que o menino tá ali também, não sabe da/ da realidade, do passado do me/ do adolescente também, né, pensa que/ julga ele pelo ato infracionário dele momentâneo e não julga ele pela pessoa em si que ele é.

05:34 Adolescente 1: Também fica preso na nossa... Na nossa mente, na nossa garganta de querer soltar, né, mas com... A gente não tem a oportunidade, aí o projeto também traz uma oportunidade da gente (se) expressar, né, no/ através da... Da letra da música, né.

05:48 Entrevistadora: Eu também sinto isso quando eu venho às vezes[

05:50 Adolescente 2: [Fica tudo (preso) na gente, mas a/ uma/ a partir do momento quando a gente escreve chega a dar aquele alívio.

05:55 Entrevistadora: Você também sentiu isso quando escreve assim?

05:58 Adolescente 2: E aí é interessante a gente cantar, ter mais que os demais adolescentes, sentir a opinião do próximo e você vê que a letra vai se encaixando e a reali/ a sua própria realidade cê tá narrando alí é um bagu/ eu acho bastante interessante, sim.

06:10 Entrevistadora: Eu tava/ eu assisti o festival, eu achei muito legal. Eu já acompanhei dois festivais, mas esse último agora eu achei mais emocionante. Vocês não estavam aqui, claro, mas esse festival eu achei mais completo, achei que vocês foram, pegaram o microfone, falaram, não ficaram com vergonha, não fica assim "vai lá é sua vez", não! Cada um pega, né? E quer... E quer falar.

06:33 Adolescente 1: Não, O projeto Rap pra mim foi bem legal, porque, tipo, eu nem sabia também que eu tinha esse dom de cantar, não. Eu escrevi minha música homenageando o Sandrox e... é isso.

06:45 Adolescente 2: Despertou, né?

06:47 Entrevistadora: E/ mas você quis participar do festival, né?

06:48 Adolescente 1: Eu quis participar.

06:50 Entrevistadora: Você participa de algum grupo na/ quando você tá na rua?

06:53 Adolescente 1: Não.

06:53 Entrevistadora: Não, né? Só/ só aqui, né? E... qual foi/ o tema da sua música foi o Sandrox, né? Tá certo. E a sua composição? Quando você parou pra pensar no Sandrox, pra escrever.

07:05 Adolescente 1: Eu fui escrevendo, tipo falando um pouco... tipo da pandemia que ocorreu, que levou muita gente, muitas famílias, deixou muitas famílias de luto... Aí eu coloquei essas partes, peguei e fiz uma música homenageando ele. Tipo falando da pandemia.

07:24 Entrevistadora: Beleza. Certinho. Não, foi muito bom, meninos, ouvir vocês falando, porque quando eu leio as letras/ eu peguei todas as letras, a sua deve ter ficado em casa. Mas eu sinto isso

mesmo, que cês querem transmitir alguma coisa, falar/ E é uma oportunidade, né? Vocês viram que tem muitas pessoas lá que param pra ouvir vocês, né? Então, também não pode escrever qualquer coisa, né? Tem que ser/ então era por isso que também gostaria/ queria muito saber essa parte aí de como que é participar do festival, de como é pegar o microfone. Não dá vergonha, não? Não dá medo, não?

07:53 Adolescente 2: Não, dá vergonha, mas senti na hora...

07:55 Adolescente 1: Pra mim eu não senti nada, deu um frio na barriga, mas depois que a pessoa entrou já no clima, vê o outro cantando já, passa na mente: “é, ele tá cantando, eu também posso/ posso fazer o que ele tá fazendo”.

08:05 Entrevistadora: E a plateia? Vocês acharam que a plateia foi educada? Assim, respeitou. Ou vocês acharam que não? Que tinha gente ali que tava zoando.

08:14 Adolescente 1: Não, a plateia, entre aspas, uns sim, mas outros já não colaboraram, tipo, os servidores lá da unidade do/ uma coisa que eu prestava atenção: uns cantando e outros, sei lá, rindo, e outros conversando, falando sobre a música e não sei o que, é isso ou aquilo. Mas fora isso[

08:36 Entrevistadora: [Você também viu isso, Daniel?]

08:36 Adolescente 2: Eu vi.

08:37 Adolescente 1: [É normal. Na rotina da vida, sempre uns[

08:41 Adolescente 1: [Mas a gente nem pode falar nada, muita coisa não, que tudo o que a gente fala, tipo... acha que só porque nós tá preso, que nós é errado.

08:49 Adolescente 1: Julga nós pelo ato infracionário, sem conhecer, entendeu?

08:54 Entrevistadora: Mas foi bom vocês falarem sobre isso, né? Pra gente/ mas eu quero dizer pra vocês que a escola, os professores ficaram muito satisfeitos. A gente gostou muito, né, dessa participação de vocês e... a gente queria só agradecer, né?

09:10 Adolescente 1: Nós também. A professora também, quando a gente tava lá cantando, a professora tava lá (inaudível) Gritando lá pra nós.

09:16 Entrevistadora: É! A gente fez torcida organizada, né? Fez, porque eu acho um momento importante de cultura, né?

09:22 Adolescente 1: Verdade.

09:23 Entrevistadora: Pois é, meninos.



**Instituto de Psicologia (IP-UnB)
Programa de Pós- Graduação em
Psicologia do Desenvolvimento e Escolar (PGPDE)**

Anexo B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), Entrevista

Você está sendo convidado a participar da pesquisa “*Tornar-se socioeducando – uma questão de arte: processos de imaginação e criação na socioeducação*”, de responsabilidade da pesquisadora Rejane Matias Gomes da Silva, estudante de *doutorado* do Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento Humano e Escolar, do Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília. O objetivo desta pesquisa é acompanhar os processos de criação que emergem na/da situação de privação de liberdade de adolescentes em cumprimento de medida socioeducativa de internação, descrevendo sua contribuição para o processo de subjetivação do socioeducando como ser social, cidadão, sujeito de direitos. Assim, gostaria de consultá-lo/a sobre seu interesse e disponibilidade de cooperar com a pesquisa.

Você receberá todos os esclarecimentos necessários antes, durante e após a finalização da pesquisa, e lhe asseguro que o seu nome não será divulgado, sendo mantido o mais rigoroso sigilo mediante a omissão total de informações que permitam identificá-lo/a. Os dados provenientes de sua participação na pesquisa, tais como questionários, entrevistas e fotos ficarão sob minha guarda e responsabilidade.

Nesta etapa de coleta de dados serão realizadas entrevistas semiestruturadas com alguns adolescentes que participaram do Festival de Música da UISM (2021). É para estes procedimentos que você está sendo convidado a participar. Sua participação na pesquisa não implica em nenhum risco para sua integridade física e psicológica.

Espera-se com esta pesquisa seja possível propiciar um estudo detalhado sobre a relação entre a arte e o desenvolvimento humano na adolescência e no contexto de restrição de liberdade e, também, organizar um material de apoio sobre educação estética para professores.

Sua participação é voluntária e livre de qualquer remuneração ou benefício. Você é livre para recusar-se a participar, retirar seu consentimento ou interromper sua participação a qualquer momento. A recusa em participar não irá acarretar qualquer penalidade ou perda de benefícios.

Se você tiver qualquer dúvida em relação à pesquisa, você pode me contatar através do telefone [REDACTED] ou pelo e-mail: [REDACTED].

A pesquisadora garante que os resultados do estudo serão devolvidos aos participantes por meio de *artigo e/ou relato de experiência*, podendo ser publicados posteriormente na comunidade científica.

Este projeto foi revisado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais (CEP/CHS) da Universidade de Brasília. As informações com relação à assinatura do TCLE ou aos direitos do participante da pesquisa podem ser obtidas por meio do e-mail do CEP/CHS: cep_chs@unb.br ou pelo telefone: (61) 3107 1592.

Este documento foi elaborado em duas vias, uma ficará com o/a pesquisador/a responsável pela pesquisa e a outra com você.

Assinatura do/da participante

Assinatura do/da pesquisador/a



**Instituto de Psicologia (IP-UnB)
Programa de Pós-Graduação em
Psicologia do Desenvolvimento e Escolar (PGPDE)**

**Anexo C – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), Aplicação do
Questionário Para os Adolescentes – Levantamento de Necessidades e Interesses**

Você está sendo convidado a participar da pesquisa “*Tornar-se socioeducando – uma questão de arte: processos de imaginação e criação na socioeducação*”, de responsabilidade da pesquisadora Rejane Matias Gomes da Silva, estudante de *doutorado* do Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento Humano e Escolar, do Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília. O objetivo desta pesquisa é acompanhar os processos de criação que emergem na/da situação de privação de liberdade de adolescentes em cumprimento de medida socioeducativa de internação, descrevendo sua contribuição para o processo de subjetivação do socioeducando como ser social, cidadão, sujeito de direitos. Assim, gostaria de consultá-lo/a sobre seu interesse e disponibilidade de cooperar com a pesquisa.

Você receberá todos os esclarecimentos necessários antes, durante e após a finalização da pesquisa, e lhe asseguro que o seu nome não será divulgado, sendo mantido o mais rigoroso sigilo mediante a omissão total de informações que permitam identificá-lo/a. Os dados provenientes de sua participação na pesquisa, tais como questionários, entrevistas e fotos ficarão sob minha guarda e responsabilidade.

Nesta etapa de coleta de dados você receberá um questionário com onze questões abertas que têm como propósito realizar um levantamento sobre seus interesses, desejos e motivações para realizar as suas atividades do cotidiano (seu dia a dia). É para estes procedimentos que você está sendo convidado a participar hoje. Sua participação na pesquisa não implica em nenhum risco para sua integridade física e psicológica.

Espera-se com esta pesquisa seja possível propiciar um estudo detalhado sobre a relação entre a arte e o desenvolvimento humano na adolescência e no contexto de restrição de liberdade e, também, organizar um material de apoio sobre educação estética para professores.

Sua participação é voluntária e livre de qualquer remuneração ou benefício. Você é livre para recusar-se a participar, retirar seu consentimento ou interromper sua participação a qualquer momento. A recusa em participar não irá acarretar qualquer penalidade ou perda de benefícios.

Se você tiver qualquer dúvida em relação à pesquisa, você pode me contatar através do telefone [REDACTED] ou pelo e-mail: [REDACTED].

A pesquisadora garante que os resultados do estudo serão devolvidos aos participantes por meio de *artigo e/ou relato de experiência*, podendo ser publicados posteriormente na comunidade científica.

Este projeto foi revisado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais (CEP/CHS) da Universidade de Brasília. As informações com relação à assinatura do TCLE ou aos direitos do participante da pesquisa podem ser obtidas por meio do e-mail do CEP/CHS: cep_chs@unb.br ou pelo telefone: (61) 3107 1592.

Este documento foi elaborado em duas vias, uma ficará com o/a pesquisador/a responsável pela pesquisa e a outra com você.

Assinatura do/da participante

Assinatura do/da pesquisador/a

Brasília, ____ de _____ de _____

INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
E SOCIAIS DA UNIVERSIDADE DE
BRASÍLIA - UNB



Anexo D – PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: TORNAR-SE SOCIOEDUCANDO - UMA QUESTÃO DE ARTE.A NARRATIVA DO SOFRIMENTO COMO PROCESSO ESTÉTICO DE CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO.

Pesquisador: Rejane Matias Gomes da Silva

Área Temática:

Versão: 3

CAAE: 52898921.1.0000.5540

Instituição Proponente: Instituto de Psicologia - UNB

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 5.263.321

Apresentação do Projeto:

Sem alteração Conforme parecer consubstanciado n. 5.217.201 emitido em 30/01/2022

Objetivo da Pesquisa:

Sem alteração Conforme parecer consubstanciado n. 5.217.201 emitido em 30/01/2022

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Sem alteração Conforme parecer consubstanciado n. 5.217.201 emitido em 30/01/2022

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Conforme parecer consubstanciado n. 5.217.201 emitido em 30/01/2022 a pesquisadora apresentou pendência com relação ao cronograma de entrada no campo, na qual apresentou cronograma atualizado onde informa que realizará as oficinas no período de 26 a 28/01. Entretanto é importante destacar que as datas não acompanham a orientação na qual a coleta dos dados deve se dar no mínimo 30 dias para dar tempo hábil para trâmite no CEP. Além disso, é importante destacar que o período é recesso das escolas públicas do DF.

Além disso sugeriu que O cronograma deve ser adaptado conforme o calendário escolar visto que os colaboradores da pesquisa neste período estão em recesso. Além disso, todas as datas estão fora do período solicitado pelo CEP.

Foi anexado cronograma com datas da pesquisa de campo para o mes de abril e dessa forma dentro do tempo hábil solicitado pelo CEP

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Conforme parecer consubstanciado n. 5.217.201 emitido em 30/01/2022

foi destacado aspectos para revisão e inclusão de acordo às exigências das Resoluções CNS 466/2012, 510/2016 e complementares, na qual incluiu novo cronograma na qual as atividades no cenário e participantes da pesquisa a partir de abril de 2022

Recomendações:

Conforme parecer consubstanciado n. 5.217.201 emitido em 30/01/2022

foi destacado aspectos para revisão e inclusão de acordo às exigências das Resoluções CNS 466/2012, 510/2016 e complementares, na qual a pesquisadora respondeu as pendências listadas

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Sem pendência

Considerações Finais a critério do CEP:**Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:**

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1501714.pdf	31/01/2022 22:39:44		Aceito
Parecer Anterior	pdf28.pdf	31/01/2022 22:38:21	Rejane Matias Gomes da Silva	Aceito
Outros	pdf27a.pdf	31/01/2022 22:35:49	Rejane Matias Gomes da Silva	Aceito
Cronograma	pdf26.pdf	31/01/2022 22:35:01	Rejane Matias Gomes da Silva	Aceito
Parecer Anterior	pdf25.pdf	17/12/2021 00:01:58	Rejane Matias Gomes da Silva	Aceito
Outros	pdf24.pdf	17/12/2021 00:00:22	Rejane Matias Gomes da Silva	Aceito
Outros	pdf21.pdf	16/12/2021 23:59:29	Rejane Matias Gomes da Silva	Aceito
Outros	pdf20.pdf	16/12/2021	Rejane Matias	Aceito
Outros	pdf20.pdf	23:58:46	Gomes da Silva	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	pdf23.pdf	16/12/2021 23:57:04	Rejane Matias Gomes da Silva	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	pdf22.pdf	16/12/2021 23:56:41	Rejane Matias Gomes da Silva	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	pdf19.pdf	16/12/2021 23:56:19	Rejane Matias Gomes da Silva	Aceito
Outros	pdf15.pdf	09/12/2021 10:22:34	Rejane Matias Gomes da Silva	Aceito
Cronograma	pdf14.pdf	09/12/2021 10:19:27	Rejane Matias Gomes da Silva	Aceito

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Folha de Rosto	pdf13.pdf	09/12/2021 10:18:49	Rejane Matias Gomes da Silva	Aceito
Outros	pdf12a.pdf	26/10/2021 15:06:50	Rejane Matias Gomes da Silva	Aceito
Outros	aceite.jpeg	15/10/2021 21:37:25	Rejane Matias Gomes da Silva	Aceito
Outros	pdf11.pdf	15/10/2021 20:52:01	Rejane Matias Gomes da Silva	Aceito
Outros	pdf9.pdf	15/10/2021 20:51:15	Rejane Matias Gomes da Silva	Aceito
Outros	pdf7.pdf	08/10/2021 22:59:58	Rejane Matias Gomes da Silva	Aceito
Outros	pdf5.pdf	08/10/2021 15:15:32	Rejane Matias Gomes da Silva	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	pdf4.pdf	23/09/2021 16:47:35	Rejane Matias Gomes da Silva	Aceito
Outros	pdf3a.pdf	23/09/2021 16:45:05	Rejane Matias Gomes da Silva	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

BRASILIA, 24 de Fevereiro de 2022

Assinado por:

MARCIO CAMARGO CUNHA FILHO
(Coordenador(a))

Endereço: CAMPUS UNIVERSITÁRIO DARCY RIBEIRO - FACULDADE DE DIREITO - SALA BT-01/2 - Horário de**Bairro:** ASA NORTE**CEP:** 70.910-900**UF:** DF**Município:** BRASILIA**Telefone:** (61)3107-1592**E-mail:** cep_chs@unb.br

Anexo E - Letras das músicas de Rap

A DOR DA SAUDADE

Acordar do pesadelo e enfrentar a caminhada
 O diabo é sujo e almeja sua alma
 O crime não é o creme, pare e pense irmão
 Ele só traz dinheiro e financia o seu caixão

E quando você cai no chão de uma prisão
 É foda a lei do cão, mas fazer o que se a ocasião faz o ladrão
 Mas com Deus do meu lado, vou prosseguindo
 Com o salmo 121 eu vou seguindo

Só o senhor mesmo pra me fortalecer
 Em meio a essa guerra eu sei que vou vencer
 Atrás das grades não tá fácil não
 Longe da família, chega aperta o coração.

Aqui a cada dia é uma novela
 Tem umas resposta e outras comédia
 Trairagem e pilantragem estou sentindo na minha pele
 O gosto da crocodilagem, crocodilagem.

A FAVELA SEMPRE ARMADA

Eu não estou aqui pra falar de ilusão
 Minha palavra vale um tiro, eu tenho muita munição
 Estou programado pra falar só a verdade
 Comunicando geral pra se armar pro combate

Uma guerra acontecendo
 Só você que não está vendo
 Pro político engravatado minha letra é um veneno
 Denuncio mesmo e não tenho medo não

Peguei essa denúncia e transformei numa canção
 Não precisa ser bandido, só se liga na ideia
 Muito sangue está jorrando, isso não é coisa certa
 Sem Educação, situação daquele jeito

Seu filho sem Escola e o culpado é o governo
 Prometeu várias mudanças no dia da eleição
 Agora tá pensando aonde passa a mão
 Está tudo preparado pro roubo milionário

Você está pensando se eu sou o culpado
 Cai na real, isso não é conto de fadas
 O verdadeiro culpado está de terno e gravata

APRISIONADAS PELO SISTEMA

Trancafiadas entre essas grades
 Pensando na liberdade
 Somos gladiadoras lutando pela igualdade
 Correndo pelo certo para cobrar o errado

Somos Guerreiras de Fé, esse é nosso legado
 Pra quem desacreditou, estamos de pé outra vez
 Rompendo esse sistema que só nos infligem leis
 Aqui quem tá na voz é uma guerreira de fé

Que nunca se abala, sempre de cabeça em pé
 Sem deixar transparecer, na corrida pra vencer
 O senhor é do meu lado, tudo vai se resolver
 Sou guiada e protegida pelos seus anjos armados

Na batalha infinita lutando contra o diabo
 E e se tempo que não passa, essa agonia que maltrata
 Deito na minha jega, imaginando a quebrada
 Pensamentos a milhão sonhando com a liberdade.

ARGUMENTOS DE UM DETENTO

Longe do sistema tenho minha liberdade
 Eu não quero viver atrás das grades
 Viajando no meu quarto eu fico pensando
 Pra onde esse caminho está me levando

Mais uma noite se cai e eu aqui dentro
 Comecei a escrever argumentos de um detento
 No sistema é chapa e eu vou te falar
 Pense duas vezes pro seu sangue não jorrar

Deitado na minha jega pensativo
 Aguardando o momento indescritível
 Pensando na minha família a todo momento
 Sinto um grande vazio aqui por dentro

Não vejo a hora de sair desse lugar
 De poder voltar pra casa e meu filho abraçar
 Todo dia de visita é triste pra mim

Não queria ver minha coroa vindo aqui.

Sermão:

Hoje, longe do sistema irmão, tenho meu trampo, minha família, meu barraco, humilde, mas é meu, e o mais importante é que eu não preciso abaixar minha cabeça quando vejo um gambé querendo pagar de bravo, dentro de uma barca, só porque usa farda e anda numa viatura que eu mesmo paguei, quer dizer, nós.

ASSALTO DE FÉ

Não vem com esse papo de amor
Esse sentimento meu coração não alcançou
Só ódio, guerrilha
Coração ferido por dois anos na ilha

Vegetando, ocasião
Pra sociedade só mais um ladrão
Paro, penso
Maldade é mato

Se eu pego esse mano
Vou fazer arregação
Vai sair no boletim
Do jornal das dez

O corpo desfigurado da cabeça aos pés
Pro polícia menor infrator
Pra sociedade mais um bobo opressor
Cena do loco

Sem reação
Seu filho no porta mala pedindo perdão
Com a nove na nuca
Para de grita se não tu morre filho da puta.

BRASIL, PAÍS PERFEITO

Cada corpo encontrado na favela
Cada muleque de campana portando munição antiaérea
São sonhos destruídos por causa da miséria
Aqui os fatos são verídicos, não a porra de um Brasil sem fome e o discurso do político

A escola que eles estudam não garante certificado
Só resulta em funeral e o corpo cheio de buraco
Caminhe comigo pelo campo do extermínio

Pra você saber que o tempo de vida aqui é mínimo

Infelizmente a favela já se acostumou
 Perdi a conta das mães que choraram pelos filhos que os policiais
 mataram
 O foda é saber que é o fim da humanidade
 Enquanto o político engravatado cobiça o dinheiro da sociedade

Aprendi que muitos vão se aborrecer e o tráfico de drogas é opção
 pra sobreviver
 O gambé corrupto tá sendo homenageado com medalha de honra,
 ganhando ibope
 Verdadeiros bandidos os porcos do choque
 Que tem no currículo ensino superior concluído

CADÊ ESSA PAZ

Responsabilidade falo sempre a verdade
 O crime que me trouxe pra de tras das grades
 Andar na linha certa esperar meu julgamento
 Esperar o juiz ler meu processo

Um ano trancado dentro do sistema
 O arrependimento deitado na minha jega
 Pensando na família e terminar minha faculdade

Ter os meus direitos e ganhar minha liberdade
 Ter a mente positiva e não se atrasar
 A minha liberdade logo logo vai cantar
 O caminho do bem vai te ajudar

E o inimigo doido pra te matar
 Um dia eu vou sair vou me regenerar
 Com a mente positiva pra não se afundar
 Construir a minha história e conseguir me libertar

CLIMA TENSO

Naquela cena eu nunca imaginei
 Tava tudo certo, infelizmente eu rodei
 Agora no sistema, aqui eu me encarcerei
 Penso na paz que um dia eu sonhei

A visitera é amanhã e os malandro se prepara
 Pra trombar a coroa, que a saudade nunca para
 A rainha vai embora e o ódio sempre volta

Como os dias de luta e a vitória que é a glória
 No sistema não existe amor
 Cada um tá na guerra pra não sentir a dor
 Esperando o alvará

Que o juiz vai encomendar
 Com o sonho que um dia a liberdade vai cantar
 Várias lembranças do mundão
 De quando eu tinha paz dentro do coração
 Sonhei com a libera, até parece ilusão.

COISAS BANAIS

Tentar trazer de volta a paz de quebradas vizinhas
 Que por motivos fúteis querem tirar nossas vidas
 Em pleno meio dia a bala tá comendo
 Tirando a paz do mundo e só trazendo sofrimento

Enquanto a bala come vamos tentar se esconder
 Deita no chão com o seu filho se não acertam você
 E quem vai ligar
 Se em você acertar

O alvo é o inimigo, você no meio não deve estar
 Repercutiu no mundo inteiro, mais uma criança morreu
 Alvo de bala perdida e quem matou desapareceu
 Fugiu, morreu, sei lá o quê que aconteceu

Mas pra assumir é fato que ele não apareceu
 E agora a mãe chora sem saber o que fazer
 Implorando por justiça e o Estado à mercê.

COMPARTILHAR OS SENTIMENTOS

Amor é poder compartilhar os sentimentos
 É poder fazer feliz quem tá do nosso lado
 É poder passar por cima dos maus momentos
 É poder perdoar sem lembrar do passado

Eu fiz essa bela história em um dia triste da minha vida
 Só quem é "vida loca" se identifica
 Ó Deus olha pra mim que estou aqui dentro
 Muita saudade e arrependimento

Não tô me conformando com meu julgamento

Hoje lembranças do passado abalam meus sentimentos
 Como minha mãe me ver como um detento
 Só sinto saudade e arrependimento

Não sei como é que pode existir gente assim
 Nunca me fortaleceu ainda quer falar de mim
 Eu sei ó que passei os mares revezei
 Ideia vai ideia vem.

CONTOS DE FADA

Ho baby vem
 Deixa eu te fazer feliz
 Ho babyvem
 Não importa como vai ser pra mim

Menina linda, dengosa
 Gostei do seu sorriso
 O seu corpo gostoso
 Parece um paraíso

Me deixa vidrado
 Maloqueiro apaixonado
 Coração magoado
 Ao lembrar o passado

O passado é passado
 Melhor deixar pra lá
 Quero você do meu lado
 Poder te agarrar.

DEUS ACIMA DE TUDO

Deus guie a minha mente e conforte meu coração
 Não deixe que eu caia nessa ilusão
 Tudo que eu quero todo dia é ajoelhar
 E pedir sua graça, pra me salvar

Tantas oportunidades, mas nunca vi a porta
 Só por causa de ti, escapei da cadeira de rodas
 Tenho que vencer, tenho que lutar
 Pra que um dia eu alcance o seu altar

Sempre andarei no seu caminho
 Optei pelas rosas e não pelos espinhos
 Pare pra pensar se é isso que você quer

Dar desgosto pro seu filho, sua família e sua mulher

O inimigo é sujo, manipula autoridades
 Forjam até drogas pra tirar sua liberdade
 A inveja do inimigo nunca vai me atingir
 Porque meu Deus é grande e sempre me faz sorrir
 O malfeitor usa pessoas para me perseguir
 Mas minha fé é inabalável e nunca irei desistir.

DIREITOS

Todo mundo tem direitos, tanto eu quanto você
 Então se liga na ideia, no que eu vou te dizer
 Não humilhe ninguém e nem se deixe humilhar
 Quem hoje está por cima, amanhã pode não tá

Vem vamos embora que esperar não é saber
 Quem sabe faz a hora não espera acontecer
 Não importa sua classe, não importa sua cor
 A alma só é vazia onde não existe amor

Uma forma insensata adotada pelo mundo
 O bandido de gravata não se chama vagabundo
 O bandido engravatado tá roubando mais de mil
 E o neguinho da favela adquiriu o seu fuzil

Olha só que mundo hipócrita onde as máscaras não caem
 O Presidente do senado em uma cela ele não cai
 Tem estudo, tem família, tem uma boa condição
 Diferente do neguinho que é chamado de ladrão.

ESCOLHAS

Você faz suas escolhas, suas escolhas fazem você
 Não queira ser mais um, passando na TV
 Estirado do chão, deitado no caixão
 Este é o triste fim do crime, ladrão

Minha mãe tá lá fora entristecida
 Pedindo pra Deus pra me tirar dessa vida
 Acho que minhas forças são minha família
 Que sempre me apoia e me visita

Cada dia que passa é menos um dia
 De humilhação e tristeza pra minha familia
 Se arrependa enquanto há tempo, saia dessa vida

Porque a morte ela vem e não te avisa

Sua mãe chorando no dia de visita
 Vê se valeu a pena a vida bandida
 A saudade tá forte da periferia
 Favela tá no sangue, na mente e na gíria.

ESPERANÇA DE MUDAR

Acordei de manhã com minha mente machucada
 Bateu no coração a saudade da quebrada
 Olho ao meu redor e só vejo essas grades
 Fico me perguntando, cadê minha liberdade?
 Oito horas da manhã vou sair pro banho de sol

Distrair a minha mente lá no futebol
 Esquecer do meu passado, se contentar com meu futuro
 Sei que a felicidade é só atrás do muro
 Enquanto aqui dentro vários querem me matar
 Percebo a maldade somente pelo olhar

Vou ficar ligeiro nesse mar de piranhagem
 Pra não ser mais um exemplo de um morto no caje
 Eu sei que aqui dentro eu só tenho um aliado
 Não importa o que aconteça ele anda do meu lado

Ele é por mim e eu também sou por ele
 Quem sabe quem é? Deus é o nome dele
 Nunca me deixou na mão e nunca vai me deixar
 Porque sempre me amou e sempre vai me amar.

EXISTEM OS DOIS CAMINHOS

Mente positiva, mente negativa
 É uma realidade daqueles que se desvia
 Existem os dois caminhos você pode escolher
 Jesus e o Diabo, decide quem vai ser

E aí meu irmão você pode ser um vencedor
 Todo mundo vem debaixo pra chegar onde chegou
 Mas eu sei que é difícil, muita gente vai julgar
 Só porque puxou cadeia agora vai se libertar

Saia dessas grades, saia dessas grades
 O inimigo te deu tudo, você atrás das grades
 Depois que você muda aí meu irmão

Vem a fúria do inimigo te abraçar pro caixão

Viu a diferença do crime pra salvação?
O Diabo te dá tudo, mas quem te enterra no chão?
Aprende a viver, aprende a escutar
Os conselhos da coroa, não tem preço que paga

As histórias da vida do mano envolvido
Morreu de bala e faca por causa de um amigo
Sempre Deus, sempre Deus em primeiro lugar
Ele é o caminho, pode iluminar.

LÁ VEM OS DE MENOR

Os menor sai de casa pensando no pior
Na cintura um 3 janelas e na mão uma Jericó
Trombou com os inimigos, meu parceiro eu tenho é dó
Saia do meio que lá vem os de menor
Tão tudo pensativo
Tão pronto pro perigo

Tão doido pra roubar várias joalherias pra curtir com as donas
Em Fernando de Noronha, na Praia do Guarujá
Sol nascente é nós que tá
Atrás de um trampo e o governo não quer dá

Os moleque se revolta e começa a roubar
E nós que tá de cima toda hora, abomina os pilantra
Capa reza, capa chora, aterroriza os play boy
Bota eles pra andar, mostra que a vida é louca

2017 é nós que tá na quebrada
Curtindo com as mais gatas
Coma disposição as mulher chama as amigas
Pra curtir na minha mansão.

LEMBRANÇAS DO PASSADO

(Diálogo - parte I)

Igor: E ai mano Jeferson, como é que é parceiro?

Jeferson: Pow, to de boa irmão. Quanto tempo hein?

Igor: Tá fazendo o que da vida? Tem dez anos que nós não se vê.

Jeferson: Pow, eu me formei em Educação Física, to trabalhando como professor e ajudando minha família, irmão. E tu?

Igor: Ah, eu to de boa também, só trabalhando e ajudando minha mãe. É o certo, né?

Jeferson: Novidade

Igor: Se liga, tu nem acredita, tava lembrando de tu esses dia, daquela história de um pivete lá do Recanto. Me conta de novo, tem os dom?

Jeferson: Tenho sim irmão, se liga só:

Tá gravado na memória
 Não tem como esquecer
 A história de um pivete
 Que no crime ia crescer

Sua mãe sempre falava
 Pra seguir o caminho certo
 Pois o errado tem um preço
 Que tu paga no inferno

Onze anos de idade
 Com muita animação
 Ficava interessado
 No movimento dos ladrão.

A HISTÓRIA DE UM GAROTO

Ai pra quem desacreditou toma ai
 Os humilhados serão exaltados
 Nunca se esqueça disso irmão.

A história se inicia num garoto que na vida
 Era sofrido e não importa qual a forma queria
 Ser bem sucedido.

E seu sonho na verdade era algo desconhecido
 E a vida não é fácil vou te dizer
 Muitos problemas em casa um sonho não
 Conseguia ter.

Um pai alcólatra, dois irmãos e minha mãe
 Maria José mulher guerreira
 E as coisas lá em casa num era brincadeira.

Um pai violento muito ausente em casa.
 Chegava descontrolado e nos filhos dava porrada.

MENOS MALDADE MAIS AMOR

No dia a dia da minha vida era só sangue derramado
 Eu via a maldade era mano mantando mano

A maldade é cabulosa ela irmão do ódio
Prima da revolta que mim faz ferve os olhos

Hoje eu estou falando parceiro só vida loca
Mas eu aprendi que nossa vida é uma gangorra
Hoje você tira amanhã tu é tirado
Hoje tu adianta amanhã e adiantado

O banguê é desse jeito se tu mosca cai no aço
Não brinca com fogo se não tu vai ser queimado
O crime é cabuloso é difícil de sair
Tem a fase boa, mas vem o triste fim

O sistema prega ressocialização
Mas são os primeiros a revoltar os ladrão
Eles também falam que bater é violência
Mas bate_tanto que a mente alimenta.

MINHA REALIDADE

Um dia eu acordei na prisão
Eu não pensei, nem tinha opção
Eu aqui dentro penso muito na família
Não deveria ter entrado nessa vida

A vida do crime é sem futuro
O sistema é cabuloso do outro lado do muro
Eu quero sair e cuidar do meu filho
Pra que ele tenha um futuro digno

Dessa vida eu tô de boa
Eu quero dar orgulho pra minha coroa
A vida do crime eu não quero mais
Não quero e nem penso em voltar atrás

Já tô quase um ano nesse lugar
Todo domingo meu coroa vem me visitar
É foda mano, você não sabe
O que é a vida atrás das grades.

NÃO ACEITO PROPINA

Queremos Educação
E mais saúde meu irmão
O Brasil está afundando com tanta corrupção
A crise financeira abala toda a cidade

O rombo nos cofres públicos destrói as comunidades
 Queremos igualdade, respeito e lealdade
 Não aceito propina pra votar nesses covardes
 Quem foi que veio com esse papo

Dizendo que é o Estado
 Que assegura os direitos
 Enquanto nós tá no buraco
 No tampo de eleição vários políticos prometendo

Querendo ganhar votos, passa a perna, vai vendo
 Temos que reconhecer os verdadeiros inimigos
 Que roubam a população e nos tratam igual bandido
 É os de colarinho branco, de terno e gravata.

NÃO DÁ BRECHA PRO DIABO

Amanheceu mais um dia tamo aê
 Sem transparecer as marcas da cicatriz
 Saudades da família, difícil é conviver
 Com essa dor que me faz enfraquecer

Mas vou continuar, eu não posso fraquejar
 Me envolvi sabendo o preço a pagar
 A vida é sofrida e um novo caminho eu vou trilhar
 Altas fitas acontecendo no mundão e eu aqui

Sem ter previsão de quando eu vou sair
 A mente atribulada de tanta trairagem
 Várias pra atrasar e poucas pra somar
 Mas não dá nada

Corro sozinha, mas não corro com safada
 Na rua, também, sempre foi assim
 Irmão matando irmão pelos cash eu já vi
 Desde infância cresceu contigo na quebrada.

NÃO É CONTO DE FADAS

Tome muito cuidado nesse mundo louco
 O menor com uma PT descarregando no seu globo
 A imprensa que cobre, mas não sabe quem foi
 No DF alerta, morreram mais uns dois

A sete palmos da terra você não volta mais

Abraçou o diabo e foi morar com o Satanás
 A cada dia que passa o perigo é constante
 O empresário na esquina não tá derramando sangue

Pesando os sonhos na balança
 Vendendo pra idosos, jovens e crianças
 Se afundando nas drogas desde menor
 Conheceu a cocaína

Não é conto de fadas, é filme de terror
 O menor com a boca azul e na cintura um furador
 Mas essa vida é só ilusão
 Ainda dá tempo de mudar e seguir outra opção.

NO CENÁRIO DA VIDA REAL

A paz está morta e sem propagação
 A única punição é o menino de doze com oitão
 Invadindo condomínio, botando pânico em tudo
 A única salvação foi mais uma viúva de luto
 Pupilas dilatadas

Já não aguenta mais, chora pelas madrugadas
 Com saudade do filho que subiu antes dos quinze
 Que portava quarenta e cinco, pistola de grosso calibre
 Explodia vários vermes, botava pra quebrar

Tinha nojo do político esquiano em Bagdá
 Do governador que vai pro Uruguai
 Ou do primeiro miistro sete estrelas em Dubai
 Enquanto nosso povo esquecido tá na merda
 E de tanto sofrer o coração puro foi pra guerra
 Partiu pro arrebento

Não farinha com água, mas um grão de alimento
 Não vou fazer o que? Não dá pra trabalhar
 Eu sou analfabeto, não consigo estudar
 Dentro de casa as marcas são de sangue
 Do polícia fardado que entrou e bang bang.

O CRIME NÃO COMPENSA

Dizem que o crime compensa
 Mas veja só o Beira Mar, pegou 300 anos de cadeia
 Até hoje ele tá reclamando da vida
 Pensando em se matar, sem ver sua família

Ele só sabe chorar, viajou pro Paraguai, conquistou o Brasil
 Foi preso uma, duas vezes, na terceira ele fugiu
 Mas o que adiantou? Um dia a casa caiu
 Foi preso no Paraguai e transferido pro Brasil

Com 7 advogados nem sua pena diminuiu
 O crime não compensa, pergunte ao Beira Mar
 Tá no presídio força máxima querendo se matar
 Isso não é vida pra ninguém, já pensou você?

Num presídio com mais de 30 bichos tentando sobreviver
 O juiz não tem pena
 Ele nos condena
 Tá pouco se lixando se nós tá de algema.

O CRIME NUNCA MAIS

Internado no sistema há quase um ano
 Eu venho pedindo pra Deus tá me guardando
 Peço pra ele proteger minha vida
 A minha mãe e toda minha família

Aqui nesse lugar só tenho lembranças
 Da minha quebrada e da minha infância
 Eu venho te falar que o crime é ilusão
 A vida do crime é cadeia ou caixão

Hoje eu tô aqui preso nesse sistema
 Trancado numa cela com um par de algemas
 Mas tenho fé em Deus e cabeça erguida
 Se não for eu, quem vai valorizar minha vida?

Estou aqui aguardando uma visita
 Eu já tô louco pra ver minha família
 Tô internado na sentença da santa Maria
 Mas tenho fé que a liberdade vai chegar um dia.

O SONHO QUE NINGUÉM ME TIRA

Tudo vai ser como Deus quiser, graças a ele eu ainda estou de pé
 Ando contra o vento, nado contra a correnteza
 Jesus está comigo e nele sinto firmeza
 Se Jesus curou um cego e fez um paralítico andar

Com certeza a minha vida eu sei que ele vai mudar e ele mudou

mermo e eu mudei de vida,
 Absolvido eis me aqui, o sonho que ninguém me tira
 Não vou pra igreja, mas fui batizado. Hoje não frequento, mas tô bem acompanhado
 Deus tá me dando a oportunidade de ser cantor e essa oportunidade é o que me faz compor a
 letra desta música

Vida bandida é ilusão, mas encontrei Deus só ele é a salvação
 Volte pra Jesus antes que ele volte pra você.
 Vida bandida é sem futuro, você tem que entender.
 Mas o dinheiro fácil com droga, pistola dá cadeia, caixão e cadeira de rodas.
 A fé move montanhas e Deus é fiel, então Jesus Cristo absolve esse réu.

O mundo tá acabando Jesus está voltando e o satanás mais servo vai arrumando
 Deus volta logo, tô cansado de ver corpos mutilados, o que não tem dublê, é pai matando
 filho, filho matando pai.

ONDAS DE FOGO

Apenas um show e a multidão se assusta
 Com as aberrações encontradas na rua
 Lotando as galerias de todas as comarcas
 Com ladrão esquetejando jack na faca

Fala que é bonito que até se encantou
 O pai da menina que o pilantra abusou
 Tava esperando indenização da polícia
 Juntou o ódio armazenado, uma faca e foi pra pista

Esquetejou o freguês do burguês na guarita
 Descontou sua raiva sem deixar nem uma pista
 Cadáver amarrado com o rosto desfigurado
 Depois ateou fogo no pilantra safado

Sinto tanto ódio dentro do coração
 Aqui dentro dessa cela, igual abominação
 Será que eles sentem ódio de mim mesmo
 Ou só me odeiam por eu ter nascido preto.

SOFRIMENTO VAI PASSAR

"Muitos nos julgam pelo que somos, que vivemos mas não sabem a realidade em que
 vivemos"

Se o sistema quis assim
 Vou caminhando contra o vento
 Agora vai dito, depoimento de um detento

Na cadeia de papel o sonho é enterrado

Só restou minha rainha que sempre tá do meu lado
 Altos me falaram que era mar de piranhagem
 Mas nunca imaginei que era tanta cabritagem
 Altos fala que é o certo para cobrar o errado

Mas quem é não se divulga você tá ligado
 Não vamos se esquecer que também tem as responsa
 Que não dá falha no sistema, firme e forte continua
 Com essa letra no papel demonstrando que é postura

Mas agora vou falar pros meus mano se alertar
 A vida é curta, mas há tempo de mudar
 Tudo isso que vivemos é pura ilusão
 Acorde pra vida antes que acabe num caixão.

SONHANDO COM A PAZ

Vou cometer um B.O. ou traficar na esquina
 Desde moleque sonhando com os quilo de cocaína
 Só vai descobrir que esse sonho é como um filme de ficção
 Quando estiver tomando tapa na cara algemado no camburão

Eu queria outra vida, não o sofrimento atrás das grade
 Poderia estar com minha família, comemorando a liberdade
 Isso é foda, abala meu sentimento
 De ver minha coroa chorando, de desgosto morrendo

Quando percebo que sou como um câncer pra sociedade
 Pergunto pra Deus se ainda tenho jeito
 Ou vou morrer no 157 com vários disparos no peito
 Fico indignado quando vejo na televisão

O falso discurso do político corrupto dizendo que no Brasil não falta educação
 Vermes covardes, psicopatas de farda
 Se você é negro, tão nem aí, aperta o gatilho e te mata
 Menos oportunidades.

SE LEMBRA DO MOLEQUE

Refrão 2x
 Se lembra do moleque, sua vida era roubar
 Hoje virou doutor, conseguiu se fonnar
 Se lembra do moleque, sua vida era roubar
 Hoje virou doutor, pode até te ajudar

Desde pivete eu já via as correria
 Morava de aluguel, nem dinheiro eu tinha
 Uma mãe trabalhadora e um pai ausente
 Com tanta dificuldade que marcou a minha mente
 É tipo não dá pra esquecer
 Quando olhava aquela mesa e não tinha o que comer
 O tempo foi passando e o moleque foi crescendo
 Click, Click, Cleck ele tá puro veneno
 Começou vendendo droga e depois foi assaltar
 Aos 13 de idade 121 na sua ficha
 Pensamentos vai a mil do crime que usufruiu
 Cadê esse governo que só fode com o Brasil
 Bolsonaro tá aí, negando a pandemia
 Dizendo que acovid é só uma gripezinha
 Sem acesso a vacina, várias famílias perdidas
 Diga não a Fake News e governo de mentira
 Diz que é do bem o que ele faz você não imagina
 1 dólar de propina por uma dose de vacina
 Bate uma tristeza de tanta maldade
 Mais o estudo é o escudo e destrava as grades
 O aluno aprende o professor ensina
 Vou tenninar os estudos e dar orgulho pra família
 Tenho fé na vitória, se liga meu irmão
 E quando eu conquistar vou cantar esse refrão

Refrão 2x

Se lembra do moleque, sua vida era roubar
 Hoje virou doutor, conseguiu se formar
 Se lembra do moleque, sua vida era roubar
 Hoje virou doutor, pode até te ajudar

SABEDORIA É UM DOM

Refrão 2x

Quantas lágrimas derramei pra poder sorrir .
 Só hoje vejo o efeito que isso tudo surtiu e mim
 Eu tô cansado de escutar barulho da viatura
 Mão na cabeça, documento e manter a postura

Sabedoria é um dom, mas tem que saber usar.,
 Entre lágrimas e risos eu venho a testemunhar
 É que a vida é louca, a lei dos mais espertos
 Deu mole na quebrada vai parar no necrotério
 De um lado a mãe chorando, do outro os firma rindo
 Achando que tá certo apertando o gatilho

Se prostando ao diabo enquanto ele dá risos
 Na fila da morte cada vez mais corrompido
 Deu o fim de semana, é hoje a visitera
 Agradeço por tá preso, assim eu vejo minha guerreira
 Escapando da morte, das maldades do mundão
 Mas eu sei que eu sou guerreiro e sigo forte na missão
 O Bolsonaro quer diminuir os assaltos
 E o "cidadão de bem" cada dia mais armado
 Não, não, não, só vai-aumentar os homicídios
 Femicídio, latrocínio e os paisJJ latando os filhos
 Aonde vai parar essa cultura brasileira
 Se o progresso que eles dizem eu só vejo na bandeira
 População annada não vai adiantar
 O riso se vai para lágrima rolar
 O governo não quer investir em Educação
 As Escolas estão fechando e abrindo mais prisão
 O governo não quer investir em Educação
 As Escolas estão fechando e abrindo mais prisão

Refrão 2x

Quantas lágrimas derramei pra poder sorrir
 Só hoje vejo o efeito que isso tudo surtiu e mim
 Eu tô cansado de escutar barulho da viatura
 Mão na cabeça, documento e manter a postura

SÓ ORGULHO PRA FAMÍLIA

Refrão 4x

Mano estou cansado dessa vida bandida
 A partir de agora é só orgulho pra família

Estou cansado dessa vida, enjoado dessa rotina
 Todo dia a mesma coisa, todo dia a mesma fila
 Acordo às 6:30 pra fazer a conferência
 Estou aqui porque errei, pare e pensa
 Sou da favela, preto, pobre e sofredor
 Mas em recompensa tenho saúde, paz e amor
 Minha família está lá fora e a saudade só aumenta
 Estou aqui porque errei e tenho minha consciência
 Saudade da.quebrada, jogar um futebol
 E a saudade só aumenta quando eu olho pro sol
 Mas pra minha mãe é só sofrimento
 Sabe como é foda essa vida de detento
 Deitado na minha jega eu começo a pensar
 Que horas vai chegar o tal do alvará
 Aqui dentro da cadeia trombei vários pivete

Um salve pra minha quebrada 34 Gama Leste
 Com 16 de idade já estou atrás das grades
 Fico só pensando na minha liberdade
 Como diz o ditado “não chore o leite derramado”
 Cansei de tá no corre, passar a noite virado
 Quem sabe com essa letra eu vire um cantor
 Eu mudei de vida e Deus me abençoou
 Quem sabe com essa letra eu vire um cantor
 Eu mudei de vida e Deus me abençoou

Refrão4x

Mano estou cansado dessa vida bandida
 A partir de agora é só orgulho pra família

AQUELA CENA

Refrão 4x

Risos e lágrimas sempre vão rolar
 Mais um parceiro acabou de nos deixar

Aquela cena não sai da minha mente
 Eu de bala clava grudando o gerente
 Botando maior terror, todo mundo deitou
 O corre deu bom. 70 mil nós levou
 O plano de fuga tinha tudo pra dar certo
 Mais o segurança logo sacou o ferro
 Ele deu dois tiros e o parceiro acertou
 Eu tentei socorrer, mas não adiantou
 E nesse momento nada fazia sentido
 Pois o meu parceiro tinha levado um tiro
 Tínhamos que sair, pois estávamos em perigo
 Mas o meu parceiro estava ali caído
 Eu o coloquei no carro e acelerei
 Rumo ao cativo aonde eu me entoquei
 Depois sua família veio me perguntar
 Cadê o meu filho? Onde é que ele está?
 E foi nessa hora que eu tive que falar
 Ele levou dois tiros tentando me salvar
 Depois de algum tempo do crime me aposentei
 Do nada veio na mente e do parceiro eu lembrei
 Fui no seu túmulo levar algumas flores
 Lembrei daquela cena que deixou várias dores
 Quando saí dali, passei na sua casa
 Deixei uma numera que sua esposa não esperava
 Sua mulher com 8 meses, seu filho vai nascer
 Pode ficar tranquilo que meu papel eu vou fazer

Se passou um mês e o Emerson nasceu
 Ele é sua cara foi um presente de Deus

Refrão 4x

Risos e lágrimas sempre vão rolar
 Mais um parceiro acabou de nos deixar

DEUS É MAIS

Refrão 4x

Mas tô de boa, não quero mais a vida errada
 Quero ir pra Igreja e ler a minha sagrada

Uns se arrependem outros tentam ser feliz
 Uns compreendem outros nem sabem o que diz
 Um aprendizado em cada obstáculo
 Quebrando barreiras pra ser mais um homem honrado
 Desde menor eu fui criado no tráfico
 Andando sempre pelo certo pra não ser eliminado
 Caí na pista e não foi por acaso
 Mas o sonho do menor é comprar vários carros
 O crime não compensa, então para e pensa
 Ele vai te levar para a cova ou para a algema
 Eu quero viver livre, longe do Sistema
 Saudade dos amigos que se foi na mesma cena
 O crime é loko, tú tá ligado
 Uma hora tá em cima outra hora está em baixo
 O diabo joga sujo, não, não tem replay
 A vida não é Netflix pra voltar outra vez
 Por falta de opção no crime me formei
 Com o decorrer do tempo já matei e trafiquei
 Hoje me encontro preso, e penso muito
 No que eu fiz de errado que me levou pro fim do túnel
 Mas eu me arrependo do que eu fiz
 Hoje na minha mente levo várias cicatriz
 Eu já sonhei muito, fiz várias metas
 Mas infelizmente não realizei nenhuma delas
 Eu nunca desisto e vou avante
 Cantando o meu som representando os meliantes
 Vivido em Ceilândia já passei por muita fase
 Hoje, infelizmente, me encontro atrás das grades
 Saia da vida do crime, nunca é tarde
 Se tú tá na tranca, canta, canta liberdade
 Mas eu tô na fé aguardando o alvará
 Tô ansioso esperando ele chegar
 É só desavença que a cadeia traz

E o diabo tá sempre por perto, mas Deus é mais
 Eu peço perdão pelos meus pecados
 Que a luz do teu rosto ilumine os meus passos
 Não é nada fácil a vida de um detento
 Por que o crime é loko e o processo é lento
 O caminho certo a gente até tenta
 Mas é muito difícil aqui na sentença
 Mas eu sou falho e admito isso
 Se ontem eu fui tirado hoje é respeito aonde eu piso
 Mas eu sou falho e admito isso
 Se ontem eu fui tirado hoje é respeito aonde eu piso
 Mas eu sou falho e admito isso
 Se ontem eu fui tirado hoje é respeito aonde eu piso
 Mas eu sou falho e admito isso
 Se ontem eu fui tirado hoje é respeito aonde eu piso

É TEMPO DE AGIR

Refrão 2x

Já estou cansado dessas várias covardias
 É tempo de agir, acabar com essa pandemia
 Esse vírus cruel já levou vários amigos
 O passado é só lágrima e o presente é só riso

Preto e pobre da favela que é desmerecido
 A cada minuto morre um de corona vírus
 Faço a minha oração para todas as famílias
 Que perdem seus parentes para a maldita pandemia
 Eu podia tá na rua, lutando com muita sorte
 Mas estou cantando em homenagem ao Sandrox
 Infelizmente ele se foi deixando muita saudade
 Pelo vírus cruel da nossa realidade
 Feliz aqui na ele fez o seu papel
 Agora tá lá em cima junto com o papai do céu
 Começo a lembrar chega o meu peito arde
 Um mano que já se foi deixando muita saudade
 Por isso eu agradeço e quero sair dessa vida
 Enquanto um ladrão mata um pai de família
 Que sai 6 horas da manhã pra trabalhar
 Buscando um dinheiro pra família alimentar
 E a mulher na esperança que ele vai voltar
 Enquanto o filho pergunta: Mãe, papai vai demorar?
 O pai espera o baú, cedo na parada
 Chega o menor e assalta com uma faca
 O cara sem reação, só com o dinheiro da passagem
 Enquanto o menor enfia a faca na trairagem

Estou cansado de lágrimas agora só quero risos

Refrão 4x

Já estou cansado dessas várias covardias
 É tempo de agir, acabar com essa pandemia
 Esse vírus cruel já levou vários amigos
 O passado é só lágrima e o presente é só riso

VOCÊ VALE O QUE É E NÃO O QUE SE TEM

Refrão 4x

As lágrimas escorrem pelos meus olhos
 Vou pensar em liberdade com gosto de ódio

Nóis tinha um sonho, desde pivete
 Via os mano na quebrada passando de Juliete
 O tempo foi passando, começamos a fumar beck
 Pegamos uma Glock... Klick Klick Kleck
 Eu achava que isso era tudo na vida
 Vi meu mano morrer em uma chacina
 As lágrimas caíram como Água corrente
 A tristeza e a depressão dominaram a minha mente
 Quando vi meu mano com dois tiros no globo
 Quis partir pro arrebento e dar o revide em dobro
 Sai para cobrar e acabei sendo cobrado
 Na justiça dos homens eu fui condenado
 Um ano e dez meses de internação
 Deixei minha mãe chorando de decepção
 Agora um filho preso e o outro morto
 Me desculpa mãe por te dar esse desgosto
 Mãe, sei que a fase tá difícil
 Mais o choro vai passar e vai ficar o sorriso
 Lágrimas agora só de felicidade
 De ver seu filho saindo de trás das grades

Lágrimas agora só de felicidade
 De ver seu filho saindo de trás das grades
 Lágrimas agora só de felicidade
 De ver seu filho saindo de trás das grades

Refrão 4x

As lágrimas escorrem pelos meus olhos
 Vou pensar em liberdade com gosto de ódio

OBRIGADO MEU DEUS

Refrão 4x

Obrigado meu Deus, por de mim não esquecer
E por guardar minha família, eu só tenho a agradecer

Deito na minha jega e paro pra refletir
Pensando na coroa que tá orando por mim
Por que é tão difícil ficar sem ocorrência
Há cada BO é mais 6 meses de sentença
Peço para Deus sempre me guiar
E quando eu cair ele vai me levantar
Obrigado meu Deus por mais um dia de vida
Por me botar no eixo seguindo a sua trilha
O caminho que eu sigo nesse loko mundão
É maldade na mente e ódio no coração
Menor favelado atrás do cifrão
Com uma 938 ninguém me pega não
Eu entrei pro tráfico, eu era muito novo
Botava pra vender e não passava sufoco
Sou de menor e o que vai acontecer
O estava nem aí, eu paguei para ver
Acabei vindo parar aqui na sentença
Ultimamente meus pensamentos só me condena
Nem tudo o que eu penso aqui posso dizer
Aqui qualquer coisinha e motivo pra morrer

O crime é roda gigante tentando te iludir
Te joga para o alto pra depois você cair
Você pensa que tá bom, mas vê que deu ruim
Uns querendo entrar e outros querendo sair
Não haja por impulso e pare pra pensar
O crime te dá com uma mão, pra com a outra tirar
Não haja por impulso e pare pra pensar
O crime dá com uma mão, pra com a outra tirar

Refrão4x

Obrigado meu Deus, por de mim não esquecer
E por guardar minha família, eu só tenho a agradecer

ETERNO SANDROX

Refrão 2x

Eterno Sandrox nunca vou te esquecer
Essa música eu fiz em homenagem a você
Eterno Sandrox nunca vou te esquecer
Milhares de vidas se foram e uma delas é você

Vou falar de um guerreiro que fez uma história
Que aqui na terra deixou sua trajetória
Foi num leito de hospital, tipo ring de box
Não venceu a luta, nós perdemos o Sandrox
Mais se Deus quis assim, a gente vai se conformando
Perdemos um guerreiro, mas o céu ganhou um anjo
Ele mandava um papo, um papo de responsa
Sempre acreditando no futuro das crianças
Não cantava por dinheiro, mas sim por alegria
Um guerreiro sofredor matava um leão por dia
Um cara batalhador que sempre nos ajudou
Aí mano Sandrox que saudade tú deixou
Como eu queria que tú imitasse a Globo
E voltasse aqui pra Terra, vale apena ver de novo
Mas como você morreu, o que eu poço fazer
Ah, mas que saudade que nós sente de você
Bora, vida segue, então, vamo que vamo
Através do RAP vou tá te representando
Eterno Sandrox, você fez a diferença
Ah mais que saudade eu tenho da sua presença
Por conta de uma doença você acabou partindo
Não foi só você, milhares se foram contigo
Mas aqui eu prossigo e não vou me abalar
Minha fé move montanha que isso vai acabar
Pode demorar, talvez demore um pouco
Quando vai parar a estatística de morto
Isso é bem diflcil, mas estou sendo forte
Ah mas que saudade que nós sente do Sandrox
Mas infelizmente ele teve que ir embora
Deixou o seu sobrinho, um moleque da hora
É o Castelo Beatz um guerreiro sonhador
Que pena que o seu tio dos 40 não passou
Ele fez uma viagem, mas foi só de ida
E sua passagem custou a sua vida
Em 2018, Sandrox foi chapa quente
Venceu a concorrência no Brasília Independente
Por isso nessa vida não podemos desistir
Eu não entendo porque ele teve que partir
Em nossas memórias o Sandrox não morreu
Ele fez uma viagem, foi se encontrar com Deus
Sempre foi trabalhador, ele era um bom cantor
2021 sua carreira encerrou
Cantando esse RAP eujá representei
Pode ter certeza eu nunca te esquecerei
Quando você morreu não tive chance de despedida
Eu tava cumprindo Medida Socioeducativa

Já dizia Marília antes de morrer
 Ninguém vai sofrer sozinho, todo mundo vai sofrer
 Sandrox era humilde, sempre foi respeitador
 Muitos queriam chegar aonde ele chegou
 Aqui no DF ele deixou o seu legado
 Pode ter certeza, tú sempre será lembrado
 Ele nunca desistiu, tava sempre persistindo
 Nas horas mais difíceis ele vivia sorrindo
 Sempre atitude para vencer a batalha
 A vida que nós leva não é conto de fadas
 Tipo barco em alto mar, sem nno e sem comida
 Fico me perguntando: Qual o sentido da vida?
 Mas eu vou descobrir só quando eu for embora
 A morte vem pra todos, mas só Deus sabe a hora
 Sua vida encerrou e trouxe muita tristeza
 Trouxe muita saudade pra família com certeza
 E por aqui eu fico e tô representando
 Um salve pros finados que na paz tão descansando

Refrão 2x

Eterno Sandrox nunca vou te esquecer
 Essa música eu fiz em homenagem a você
 Eterno Sandrox nunca vou te esquecer
 Milhares de vidas se foram e uma delas é você

A FRAUDE DO GOVERNO

Refrão 4x

A fraude do governo vai sobrar para todos
 Se a população não abrir o olho

Eles querem nos manipular, nos iludir
 Achar um caminho que vai nos autodestruir
 Na televisão só passa desgraça
 Pandemia, assassinatos, queimadas das matas
 É só abrir o olho e pensar bem
 A Covid veio da China e a vacina também
 O mundo está girando em torno do dinheiro
 Somos escravos do maldito governo
 Pagamos muitos impostos e não temos nada em troca
 Não temos qualidade nos Hospitais e Escolas
 A sociedade implora e lágrimas escorrem
 O governo dá risada e só o povo sofre
 Nos tempos de eleição eles pagam de bonzinhos
 É muita conversinha pra pouco serviço
 Na Lava Jato lavam mais de bilhões

Enquanto a sociedade está sem condições
 Não temos escolhas, nos viramos com o que temos
 É pagar o aluguel ou dormir no relento
 O que tá acontecendo é desigualdade
 O governo roubando e o trabalhador atrás das grades
 Ordem e progresso até hoje eu nunca vi
 Vários morreram na fila da UTI
 Enquanto eles estão lá dando risada
 Nossa população se acabando em lágrimas
 Muito cuidado na hora de votar
 Um rostinho bonito não vai te ajudar
 É o fim dos tempos e ninguém acredita
 Tá no apocalipse olha aí na Bíblia
 É só ligar a TV e prestar atenção
 Pessoas se matando, irmão matando irmão
 O dólar aumentou e o Brasil prejudicou
 Enquanto isso o governo lucrou
 A luz aumentou, tudo aumentou
 O que vamos fazer seu Governador
 A luz aumentou, tudo aumentou
 O que vamos fazer seu Governador

Refrão4x

A fraude do governo vai sobrar para todos
 Se a população não abrir o olho

A DOR DA SAUDADE

Acordar do pesadelo e enfrentar a caminhada
 O diabo é sujo e almeja sua alma
 O crime não é o creme, pare e pense irmão
 E quando você cai no chão de uma prisão
 É foda a lei do cão, mas fazer o que se a ocasião faz o ladrão
 Mas com Deus do meu lado, vou prosseguindo
 Com o salmo 121 eu vou seguindo
 Só o senho mesmo pra me fortalecer
 Em meio a essa guerra eu sei que vou vencer
 Atrás das grades não tá fácil não
 Longe da família, chega aperta o coração
 Aqui a cada dia é uma novela
 Tem umas resposta e outras comédia
 Trairagem e pilantragem estou sentindo na minha pele
 O gosto da crocodilagem, crocodilagem

Refrão 2x

Mãe, se eu tivesse te escutado
 Estaria ao seu lado
 Não atrás das grades
 Reflito e sinto a dor da saudade

Me perdoa mãe, sei que te fiz chorar
 Preocupada esperando sua filha chegar
 E eu nos frevo, fumando maconha
 Ostentando com os parceiros e viajando na lombra
 Dando atenção pra quem não me amava
 E desprezando quem mais se preocupava
 Mãe, sei que errei, te fiz chorar
 Te decepcionar
 Só queria saber de armas e drogas
 Mas hoje eu preciso do amor da senhora
 Que é mais valioso do que um diamante
 A senhora pra mim vale mais que mil brilhantes
 Mãe, não fique triste por mim
 É só uma fase ruim que um dia vai ter fim
 Nada que o tempo não faça passar
 Te amo demais, nunca vou te abandonar.

ESCOLHAS

Você faz suas escolhas, suas escolhas faz você
 Não queira ser mais um passando na TV
 Estirado do chão, deitado no caixão
 Este é o triste fim do crime, ladrão
 Minha mãe tá lá fora entristecida
 Pedindo pra Deus pra me tirar dessa vida
 Acho que minhas forças são minha família
 Que sempre me appia e me visita
 Cadia que passa é menos um dia
 De humilhação e tristeza pra minha família
 Se arrependa enquanto há tempo, saia dessa vida
 Porque a morte ela vem não te avisa
 Sua mãe chorando no dia de visita
 Vê se valeu a pena a vida bandida
 A saudade tá forte da periferia
 Favela tá no sangue, na mente e na gíria
 Saudade da minha casa eu tenho todo dia
 Mas aque é um processo pra eu mudar de vida
 Vida bandida não quero nunca mais
 Malandragem é viver, viver sempre em paz

Refrão 2x

Luxo, fama, droga e revolver
O crime te dá tudo, mas você devolve
Com choro dor cadeia e morte
O crime é traiçoeiro
Encarcerados no sistema, lá tem vários manos
Ceilândia e Samambaia, Planaltina e Recanto
Santa Maria, Areal, os manos da Estrutural
Tá ligado que é crime Distrito Federal
Itapuã, Paranoá, Varjão e Brazlândia
São Sebas, Sobradinho, Riacho e o Gama
Encarcerados em mais uma unidade de internação
Tá ligado não é fácil ficar longe da família não
Tempo passando e parei pra refletir
Pra que sofrer se eu posso sorrir?
Hoje em dia o que eu mais quero é um dia ir embora
Dar futuro pra minha mãe porque ela chora
Na visita ela tá lá sempre me adiantando
Nesse mundo que nós vive ela é tudo que eu mais amo
Eu não sendo pra ela não sofre
O pensamento é o mesmo, não posso me esquecer
E os rolê? Ficou pro passado
O passado não esqueci, serviu de aprendizado
Vida bandida não quero nunca mais
Malandragem é viver, viver sempre em paz

Refrão 2x

Luxo, fama, droga e revólver
O crime te dá, mas você devolve
Com choro, dor, cadeia e morte
O crime é traiçoeiro, irmão não se envolve